

fundamentos

ANO IV • N.º 22 • SET. 1951



III CONGRESSO PAULISTA DE ESCRITORES

A FÍSICA NUCLEAR NA U. R. S. S.

Professor ROMULO ARGENTIERI

POEMA DE ANIVERSARIO

Clovis Moura

Dan

Nelo

CHARGES

A MÚSICA NA POLÔNIA

Edoardo de Guarnieri

O "RECO-RECO"

Conto de
Ibiapaba Martins

O VALE DO PARAIBA

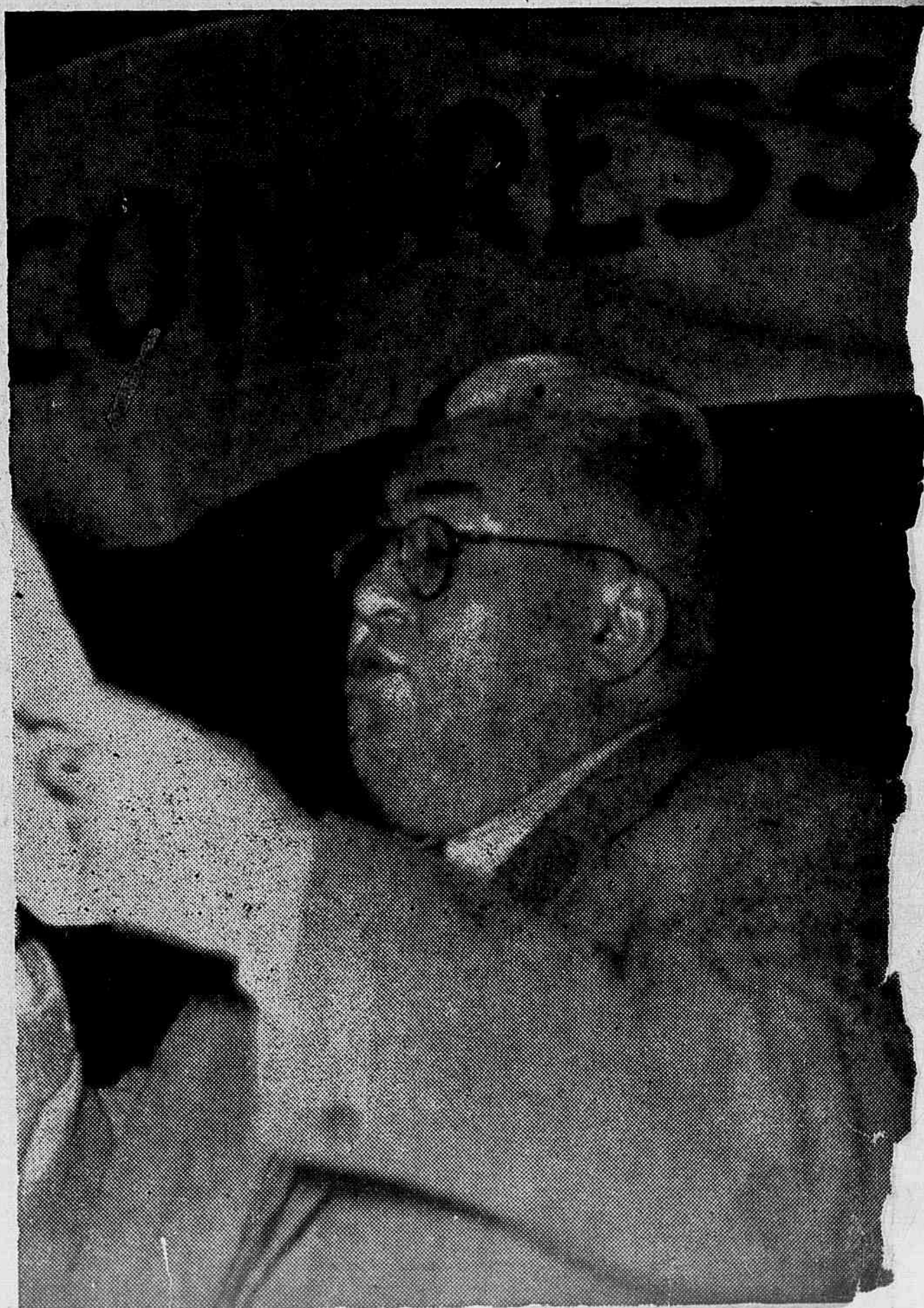
Catulo Branco

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR

MONTEIRO LOBATO



INDICE

Independência Nacional e Cultura Brasileira	2
O III Congresso Paulista de Escritores	3
Poema de Aniversario	
<i>Clovis Moura</i>	6
"Problemas" Atuais — Charges	
<i>Nelo</i>	8
A Bienal e seus defensores	
<i>Fernando Pedreira</i>	13
Cultura e luta de classes nas democracias populares	
<i>Josef Revai</i>	14
A música na Polônia	
<i>Edoardo de Guarnieri</i>	16
O "Reco-Reco" — Conto	
<i>Ibiapaba Martins</i>	20
Perspectiva sobre a Física Nuclear na União Soviética	
<i>Professor Romulo Argentieri</i> ..	23
A arte dos loucos	
<i>Dr. João Belline Burzu</i>	26
Uma cientista soviética	27
Livros e Revistas	30
Cinema	30
Recuperação econômica do Vale do Paraíba	
<i>Catulo Branco</i>	32

COMISSÃO DE REDAÇÃO: Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivaldavia Mendonça, Rui Barbosa Cardoso e Fernando Segismundo.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — Sala 96 — São Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: - Rui Barbosa Cardoso.

Independencia Nacional e Cultura Brasileira

A data de 7 de Setembro simboliza para os brasileiros a luta secular pela independência nacional. O significado da efeméride cresce de ano a ano, a medida que o nosso povo, inspirado nas lutas do passado e avançando na compreensão de que a sua real independência só se efetivará no dia em que rompermos os grilhões imperialistas — toma posições cada vez mais decididas em defesa do progresso, da felicidade e do futuro do país. Bem por isso, assumem caráter cada vez mais graves as atitudes dos que por interesse ou hipocrisia, ou ambos, não saibam honrar a dignidade da magna data. Muitas dessas atitudes, repontaram neste último 7 de Setembro, com a marca terrível do acinte ao povo ou da traição aos interesses da nacionalidade. Nas comemorações oficiais, celebradas na Capital da República, alguns fatos revelaram um grão inaudito de desfibramento nas classes dominantes. Um hino indigno, escrito por Manuel Bandeira e musicado por Vilas Lobos, duas festejadas expressões da cultura oficial, foi cantado por escolares brasileiros em homenagem a um general americano, levando-lhe a garantia, de resto mentirosa, de que estamos dispostos a aceitar a colonização do Brasil. No discurso oficial do Presidente da República, peça vasada na costureira demagogia do atual governo, procuram as classes dominantes do país escamotear o fato incontestável de que não temos independência política efetiva pelo fato de não termos independência econômica, atrelado que estamos ao carro econômico do imperialismo americano. Procuram as classes dominantes desfibrar o nosso povo com a tese de que já temos independência política, e que a independência econômica é longo processo de aperfeiçoamento das "Instituições vigentes". Tais assertivas, feitas em 7 de Setembro, constituem escárnio à consciência política de nosso povo e desprezo pela sua capacidade de resolver seus destinos. Ao mesmo tempo em que o imperialismo obriga seus agentes às atitudes de descarada traição, procura confundir os espíritos com manobras sub-reptícias do mais falso internacionalismo, e isso principalmente no terreno cultural onde as frases bombásticas podem enganar mais do que as estatísticas ou a realidade inescapável dos fatos diários. Ainda agora, reúne-se no México uma conferência cultural patrocinada pela Organização dos Estados Americanos, de cuja divisão de relações culturais é diretor o Sr. Alceu de Amoroso Lima, mais conhecido como Tristão de Ataíde, descarado agente cultural do imperialismo americano. Essa conferência se destina a acertar medidas, baseado em resoluções da famigerada reunião de Bogotá, para a padronização das culturas nacionais americanas, naturalmente nos moldes americanos que deveriam prevalecer em todo continente, da mesma maneira que nas resoluções militares se previa a padronização dos armamentos e fardamentos. É o cosmopolitismo na sua forma mais exdruxula, a forma hemisférica ocidental. Mas não basta. Já se movimenta o governo no patrocínio custoso de um Congresso da União Latina, urdidura franquista de que não poderia estar alheio, como de fato não está, o Sr. João Neves da Fontoura, que é um dos fundadores da misteriosa União Latina.

E nessa conjuntura e manobras e articulações contra a cultura brasileira e a independência do Brasil que adquire relevo marcante na vida nacional, o IV Congresso Brasileiro de Escritores, a reunir-se em Porto Alegre para a discussão, sem reboços, dos graves problemas da defesa de nossa cultura, das justas reivindicações de nossos homens de letras, e, para discutir com a responsabilidade que tem os escritores, os problemas de nosso povo, entre os quais, avultam precisamente os magnos problemas de nossa independência, política, econômica e cultural, a defesa do patrimônio nacional com a preservação da paz.

O III CONGRESSO PAULISTA DE ESCRITORES

Desde a mesa redonda de 10 de julho que as atenções dos intelectuais progressistas de São Paulo estavam voltadas para o III Congresso Paulista de Escritores, convocado naquela ocasião por sugestão da A.B.D.L., seção de São Paulo, como preparação para o comparecimento dos escritores de nos-
des de excursões ao interior do Estado para contato com os conrades e as populações interioranas, bem como de festivos atos públicos de contato com o povo da capital. Dessa orientação In-
de Escritores, que ampliou considera-
vemente o âmbito de sua influência, ganhando de retorno, uma autoridade to se beneficiou o III Congresso Paulista
tensiva preparação para os trabalhos do
certame ao promover essa longa e in-
minares nasceram as sugestões básicas
para toda elaboração de ideias e do-
cumentos que se corporificaram subse-
quentemente nas teses e relatórios
apresentados ao Congresso, que acaba
de realizar-se com grande êxito, de 7
a 10 do corrente. Das mais acertadas a
orientação da comissão organizadora do
Congresso, entremeando suas ativida-
so Estado ao IV Congresso Brasileiro
de Escritores. Daquelas debates prei-
que desconhecera seus predecessores.
Com uma preparação de amplitude tão
alargada não poderia deixar de ter o
grande conclave dos intelectuais pau-
listas a ressonância que teve e a re-
percussão que vem tendo os resultados
de seus trabalhos. A festa de poesia rea-
lizada no dia 3 do corrente, nesta Ca-
pital, com uma assistência de mil pes-
soas, e na qual elementos de todas ca-
madas da população paulistana toma-
ram contato com as melhores produ-
ções de nossa poesia atual e com as
grandes obras de nossa tradição poe-
tica, destinava-se a ser um marco na evo-
lução de nossa cultura, pois assinala, de
um lado o movimento dos escritores,
conscios de suas responsabilidades so-
ciais, em direção ao povo a que per-
tencem, e de outro o entusiasmo com
que a população procura acompanhar o
desenvolvimento do trabalho intelec-
tual. O entrelaçamento entre o escritor
e o povo, assunto sobre o qual multi-
plicam-se as teorias, só poderá ser re-
solvido quando os escritores tiverem a
coragem e a confiança em suas produ-
ções suficientes para submeterem-nas
diretamente aos seus leitores. O espí-
rito da responsabilidade social do es-
critor foi a característica fundamental
de todos os trabalhos deste III Congres-
so Paulista de Escritores, e nisso está
toda sua importância e mesmo sua
grandeza. Mesmo as reivindicações pro-
fissionais, justas, imediatas e específi-
cas do escritor, não foram renovadas
neste congresso, desvinculadas das jus-
tas e inadiáveis reivindicações da mas-
sa do povo brasileiro; foram a elas li-
gadas de maneira a que a luta pela
sua satisfação seja uma e indivisível,
como de fato são imbuídos desse espí-
rito não poderiam as discussões e os
trabalhos do Congresso dos escritores
paulistas deixar de se alçar a um nível
superior de dignidade e responsabi-

fundamentos

lidade, que seus detratores não consegui-
ram, nem de longe, atingir.

As sessões do Congresso tiveram
grande concorrência, especialmente as
sessões solenes de abertura e encerra-
mento, que contaram com a presença de
delegados de vários municípios, de par-
lamentares e jornalistas. Acompanhou
o desenrolar do Congresso na qualida-
de de seu presidente de honra o gran-
de romancista Graciliano Ramos e os
escritores Mécio Tati e Zora Braga,
representantes da Comissão Organiza-
dora do IV Congresso Brasileiro de Es-

critores. A sessão de encerramento com-
pareceu, em nome daquela Comissão,
o romancista Dalcídio Jurandir. A Ca-
mara Municipal de São Paulo fez-se re-
presentar oficialmente por seu presi-
dente, vereador André Nunes Junior.

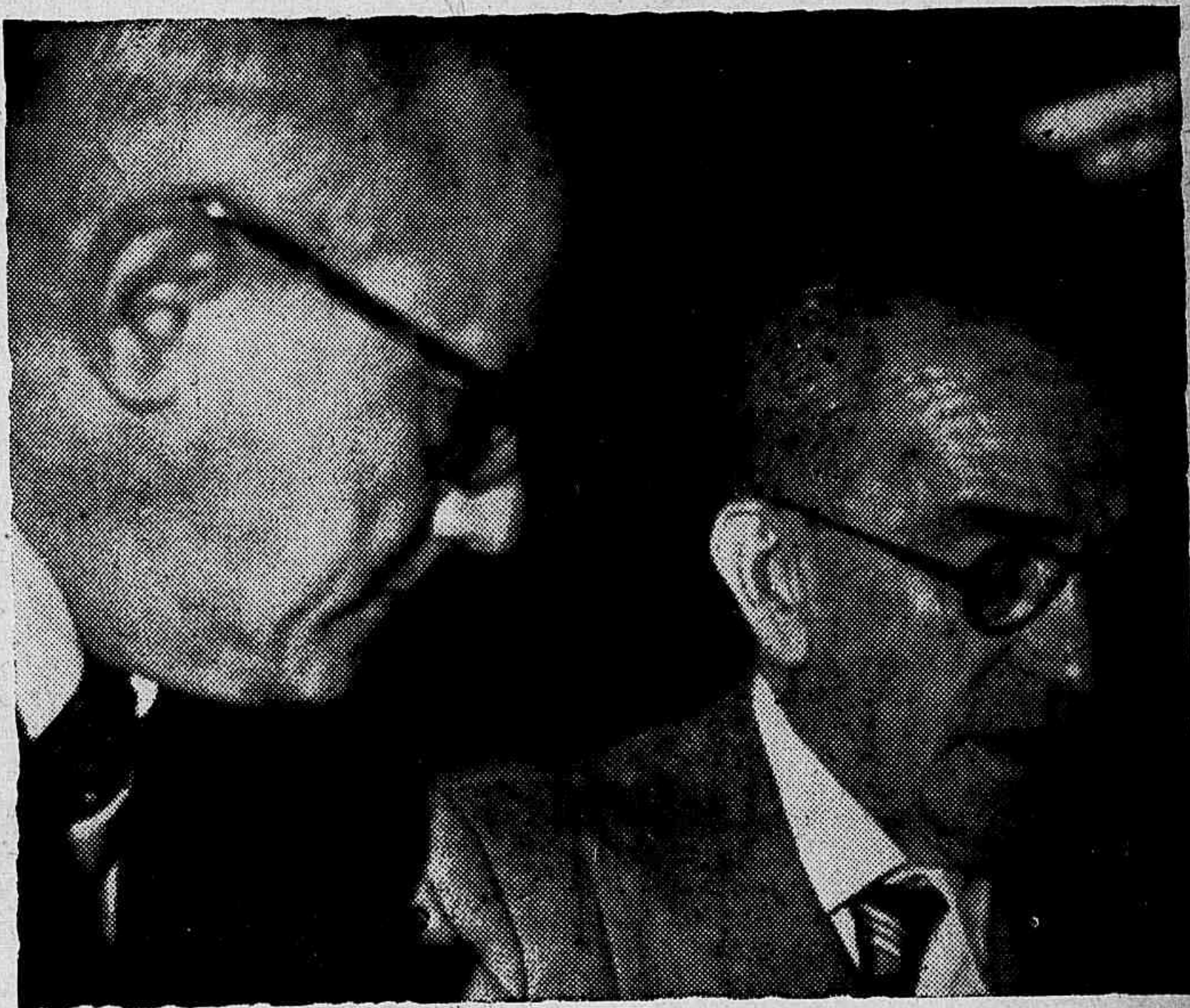
Para que nossos leitores possam for-
mar um juízo sintético do que foi o III
Congresso Paulista de Escritores, trans-
crevemos, nestas páginas alguns dos
documentos fundamentais desse memo-
rável conclave da inteligência de nossa
terra.

*Resumo do relatório da segun-
da sub-comissão de Teses, refe-
rentes ao item do temário "Pro-
blemas atuais do desenvolvimento,
difusão e liberdade da cultura,"
apresentado ao plenário pelo es-
critor Abguar Bastos, em 8 de
setembro de 1951.*

*"O desenvolvimento da Cultura está
relacionado diretamente com o Progres-
so dos povos. Se, os índices de baixo
nível de vida, de analfabetismo, de pau-
perismo, de alastramento das doenças
sociais e outras conjunturas de aflição
e atraso, se apresentam no quadro da
realidade das relações sociais de qual-
quer povo, isto indica a existência de
formas obstrucionistas do progresso, e,
em consequência, índice alarmante de
atraso cultural."*

*"No que se refere ao Estado de São
Paulo, padrão excelente para pesquisas,
porque se trata de região de mais rica
e valorizada produção" — prossegue o
relatório "a análise das condições de
vida do povo permite identificar uma
situação pouco edificante e na maioria
das vezes, depressiva, para nossa cul-
tura." Referindo-se a estudos sociolo-
gicos realizados em diversos bairros da
Capital por Davies, Laurie, nos quais
se demonstra as diferenças entre as
zonas residenciais ricas e as pobres,
destacando que nas primeiras "havia bi-
bliotecas que somavam 30.000 volumes
ao passo que nos outros, em todas as
casas não havia praticamente livros,
porquanto alguns encontrados, eram es-
colares e, somados não chegariam a uma
centena. Os pesquisadores não encon-
traram nos bairros pobres pesquisados
água filtrada, pianos e quadros a óleo,*

Os escritores Pontes de Moraes e Graciliano Ramos, numa das sessões
do III Congresso



elemento e objetos estes abundantes no outro lado." Inqueritos outros chegaram a conclusões semelhantes.

Negando, a seguir, que o índice suntuário das capitais e que os adiantamentos técnicos, científicos e artísticos de caráter restrito, sejam fatores de progresso, define o relatório: "O progresso, para possuir conteúdo efetivo e popular, precisa ser aquele que, à margem do suntuário, promove melhoras constantes no círculo das relações humanas, melhoras essas que se consubstanciam através de índices de afeto, solidariedade, respeito mútuo e trabalho comum. Para este termo de consonância, entretanto, necessário se torna que não haja nem antagonismos nem contradições sociais resultantes das diferenças criadas pelo poder econômico." Nessas circunstâncias, "os resultados da sabedoria e do engenho humano passariam a formas de privilégio, isto é, só poderiam ser usados por grupos, classes ou nações, não servindo a todos os participantes de uma mesma sociedade. E prossegue: "Acontece, então, que a definição de cultura passa a assumir aspectos inéditos, ao pretender-se criar uma falsa cultura, que é aquela ligada ao gozo, ao sensualismo, aos snobismo, à valorização do vulgar, ao luxo do fraseado equivoco, ao elogio da mediocridade faustosa, ao incensamento dos poderosos, aos subjetivismo caótico, ao abstracionismo hermetico, em que as influencias exotericas são permanentes, e a outras formas de representação de um mundo que parece dissolver-se em torpores e delírios, ao pretender-se criar uma Cultura mistificada, que é aquela que aceita as influencias mais perniciosas ao zelo e confiança devidos às características nacionais dos problemas, passando a defender postulados que obedecem aos ditames de organismo que tentam subverter a cultura autentica, para impor a que convém aos facciosos interesses privados; ao pretender-se criar uma cultura estandarizada, que é aquela que visando o padrão unico passa a exercer funções de policiamento da ideia, exonera-se das bases democraticas do debate e situa-se no plano do conformismo e da renuncia."

A seguir examina o relatório as condições em que o progresso e a cultura podem desenvolver-se, e coloca o problema da paz ou da guerra. "Atualmente enfrentamos dois pontos de vista dos que querem uma solução para os problemas dos povos: o dos que querem uma solução através da Guerra e os que querem uma solução através da Paz." Examinando mais de perto a primeira solução, demonstra o relatório o papel restritivo para o desenvolvimento da cultura desempenhado pela organização capitalista, em particular os trusts e monopolios. "Na busca ansiosa ou na recuperação dos mercados, na luta pela distensão dos monopolios, na corrida de assalto às minas e jazidas nos países dependentes, na conquista das rotas de comercio e navegação, empenham-se os organismos tentaculares que visam deter e subordinar ao seu exclusivo criterio de distribuição, as vantagens oferecidas pelo desenvolvimento da Cultura e do Progresso". Em opposição, "a outra corrente, a dos amigos da paz, entende que tudo é possível solucionar desde que os homens responsaveis estejam real-



Escritores paulistas reunidos numa das comissões de tese

mente dispostos a entender-se pelo bem dos povos. Não julgam que a destruição, a fome, a loucura, as epidemias e outras calamidades consequentes das guerras, sejam fatores de Progresso ou de desenvolvimento da Cultura". Mais adiante: "Essa condição pacifica resulta em desenvolver-se através da manifestação inequivoca das ideias mais uteis. Na contribuição de uma das teses apresentadas a este Congresso vêm suficientemente definidas as sanções contra os direitos de livre informação científica, aplicadas nos países de maiores possibilidades técnicas contra os sabios e pesquisadores que vêm por isto, limitados os seus conhecimentos."

Prosseguindo na análise da Paz como condição do desenvolvimento da cultura, afirma o relatório: "Portanto a Paz necessaria ao desenvolvimento da cultura não é tão somente aquela que se opõe à guerra, porem a Paz que se baseia na justiça social, na eliminação constante dos residuos que impedem a boa e leal aproximação entre os povos, a honesta e afetiva aproximação entre os individuos. Chegamos neste ponto à conclusão de que a Paz é a soberana força que eleva, dignifica e enriquece as ideias, e, portanto, assegura, realmente, o desenvolvimento da Cultura e do Progresso."

Em seu terceiro capitulo examina o relatório as condições de difusão da cultura, particularmente as questões de ensino e educação. Lançando mão de estatísticas do ensino secundario no Distrito Federal, em Minas e São Paulo, demonstra que somente 50% dos jovens que iniciam o curso secundario chegam

ao termino do primeiro ciclo, e apenas liberdade ampla para o debate e a produção, de onde a cultura pode realmente 20% ao final do curso secundario. "Falta de inteligencia! Falta de vontade! Não! 70% em media de nossa população juvenil não completa o curso fundamental que é a primeira etapa real da saída do analfabetismo, porque lhes faltam meios economicos necessarios à sobrevivencia. Os meninos e os moços precisam trabalhar para ajudar a economia domestica, precisam abandonar os estudos, porque não só não tem tempo para isto, como, se-lhes sobra algum lazer, não têm recursos para os livros, sapatos, material escolar, etc." Por outro lado não há estímulo, explica o relatório. Nossa pedagogia é falha. A imprensa, o radio e o cinema não colaboram suficientemente." Agora mesmo, uma portaria do Ministerio de Educação ameaça sacrificar 60% da mocidade estudantil do Brasil com uma resolução de inqualifical estupidez, qual seja a de não permitir exames finais aos alunos que hajam atingido 25% de faltas no computo das aulas dadas. Mesmo que compareçam a 576 aulas num computo previsivel de 768 aulas perdem o ano. E pergunta: "Onde o estímulo para o estudo, quando os cursos por correspondencia estão funcionando com dezenas de milhares de alunos que usam esse processo porque o trabalho, o ganha-pão, não lhes permite assentar em bancos escolares?"

Focalizando as dotações orçamentarias para educação e saúde, demonstra o quanto são elas insuficientes, comparadas a as verbas de guerra, o que vem

fundamentos

se acentuando desde 46-47. "Nossos orçamentos de guerra, aumentaram consideravelmente nestes últimos tempos. Mediante uma justa concepção de guerra próxima, que visa tão somente, através de fornecimento de material de guerra a parte das nações imperianistas, enriquecer cada vez mais as nações dependentes, empobrecendo cada vez mais os povos sem recursos industriais próprios e atando-os à ganância e usura das plutocracias industriais, mediante o acentro de uma propaganda guerreira sem precedentes, todo o dinheiro que poderia salvar nosso povo da miséria e das doenças, do analfabetismo, infelizmente se desvia para a compra de armas e manutenção de uma tremenda burocracia para a guerra." E, depois de analisar vários índices de mortalidade infantil no país, de subnutrição e de produção de aumentos, conclui: "A falta de trabalho, o alto custo da vida, a falta de produção adequada para baratear o produto de consumo básico, o baixo salário, estabelece condições de nenhum modo favoráveis ao ensino e educação e com isto surgem mais obstáculos ao progresso do nosso país e à cultura do nosso povo."

Para a ampla difusão da cultura, prossegue o relatório, "é necessário que haja democracia, liberdade de opinião, e meios fáceis de divulgação." Demonstra a subordinação da maior parte da imprensa às injunções da publicidade que lhes tolhe a liberdade de denúncia, principalmente em relação aos trustes e propagandistas da guerra. Cita o fato de jornais adulterarem a verdade em seus noticiários; agressão a jornalistas em suas funções; a condenação do jornalista José Leal; o processo sofrido pela romancista Alina Paim por recolher material para um romance em Cruzeiro, neste Estado; o caso da apreensão de livros com os de Jorge Amado e Wilson de Carvalho; o caso do arquiteto Niemeyer; a divulgação pelo rádio e pelo cinema de temas dissolvente; como exemplos todos da falta de liberdade na difusão cultural e da deturpação dos meios existentes para a divulgação da cultura. Profuga o teatro de farsa, os dramalhões repelentes, o noticiário

dos crimes sadicos, "enquanto revistas de amor com figuras em extases lubrigos inundam a cidade e maculam a inocência infantil."

Entra a seguir o relatório na defesa da cultura brasileira e de sua tradição denunciando "toda e qualquer influência perniciosa, que se represente por atitudes anti-nacionais, anti-brasileiras, anti-sociais e anti-humanas." Combate às falsas filosofias individualistas que lançam a confusão na mente e não mantêm contacto com a realidade, "justamente porque as suas disfarçadas metafísicas pairam acima dos verdadeiros objetivos humanos e nada constroem, a não ser a trama alegórica de bonitas palavras e pacientes especulações dogmáticas." "Precisamos retirar a tempo desse lodaçal a nossa juventude cheia de boa vontade e orgulho de viver. Precisamos libertar nossa cultura de todas as manobras perigosas de avilamento e corrupção. Promovem dumpings para nos impingir revistas como SELEÇÕES que tem um público de trezentos mil leitores no Brasil e nada traz sobre o Brasil, nada representa como propaganda de nossas melhores tradições e, ao contrário, prega a guerra e o ódio."

"Precisamos defender o nosso patrimônio cultural com armas apropriadas e estas normas são aquelas que dizem respeito a uma Cultura baseada na Paz, no estímulo à divulgação de nossas obras mais sérias e patrióticas, na recuperação de peças e trabalhos exportados para o estrangeiro e que devem voltar para enriquecer o nosso patrimônio, uma Cultura que se baseie na intensificação do intercâmbio cultural com todos os intelectuais, principalmente da América do Sul e que valorize o ensino e a educação, a pesquisa e o sentimento tradicional brasileiro."

Entra em seguida o relatório na especificação das medidas práticas para a nossa cultura, para o seu desenvolvimento, incorporando as sugestões das teses que versavam o item do temário a que se refere, e terminando por propostas de resoluções que foram adotadas pelo plenário e cujo espírito ressurgiu nas resoluções finais do Congresso.

(Do Relatório da 2.ª Sub-Comissão de Teses, referente ao Item II do Temário do III Congresso, apresentado ao Plenário no dia 8 de setembro de 1951, pelo escritor Mauro de Alencar.)

"Se analisarmos o movimento editorial brasileiro, verificamos logo de início que em nosso país se editam pouquíssimos livros e que o seu consumo é limitadíssimo. Segundo os cálculos apresentados pelo nosso colega Artur Neves, o consumo anual de livros em nosso país é de menos de Cr\$ 5,00 per-capita, ou seja, a ridícula soma de duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros para uma população de cinquenta e cinco milhões

de habitantes. Metade dessa produção é consumida na Capital de São Paulo e no Distrito Federal, com um conjunto de seis milhões de habitantes. Assim chegamos à triste conclusão que as outras regiões do país com seus cinquenta milhões de habitantes ficam com o seu consumo anual de livros reduzido a Cr\$ 2,50 per-capita. Se considerarmos ainda que uma grande parte do comércio de livros é feito com livros importados dos Estados Unidos, França, Portugal, Espanha e Argentina, e que outra grande parte desse comércio é constituída pelo consumo forçado de cartilhas, livros didáticos e manuais de uso obrigatório em nossas escolas, vemos que o brasi-

Augusto Frederico Schmidt



Em seu número de abril último, a revista "Para Todos" publicou um magistral artigo de Moacir Werneck de Castro sobre o poeta Frederico Schmidt. Ali encontramos um poema, "o mais revelador, autêntico e sincero poema de Schmidt", que merece transcrição:

POEMA DO QUISLING PERFEITO
Estamos agora na incubação da terceira guerra mundial!

A noção de pátria está adormecida e [submersa]

Somos uma nação de cegos
Incumbe ao grande aliado americano [ajudar-nos a dissipar o nosso próprio desconhecimento!]

Rebrilha a fortuna de Vargas
O discurso de João Neves marca o rumo [certo.

Para que possamos entrar ativos e decididos no combate ao comunismo
Precisamos que não sejam apuradas [nossas culpas passadas
Ah, não será com soluções mesquinhas [que podemos salvar-nos!

Nosso apoio não deve ser condicionado [a termos baixamente interesseiros!
Saibamos desvendar o segredo da riqueza brasileira,

Da misteriosa riqueza do Brasil
— Tudo devemos ceder aos americanos!
Nosso destino é o da liderança americana

Na aventura terrível da próxima guerra
Cada país se tornará um aliado natural [dos Estados Unidos
Na luta ideológica.

E' necessário combater, combater não [apenas na Coreia

(Os aviões rapidíssimos atiram socorros [como se fossem dadas celestes!]
Não apenas na Coreia, mas em todas as [indetermináveis e possíveis

Regiões "coreanizáveis" do mundo
E existe no Brasil uma Coreia invisível!
— Somos uma nação de cegos,
Tudo devemos ceder aos americanos!

Explica Moacir Werneck de Castro:
"Não há uma só frase que não seja de A.F.S., de princípio a fim. E como se vê, é inútil dizer que o pensamento foi deturpado: nenhum contexto pode resistir a esses impactos de traição e entreguismo fervorosos. As frases (menos uma, que guardamos de memória) são tiradas de artigos publicados no "Correio da Manhã" dos seguintes dias: 4, 8, 20, 21 e 23 de fevereiro, e 11, 13, 14 e 17 de março, 1951. O poema deve ser lido com a entonação grave e solene de próprio."

POEMA DE ANIVERSARIO

NO PRIMEIRO ANIVERSARIO DA PRISÃO DE ELISA BRANCO

CLOVIS MOURA

Trezentos e sessenta e cinco dias:
contados, medidos, destilados, frios.
Trezentas e sessenta e cinco noites:
— noites que a noite enoitece mais.

E você, companheira, nesse cárcere,
algemada por corvos funerários,
sátrapas gelatinosos que deglutem
o pó do dolo que os patrões atiram.
Você, Elisa, ainda nessa cárcere
contando estrelas que anunciam a Paz,
fechando os punhos contra os vermes frios,
bestas da lama, puz dos pantanais.

Trezentos e sessenta e cinco dias...
O sol se foi e disse para a noite:
— "Deixei um pouco dos meus raios rubros
no cárcere que prende Elisa Branco."

Passeata de sete de Setembro!
Povo. Bandeiras. Clarinadas. Vozes.
Elisa Branco na frente desfilando,
soltos cabelos pelo ar molhado.
Passeata de sete de Setembro:
Elisa Branco simples e tranquila
na mão direita traz a faixa branca,
na mão esquerda a determinação
de lutar pela Paz. Traz nossas vidas,
traz meus olhos, meus dedos, meu amor,
traz minha noiva, traz minha canção.
Traz nossa esperança cristalina
mais guardada, mais pura, mais amor.
Traz nossas vidas todas que flutuam
num mar de fogo. Liberdade, Paz.
Todos os símbolos de libertação
a branca faixa tremulando traz.

(Chega a polícia. Prende Elisa Branco.
Um patriota a mais para a prisão).

Que dizia aquela faixa
que os corvos arrebataram
das mãos tão brancas de Elisa?
Era acalanto, era bálsamo,
era riso, destemor.
Era mensagem que os pássaros
traduziam em seu amor:
"OS SOLDADOS NOSSOS FILHOS
NÃO IRÃO PARA A COREIA".
Não irá para a Coreia
o fruto de nosso amor.
Nossos olhos terão lágrimas
que se cristalizarão
e serão balas de vidro
mais duras que as de canhão.
Contra a guerra lutaremos,
nossos filhos ficarão!

E porisso prenderam Elisa Branco
há trezentos e sessenta e cinco dias.
Contam os carrascos as horas que desfilam.
Nós também as contamos e sabemos
que como pombas voam para a Paz
e o futuro no amor encontrarão

É verdade que as noites não se contam
para nós que vivemos da esperança.
Amanhã quebraremos as muralhas
com punhos nove vezes temperados
e as algemas do povo cederão:

Elisa Branco marchará conosco
nas tintas rubras da revolução!

São Paulo, 7 de setembro de 1951.



leiro não é apenas um homem que come pouquíssimo, mas, também um homem que praticamente não lê. Isso se reflete em toda a nossa indústria editorial e nas relações do profissional das letras com os seus editores. Estes vêm-se impossibilitados de dar vazão a uma grande porcentagem da produção intelectual do país e dia a dia cresce o número dos livros engavetados pelos autores brasileiros. Os editores programam apenas os livros de sucesso garantido e saída mais rápida, pois, temem enfrentar os problemas de um mercado estreito e pobre. Quando um autor brasileiro tem o seu livro editado, raramente consegue obter tiragens maiores de 2.000 exemplares, o que, lhe dá uma renda ridícula. Salvo algumas exceções, os escritores brasileiros ainda não têm possibilidades de viver à custa de seus livros e são obrigados a dispersar o seu talento criador em mil e uma atividades correlatas e na maioria das vezes sem nenhuma ligação com sua própria profissão. São escritores que vivem da medicina, da advocacia, do comércio e de empregos burocráticos. Nestes últimos anos, diante da crise editorial, temos observado um fenômeno novo no Brasil, o do crescente número de autores que se vêm obrigados a publicar seus livros por conta própria e utilizarem os editores como meros distribuidores. Esse fenômeno revela que ao invés de se ampliarem as possibilidades editoriais para os autores brasileiros, estes estão dia a dia mais apertados pelo círculo de aço resultante do pauperismo e do analfabetismo da maioria do nosso povo. Julgamos, pois, ser impossível ao escritor separar as lutas pelas suas reivindicações da tomada de posição consequente na luta em prol da emancipação econômica de nossa pátria e da melhoria do nível de vida de nossas populações."

Solidariedade à diretoria do Clube Militar

Moção apresentada pelo escritor Romulo Argentiere, unanimemente aprovada pelo Plenário em 8 de setembro de 1951:

"Proponho ouvido o Plenário encaminhar-se moção de solidariedade do III Congresso Paulista de Escritores, à diretoria do Clube Militar do Rio de Janeiro pela patriótica luta que vem desenvolvendo no sentido de manter a liberdade de palavra, de expressão e de ideias das classes armadas através de sua revista; pela luta em prol da libertação econômica, defesa de nosso petróleo, minerais radioativos e recursos naturais de nossa terra."

"Muito embora defendamos a tese de que a solução dos problemas profissionais do escritor brasileiro está fundamentalmente ligada à solução dos problemas econômicos de nossa pátria, julgamos que os nossos intelectuais têm um grande número de reivindicações imediatas e, que um Congresso desta natureza e importância, é o melhor local para o debate amplo de medidas necessárias para a defesa de nossos interesses. Nesse sentido queremos abordar logo de início o problema de um Código de Direitos Autorais, por julgá-lo o mais premente do ponto de vista profissional. Toda a legislação brasileira sobre direitos autorais e proteção ao trabalho intelectual é a nosso ver obsoleta e não mais corresponde às necessidades dos trabalhadores intelectuais. Está claro que num Congresso de duração limitada, não se poderá tentar a codificação geral das leis sobre o direito de autor e nem mesmo fazer-se o estudo de um Projeto de Lei nesse sentido. Mas, a um congresso como este cabe, sem dúvida, a tarefa de esboçar as linhas mestras de um Código de Proteção ao Trabalho Intelectual que realmente ampare o trabalhador intelectual e proteja a sua produção. Esse Código resultaria de uma análise total e da revisão de toda a

nossa legislação sobre o assunto, de todos os tratados culturais e convenções de direitos autorais firmados pelo nosso governo. Deveria ele ser um instrumento eficaz de defesa da nossa cultura contra o cosmopolitismo despersonalizante, contra os "dumpings" de livros e revistas estrangeiras, bem como, o norteador de todas as relações de trabalho entre os intelectuais e os que se utilizam de sua produção sob as mais variadas formas. Analisando essas relações de trabalhos, julgamos necessário tacer aqui algumas considerações sobre a remuneração do autor. O novo Código deverá impedir a venda total dos direitos autorais, modalidade que impede ao autor a obtenção de lucros proporcionais à venda de seus trabalhos. Isso impediria a repetição de casos como os já assinalados no Brasil, de autores que, sob a premência de sua situação financeira, vendem definitivamente ao editor, por uma bagatela, os direitos de uma obra que com o correr do tempo, atinge uma grande aceitação e proporciona grandes lucros ao comprador dos direitos autorais. É o caso, por exemplo, do escritor Menotti Del Picchia, que vendeu os direitos autorais do poema "Juca Mulato" pela quantia irrisória de mil e quinhentos cruzeiros e não pode par-

"AMIGO SEJA BENVINDO!

A CASA É SUA

NAO FAÇA CERIMONIA

VA PEDINDO

VA MANDANDO

SEJA SEU TUDO O QUE TENHO DE MEU

E MAIS A DIVINA GRAÇA...

AMIGO, SEJA BENVINDO!"

Quem ler estes versos singelos, sem saber de onde vêm e para onde vão, poderia cometer grave engano. Poderia pensar que se tratasse da letra de um samba do morro carioca ou de uma trova popular de cantadores do sertão, ao saudarem a chegada de amigos folgazões aos seus terreiros. Mas, não. Estes versos não são frutos da espontânea hospitalidade que não é a menor das virtudes do povo brasileiro. Estes versos são o produto do exercício calculado e frio do que resta, de técnica poética, a um homem apodrecido. Estes versos são da lavra de Manuel Bandeira. Foram confeccionados por encomenda do governo para a recepção, no dia 7 de Setembro — data da Independência Nacional — da missão militar americana chefiada pelo general H. Morris Jr.

O insolito da sabujice, chegou a assustar. O próprio "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro pediu que não fosse oficializado o hino infame.

O povo brasileiro nunca disse palavras tais aos invasores estrangeiros. Não as diz, nem, as dirá, aos colonizadores americanos. Elas marcam no entanto, historicamente, a abjeção a que chegaram as classes dominantes do país no seu servilismo aos imperialistas americanos, obrigados até a encomendar versos indignos para cantar sua traição. Para o poeta executante do serviço resta o mérito de ter coroado sua obra, personalíssima, com um ato de suprema gratuidade: tornar-se um reles traidor da pátria com a afirmação de uma mentira grotesca. Resta-lhe ainda o consolo de não ficar absolutamente isolado, pois houve um músico, Villa Lobos, capaz de associar-se ao seu melancólico desvario.



OS GRANDES "SALVADORES"



TRUMAN — A cruz está fora de moda padre! É com isto que eu quero salvar a "civilização cristã"...

Defensores da "família cristã"



- Sou contra o divórcio. Ele dissolve a família...
- E que pensa aí sua senhora?
- Esta não é minha senhora; é a senhora de um amigo.

"PROBLEMAS" ATUAIS

por NELO

ELEIÇÕES "DEMOCRÁTICAS"



PSP — A autonomia de S. Paulo esta aí. Se você não abrir os olhos, perderemos a Prefeitura...

ADHEMAR — Abrir os olhos? Não será melhor abrir... a "caixinha"?



participar dos lucros advindos desse seu livro, cuja tiragem veio a atingir, posteriormente, dezenas de milhares de exemplares. Com Machado de Assis aconteceu a mesma coisa. E, a mesma coisa acontecerá no futuro se o novo Código não impedir essa modalidade de contrato. Somos pelas percentagens crescentes que, partindo dos dez por cento de praxe, cheguem a doze, quinze e até vinte por cento, segundo a tiragem e o genero da obra. Pensamos, outrossim, que o tradutor e o ilustrador de livros, que até hoje têm sido pagos por tarefa e ficam inteiramente desligados do resultado economico da edição em que colaboram, devam passar a ser pagos também numa base porcentual, naturalmente menor do que a do autor."

(Do Relatório da 1.ª Sub-Comissão de Teses, referente ao Item I do Temario, apresentado ao Plenário no dia 8 de setembro de 1951, pelo escritor J. Gonçalves Machado.)

"Não se tornando centro importante da vida brasileira senão depois do primeiro quartel do século 19 em diante, São Paulo deu mesmo assim contribuição positiva para o acervo literário nacional, cabendo ressaltar no século 18 a figura de Matias Aires, com as "Reflexões sobre a vaidade dos homens". No século 19, Alvares de Azevedo e Paulo Eiró, apesar de suas condições de classe, especialmente o primeiro, apresentaram algumas contribuições para a tradição de lutas de nosso povo. José Bonifácio tem produção fecunda no terreno da ciência. A Faculdade de Direito, como centro de agitação de novas ideias, possibilitou outras contribuições. São Paulo serviu de ambiente para a luta e a produção artística de inúmeros expoentes da intelectualidade brasileira.

Aqui estudaram e produziram Castro Alves e Fagundes Varela. Raul Pompeia desenvolveu aqui sua luta intensa pela abolição, tendo realizado comícios abolicionistas em casa Brasil. Luís Gama, nascido na Bahia, estudou em S. Paulo e em S. Paulo lutou por seus ideais. Euclides da Cunha viveu em S. Paulo e aqui realizou a parte mais importante de sua obra literária.

Nosso Estado apresenta ainda altos valores na pintura como Almeida Junior e Benedito Calixto e na musica Carlos Gomes.

Já no século 20, vamos encontrar Voltoino, o mestre caricaturista que durante 20 anos exerceu vigorosa critica da vida e da politica paulistas.

Tivemos Monteiro Lobato, destacado não só na sua literatura infantil, como na sua luta pelo petroleo nacional, autor dessa cartilha de luta que é o Zé Brasil. Amadeu Amaral, pesquisador das raízes do linguajar paulista, deu como Valdomiro Silveira valiosas contribuições para o estudo dos costumes do nosso povo. Mario de Andrade se apresen-

ta também com uma produção que enriquece o patrimonio do povo, destacando-se o poema Café. Cornello Pires, folclorista do interior. E finalmente o nosso prezado Afonso Schmidt, vigoroso romancista popular, que tem estado sempre junto ao povo de sua terra, lutando e vivendo com ele as dificuldades que são o tormento de cada dia."

(Do Relatório da 4.ª Sub-Comissão de Teses, referente ao Item 4.º do Temario do III Congresso Paulista de Escritores, apresentado pelo escritor Carlos Burlamaqui Kopke.)

Pensemos, em nossa humildade e em nossa retratação, no que poderíamos e deveríamos ter feito. Não desconhecemos as dificuldades que entravam o desenvolvimento de nossa Associação, ou as que enfrentam os escritores, na quase totalidade, para publicar trabalhos ou conciliar os interesses da criação artistica e intelectual com os interesses profissionais. Não desconhecemos, ainda, a atmosfera hostil ao desenvolvimento de uma literatura sadia e progressista. Temos ciencia da precaria situação do escritor interiorano, cujos trabalhos não se divulgam, cuja necessidade de intercambio permanece letra morta.

E é, em atenção critica e denunciadora a todas essas circunstancias negativas, arregimentadas vezes capciosamente, vezes involuntariamente, que se faz mister estabelecimento de uma vida associativa entre os escritores da Capital e os do Interior, uns e outros comungando nos mesmos problemas e nas mesmas possibilidades para sua resolução.

Dai ser a Associação Brasileira de Escritores um órgão de luta em defesa dos interesses profissionais do escritor e dos interesses mais amplos da cultura nacional. Dai, também, a necessidade de ela tornar-se, cada vez mais, um órgão de prestigio e de força."

Foram aprovadas ainda as seguintes moções:

Dos escritores Basilio da Costa Dae-mon e Eduardo Sucupira Filho, propondo para patronos do Congresso, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Silvio Romero.

Do escritor Alex Viany, repudiando a censura permanente a que são submetidos os redatores, novelistas e comentaristas de radio.

Do escritor Mauro Alencar no sentido de que se exija do governo o estrito cumprimento do dispositivo constitucional (art. 141, § 5) que proibe a propaganda de guerra, através de qualquer veículo de publicidade.

Do escritor L. G. Toledo Machado, de solidariedade com os jornalistas pela campanha por aumento de salario que ora encetam, e de repudio à intervenção

SERGIO MILLIET

Sergio Milliet beneficiário e propagandista do Estado Novo...

"Milliet foi também um dos aproveitadores da ditadura estadonovista, nos seus comodos empregos em repartição publica, em jornal sob intervenção, nos quais sempre exerceu o cargo de confiança a que nunca renunciou. Em 1942, no auge do regime instaurado com o primeiro plano Cohen, o sr. Milliet se punha a fazer a louvação sabuja da Marcha para o Oeste", de Cassiano Ricardo, realizando assim indiretamente como lhe convinha, a apologia do programa governamental da época, através da obra de um dos maiores usufrutuários do regime." (Rivadavia Mendonça in Fundamentos n.º 14).

... apologista da venalidade...

"A desconfiança das massas contra o intelectual justifica-se exatamente por essa incapacidade de se sujeitar ao nivelamento e pela capacidade dele se vender aos que melhores condições de vida e produção lhe oferecem. Ora, uma educação politica mais antiga e uma estabilidade maior fazem com que o capitalismo seja esse ofertante. Não só pelo que paga como também pelas licenças que autoriza. As massas pagam mal e não entendem as liberdades que não lhes foram jamais familiares." (Diário Critico, S. M.)

... inimigo e detrator dos trabalhadores...

"Do Estado Novo, a unica coisa que na verdade combateu, e isto em solidariedade a Paulo Duarte, foi a legislação trabalhista, não para apontar as suas falhas e deficiencias, seus erros e burlas aos direitos e interesses dos trabalhadores, mas para dizer o absurdo que ela e os juizes "triplicavam os salarios e não davam deveres aos trabalhadores". A sua posição coincidia então com a da Federação das Industrias que sempre foi sustentaculo do Estado Novo; mas não deixava de atacar a legislação operaria que foi sendo decre-



tada em consequencia das lutas permanentes do proletariado, desse mesmo proletariado que o sr. Milliet não tem pejo de insultar, dizendo que "a sua origem é na sarjeta". (Do artigo citado)

CHATEAUBRIAND DESMASCARADO

Das memórias de Humberto de Campos, publicadas pela revista "O CRUZEIRO"



gança quieta e inofensiva, que consola a alma e descongestiona o coração. O regimento dos velhos não será uma variante dessa volúpia?

Quarta-feira, 14 de maio:

1931

Com o título "A Mentira Comunista", foi distribuído hoje, gratuitamente, um folheto de 40 páginas, anônimo, que escrevi a pedido de Assis Chateaubriand. Linguagem singela, para o povo. Exposição à altura de inteligências primitivas. É trabalho de um dia e parte de uma noite.

Continuo a escrever, diariamente, no "O Jornal", as minhas "Notas de um diarista". E, além disso, três ou quatro artigos, originais ou tradução, contra o comunismo, que são publicados no "O Jornal" e no "Diário da Noite", no "Diário de S. Paulo".

tornado em 1912, em Parnaíba, quando ali estive a passeio, de gente. Tenho escrito um capítulo por dia, além dos meus quatro artigos de jornal.

governamental nos sindicatos dos jornalistas do Distrito Federal e de Minas.

Do escritor Walter Sampaio, de louvor e congratulações com o Nucleo de Guaratatingá, pela iniciativa da publicação do jornal "O Piraquara".

Da escritora Helena Silveira, de congratulações com a Prefeitura da Cidade de Paris pela passagem do bi-milenário da fundação da cidade, onde se processaram movimentos históricos de influência decisiva para a humanidade.

Da escritora Helena Silveira, exprimindo ao deputado Nelson Carneiro os votos do Congresso para que as discussões de seu projeto de dissolução dos vínculos matrimoniais, sejam feitas com liberdade, sem coações morais que deturpem os verdadeiros sentimentos dos legisladores e do povo sobre o assunto.

Do escritor Enio Sandoval Peixoto sugerindo a revogação da portaria Cambridge que representa privilegio politico-administrativo para os que estudam a lingua inglesa.

Do escritor Ibiapaba de Oliveira Martins, de solidariedade ao jornalista José Leal, condenado por crime de opinião.

Do escritor Abguar Bastos, propondo a fundação da Casa do Escritor de São Paulo.

Entre as teses apresentadas ao Plenário do III Congresso, destacavam-se:

A ABDE em face do jornalismo e dos intelectuais do Interior, de Condellac Chaves Andrade; Problemas do escritor que reside no Interior, de Delio Miranda. Responsabilidades do escritor e do crítico de cinema Alex Viany. A necessida-

de do Desenvolvimento Cultural no Interior, de Paulo Dantas; A cultura e a Paz, de Juarez Bahia; Liberdade de opinião, direito do escritor, de Mauro Alencar; Educação para o povo de Candido de Oliveira; Os homens de ciencia e os problemas da cultura nacional e internacional, de Romulo Argentiére; Contribuição ao estudo da estrutura materialista do pensamento e da cultura, de João Belline Burza; Pela instituição de caravanas ao Interior em caráter permanente e adoção da "batalha do livro", de Fernando Pedreira.

Foram apresentados ainda ao Congresso um grande numero de projetos de resolução, que adotados em sua maioria, foram incorporados às resoluções finais.

SAUDAÇÃO AOS

Trechos do discurso de JOÃO ACCIOLI, no

Senhores Congressistas!

Saudando-vos em nome da Comissão Organizadora do III Congresso Paulista de Escritores, não precisaria dizer-vos que o Congresso que hoje se instaura tem a ambição de alargar os caminhos abertos pelos conclaves anteriores, dilatar-lhes as perspectivas delineadas, aglutinando e projetando num só mapa-mundi, o conteúdo de suas resoluções, debatê-lo, disenti-lo e, afinal, propôr soluções positivas que, no limite do âmbito de suas atribuições estaduais, possam constituir, não apenas o brado, não o clamor, não a apostrofe incontida, não a simples aspiração ou o anseio, — mas uma ação direta e pronta, uma "tomada de posição", decidida e intemerata, frente aos temas, graves problemas inscritos no nosso Temario!

No I Congresso, nossa reivindicação suprema era o retorno das instituições democraticas internas; no Congresso de Salvador as reivindicações principais foram de duas ordens: "reivindicação politica" no plano internacional, de natureza juridico-internacional, objetivando o direito de todos os povos viverem em paz, sem a ameaça, sem o pressagio das armas de extermínio, das armas de guerra anti-humanas; — e reivindicação "economica" no plano nacional e internacional, porquanto constitui um truismo a afirmação de que a pobreza economica do nosso país, com tão grave repercussão na atividade do escritor e no desenvolvimento da cultura do povo, decorre do abuso do poder economico exercido sobre a nação por povos que a asfixiam, que a colonizam, que a delapidam e a esgotam, empobrecendo-a economicamente

Hoje, toda essa situação de angustia persiste, todo esse drama politico-economico se desenvolve e se avoluma, abarcando, não mais apenas os ambitos da Economia e da produção, obstando o desenvolvimento material do país, mas, abarcando e, no mesmo tempo, esfacalhando, diluindo, liquifazendo, deformando esse patrimonio que nos custou renuncia e obstinação, heroísmo e sangue, determinação e lutas pelos tempos afora que é o Patrimonio Cultural de nossa Terra: a "cultura brasileira!"

A opressão sobre a Cultura se manifesta em todos os seus aspectos: No Direito e na literatura; nos canticos religiosos e nas canções festivas como na saudação cantada de aniversário; na musica popular citadina e na musica popular rural, na dança, no romance, no conto, nas publicações periodicas e no filme. Existe uma penetração tendenciosa e deletéria de "americanismo", de "fankismo" em todos os setores da nossa cultura.

Senhores congressistas:

Esse "fankismo" que já nos impôs o seu cinema comercializante, monopolizante, asfixiante e sem objetivo artistico; e que já nos deformou até o paladar; que fez as nossas crianças esquecerem os cantos cheios de beleza e inocencia, que embalsamaram a infancia de seus pais; que as fez trocar os bolos, biscoitos e doces tradicionais de nossa terra, pelo sorvete empacotado, pelo chiclets, pelo seven-up e o crush; que nos impinge feijoadas em lata, que nega carne ao nosso povo, enquanto os seus frigorificos industrializam, enlatam e exportam carne; que "cocacollou" até os brinquedos ingenuos dos

fundamentos

Moção de protesto contra a apreensão do livro "Mundo da Paz", de Jorge Amado, aprovada pelo III Congresso Paulista de Escritores, em 9-9-1951.

Reunidos em nosso III Congresso Estadual, os escritores de São Paulo tomamos conhecimento das medidas coercitivas aplicadas pelas autoridades contra o ultimo livro de Jorge Amado, "Mundo da Paz".

Convencidos de que a plena liberdade da palavra e de pensamento é indispensavel do florescimento da cultura, da obra de criação dos nossos artistas e intelectuais, certos de que esta liberdade não pode estar à mercê dos criticos politicos unilaterais deste ou daquele grupo ocasionalmente investido de funções publicas — firmamos um protesto veemente contra a apreensão do livro referido e o iniquo processo em curso contra seu autor e seus editores.

Assim fazendo, defendemos um direito que é a base de nossa propria atividade profissional — o direito de opinar livremente; sem mesmo considerar as teses defendidas por Jorge Amado em "Mundo da Paz", ou excepcionais meritos deste romancista que é um dos melhores representantes da nossa literatura de ficção.

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

Nós, escritores de São Paulo, vivendo intensamente as dores e as esperanças do nosso tempo, alegramo-nos com o IV Congresso Brasileiro de Escritores em acriveutabdi esta feliz oportunidade, saudamos nossos colegas de todo o Brasil reunidos em Porto Alegre, convidando-os á união e á luta em prol da terra e da nação a que nos honramos de pertencer.

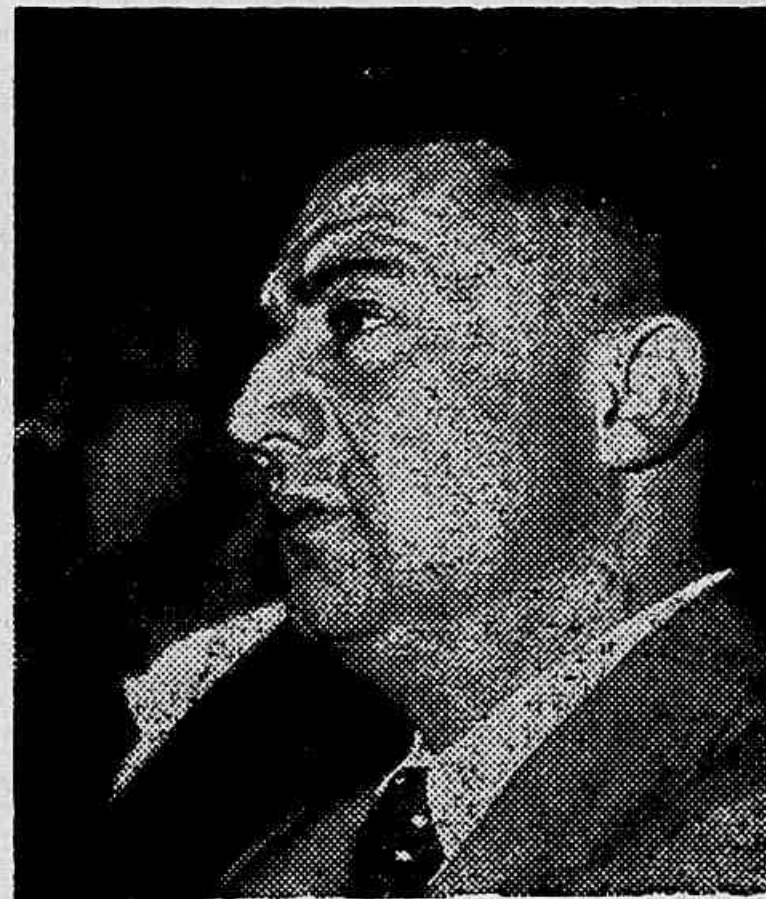
Nossa luta beneficiará, mais que o Brasil, a humanidade ameaçada por aventureiros de toda classe; ela deve reforçar os pontos mais visados pelos inimigos daqueles que ganham o pão cotidiano manipulando a materia prima do pensamento. Esses pontos são os seguintes:

1.º — Devemos, por todos os meios ao nosso alcance, defender a cultura brasileira hoje posta em perigo pelas obras de importação cosmopolitas e decadentes, quase sempre tendenciosas, mal encobrindo os torvos intuitos que as animam, e que tomam o lugar da nova obra literaria nacional, deseducando a nossa juventude, embruteando o nosso povo.

2.º — Devemos, com a mesma consciencia, defender os interesses de escritores brasileiros, abandonados ao seu destino de pária, sem liberdade de pensamento de expressão, privado de uma situação economica condizente com o seu trabalho, condições essas sem as quais a criação artistica se torna penosa, quando não impossível. Ainda dentro dessa corrente de ideias, devemos pugnar pela elevação do nivel de vida do povo, impossibilitado pela miséria em que vive, de comprar livros, de frequentar cursos, teatros e salões de conferencias, ou mostras de arte, sem o que difficilmente os nossos patricios, em seu maior numero, alcançarão o estado de cultura que seria para desejar em nação como a nossa. E, se possivel ainda mais urgente do que isso, apresenta-se a

necessidade que nos é imposta por todos os motivos de combater o analfabetismo e a ignorancia que campeiam nos oito milhões de quilometros quadrados do nosso territorio.

3.º — Ao mesmo tempo, devemos trabalhar pela defesa da paz hoje ameaçada por uma organização mundial estipendiada pelos fabricantes de armas e que age ás escancaras dentro de nosso proprio país. A primeira coisa a fazermos com tal fim, e que vale por medida de salvação publica, é promover o livre intercambio de obras e de ideias entre todos os países, acima das diferenças de regime politico; é fazer tudo quanto em nós couber para que seja posto paradeiro á corrida armamentista; é nos entregarmos de corpo e alma ás tarefas pacificas de construção nacional e de cultura; é, afinal, trabalharmos tenazmente e por todos os meios para o afastamento do perigo de morte e destruição, isto é, de ameaça de guerra, que corveja sobre os povos, tirando o que ela poderia oferecer de mais alto: a cordialidade entre as nações, a segurança dos lares e a possibilidade de realização das obras verdadeiramente belas pelos escritores do Brasil e do mundo inteiro.



CONGRESSISTAS

sessão inaugural do III Congresso Paulista de Escritores

nossos filhos, desnaturando e desfigurando trajos, atitudes e costumes da formação tradicional brasileira que nossos avós nos legaram; esse iankismo que não se satisfaz com o nosso empobrecimento economico que ele alimenta e favorece, — avassalla agora a nossa Cultura no intuito de extirpá-la, violentando as suas tradições e tentando impor-nos a literatura de sensação, o best-seller, o livro grosso de se vender a peso e aos quilos, o livrão sem conteúdo e desligado daquela linha cultural e estetica que nos veio de Gregorio de Matos, atravessou três seculos, conheceu Alencar e Euclides e se consolidou nos romances de após 1930, culminado em Graciliano.

Nossa literatura não é a revista "O Cruzeiro" nem a revista "Seleções!" Sempre houve na obra de nossos grandes escritores, seja Jorge Amado ou Antonio de Alcantara Machado, ou Amadeu de Queiroz; seja Graciliano ou José Americo? seja Alencar ou Lima Barreto; sempre houve na sua obra, interligação do escritor com a terra, vinculo inseparavel entre escritor, personagem, costumes, terra, forma e fundo, dando como resultado o "romance" ou o "conto brasileiro", é forçoso impedir que esse caracter que tanto individualizou e discriminou o escritor brasileiro frente ao de outros países, se modifique ou desapareça.

E' tempo de tomarmos posição!

Como vejo atuais as palavras de Silvio Romero incertas na sua obra maxima:

"A mais completa indiferença pelo que é pro-

duto intelectual brasileiro aqui reina. Os poucos que teem a molestia das letras e se esforçam por aventar o pensamento nacional ao contacto das grandes ideias do mundo culto, sem afogar esta nacionalidade nascente num pelago de imitações, esses não são ouvidos pelo geral do publico, occupado em bater palmas ao ultimo folhetim ou aos ultimos versinhos chegados de Paris. As raizes desse desarranjo pasmoso vão perder-se no solo empedernido dos tempos coloniais e imperiais.

Senhores congressistas!

Aqui tendes a palavra de saudação e de boas vindas da Comissão Organizadora deste Congresso. Pedimos a vossa reflexão para os itens de seu Temario, que são uma síntese daquilo que, dentro de pouco, em Porto Alegre iremos defender no Congresso Nacional. E' necessario que, desde já, tomemos posição frente a esses problemas, para que o Congresso de Porto Alegre possa constituir, como se espera, a Assembleia de redenção de nossos direitos classistas de escritores, e de redenção e libertação da nossa cultura e da dignidade da nossa literatura.

Ou defendemos esses principios até o heroísmo si necessario, ou a nossa cultura perecerá, minada pela corrupção e deformada por influencias anti-culturais e obscurantistas. Resta aos congressistas de hoje se irmanarem aqui e em Porto Alegre, para a defesa de principios e assuntos tão graves e a cujo destino se vinculam a liberdade e o destino do escritor brasileiro!

RESOLUÇÕES

DO III CONGRESSO PAULISTA DE ESCRITORES

1. Pugnar pelo livre intercambio cultural e científico entre todas as nações.
2. Defender a efetiva aplicação da Constituição brasileira (artigo 141, § 5) que proíbe a propaganda de guerra.
3. Apoiar todas as iniciativas que visam a consolidação da paz mundial, entre as quais a que visa a assinatura de um pacto de paz entre as 5 grandes potências.
4. Recomendar ao IV Congresso Nacional a criação de um Conselho Nacional de Defesa da Cultura que terá como finalidade preservar o patrimônio cultural da nação e combater as influências dissolventes do cosmopolitismo e das formas literárias e artísticas que pervertem e deseducam a juventude.
5. Apoiar todas as iniciativas que visam a melhoria do nível de vida do povo brasileiro, base do desenvolvimento de cultura nacional.
6. Propugnar pelo aumento das dotações orçamentárias destinadas a finalidades culturais e pacíficas.
7. Estimular o estudo e a pesquisa do nosso patrimônio cultural para a sua mais ampla divulgação.
8. Adotar as resoluções do Congresso Infante-Juvenil, recentemente realizado na cidade do Salvador, e em especial, a que condena as historietas em quadrinhos.
9. Participar da educação cultural do povo, apoiando e promovendo iniciativas editoriais e jornalísticas que sirvam para divulgar as melhores obras da nossa cultura e que abram acesso das camadas populares às fontes legítimas de cultura.
10. Reafirmar a disposição dos escritores de defender as livres manifestações da inteligência, repudiando todas as formas de censura do trabalho de criação intelectual, particularmente a censura previa que atinge as obras destinadas ao rádio e ao teatro.
11. Recomendar ao IV Congresso a elaboração de um Código de Proteção ao Trabalhador Intelectual, atendendo em particular às necessidades do escritor do Interior. Para esse fim o IV Congresso nomeará uma comissão para elaborar o projeto desse código, com prazo determinado.
12. Defender a produção literária nacional contra o dumping de livros e revistas estrangeiros.
13. Recomendar à A.B.D.E. (seção de São Paulo) a organização de visitas periódicas às cidades do Interior do Estado, com objetivo de promover o conagração de escritores, a criação de núcleos e intensificar os debates sobre as obras literárias e os problemas gerais da literatura brasileira, bem como o início de uma campanha de divulgação do livro nacional.
14. Indicar à A.B.D.E. (Seção de São Paulo) a organização de um Centro para a distribuição de artigos e outras produções literárias de seus associados aos jornais e revistas de todo o país.
15. Solicitar à A.B.D.E. (Seção de São Paulo) a publicação imediata de uma revista para divulgação de suas atividades e dos trabalhos dos seus associados e demais escritores.
16. Sugerir à A.B.D.E. (Seção de São Paulo) a fundação da Casa do Escritor de São Paulo, com finalidade de intensificar a vida associativa e prestar aos escritores serviços assistenciais e outros.
17. Promover a publicação imediata dos principais documentos que constituíram matéria de discussão neste Congresso.
18. Para o cumprimento destas Resoluções a A.B.D.E. (Seção de São Paulo) deverá se reportar às teses, relatórios e moções aprovados neste Congresso.

GILBERTO FREIRE

"As concepções reacionárias do sr. Gilberto Freire vêm dissimuladas pela técnica de confusão que ele emprega e que pode ser chamada de 'técnica do sim, mas...' O materialismo histórico? Ele se inclina pouco para o materialismo histórico (só faltava essa!) mas reconhece a influência, embora não predominante, da técnica de produção econômica (Casa Grande e Senzala, página XLIII). O clima? Bem ele que o clima não é Deus onipotente mas, como negar a sua influência na formação das sociedades? (ibid., t.I, pag. 23). Portugal católico? Sim, mas... fático! (ibid., t.I, pag. 38)... O mucambo é melhor do que se pensa, mas é difícil não ver a relação entre mucambo e anquilostomíase (ibid., pag. 252). A Companhia de Jesus foi utilíssima, mas feriu de morte a inteligência (ibid., pag. 268).

Em apoio de semelhante técnica o sr. Gilberto Freire tem a coqueteria de declarar que não tira conclusões. Não conclui e faz questão de fazê-lo saber expressamente. Ele crê que isso é um mérito quando acontece ser um epitáfio."

RODOLFO GHIOLDI

Para Todos n.º 11

... ninguém o supera como bajulador. O homem é catedrático no chaleirismo. Leia o que acaba de escrever em "O JORNAL":

"Fora da Igreja, nenhuma instituição realiza hoje, no Brasil, obra mais efetiva de aproximação entre os brasileiros e do Brasil com outros povos, que a realizada pelos Associados."

Isto é simplesmente inacreditável. Gilberto Freire não recua diante de nenhuma hiperbole bajuladora. Cara e coragem ele tem.

GONDIN DA FONSECA

Folha da Noite 8-1-51

No dia 8 deste mês, no "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, Rubem Braga esqueceu os seus assuntos habituais para falar do Congresso dos Escritores e da I Bienal de São Paulo. Os resultados foram pífios. Seu artigo principia com uma confissão: ele reconhece uma "horrenda ignorância das letras pátrias". E passa a agredir os organizadores do IV Congresso Nacional de Escritores, cuja qualidade de homens de letras finge desconhecer. Querla, de certo, que se deixasse a ele próprio e a outros da mesma espécie, a preparação de um Congresso que se propõe defender a cultura brasileira e os interesses do escritor.

Não negamos a Rubem Braga a sua condição de literato profissional. Achamos, pelo contrário, que ele abusa do direito de alugar a própria força de trabalho. Intelectuais do seu tipo — que fazem de tudo e, principalmente, atacam os comunistas — são como certas firmas comerciais: a "Casa da Borracha", p. ex., que além de vender colchões, bolas e boias, vende também casse-têtes para a polícia.

Rubem Braga deixará de participar do IV Congresso, não porque alguém duvide da sua capacidade de produzir crônicas — mas porque integrou-se gostosamente na elite intelectual de uma sociedade apodrecida. E como nos explicava, dias antes, o sr. Frederico Schmidt, expoente poético da referida elite: "o patriotismo teve sempre por baluarte, por pedra angular — o povo. Johnson definia-o como 'o último refúgio da canalha'. A intelligentzia forneceu, juntamente com os nobres, os mais insistentes exemplos de quislings. Atravessando uma França ocupada pelos alemães, Guizot observava que as elites estavam sempre dispostas a um entendimento com o inimigo..." Os grifos são do autor que faz questão de ser claro quando se trata de "justificar" as próprias atitudes e teorizar sobre a atuação dos seus colegas.

Quanto à Bienal, Rubem Braga a considera "o primeiro grande acontecimento artístico a haver no Brasil". Junta-se, assim, ao coro chefiado pelo Oswald de Andrade, clown da alta burguesia paulista. E sai pela tangente, comparando a Hitler os que combatem a Bienal e condenam a arte abstrata.

Não compreende (ou finge não compreender) que a questão é muito outra. A arte abstrata, realmente, não é arte degenerada porque nem mesmo é arte. E não será a perfídia de um Rubem Braga que nos impedirá de dizê-lo. Mas os que combatem a Bienal o fazem por motivos bem mais importantes e profundos. Com os seus prêmios mirabolantes e o seu regimento draconiano, esta exposição visa colocar as artes plásticas nas mãos de meia dúzia de capitães de indústria, repentinamente transformados em generosos mecenas. "Generosidade", de resto, que representa sempre uma parte do pão dos trabalhadores. Os operários do sr. Matarazzo, p. ex., entraram em greve porque o desprendido organizador da Bienal recusou-se a conceder-lhes o aumento de que necessitavam. Dirão que se trata de sabotagem comunista... Esperemos que o cronista de "O conde e o passarinho" não perfilhe também esta tese. Mas a questão é outra, ainda. Não é por mero acaso que a Bienal se realiza na época do Salão Nacional, mostra mais democrática que garante aos artis-

A Bienal e os seus defensores

FERNANDO PEDREIRA

tas uma relativa independência. O que pretendem os magnatas chefiados pelo sr. Matarazzo é desprestigiar, enfraquecer o Salão, diminuir-lhe a importância. E fazê-lo com uma exposição internacional que afogará os nossos pintores numa verdadeira enxurrada do que há de mais cosmopolita e desnacionalizante em matéria de artes plásticas.

Sem dúvida, sua condição de candidato a quisling (segundo a tese do seu companheiro Schmidt) não permitirá a Rubem Braga perceber com clareza, ainda desta vez, este aspecto da questão. E, contudo, é isto o mais importante: a arte brasileira vem ganhando significação, assumindo características nacionais mais nítidas (através da obra de Portinari, p. ex.), adquirindo um conteúdo popular que assusta os interessados em explorar o nosso país e, para isso, em liquidar o patriotismo "refugio da canalha". A par disso, os próprios artistas, como cidadãos, vinham tomando uma posição cada vez mais firme ao lado do povo: o mesmo Portinari, Pancetti, Di Cavalcanti, Graciano, Inimá e tantos outros. Eis porque o sr. Rockefeller resolveu mexer-se. Promoveu a criação em São Paulo de um Museu de Arte Moderna ligado ao seu, de Nova Iorque. Iniciou a publicação da custosa Revista Esso, que faz propaganda dos seus produtos e, ao mesmo tempo, compromete e corrompe os intelectuais que se deixam envolver. Eis porque o Instituto Brasil-Estados Unidos multiplica e melhora as suas exposições, pretendendo tornar-se um centro artístico e atrair os artistas para a sua órbita. Eis porque são oferecidos aos jovens pintores da América Latina cursos de seis meses e mais na terra do dólar. Eis porque, finalmente, se organiza esta famosa Bienal reunindo todo um lote de empresas estrangeiras (e nacionais a elas ligadas) que exploram miseravelmente o nosso povo e que agora pretendem aparecer como protetoras da nossa arte.

As intenções são claras. Nem seria pre-

ciso examinar os nomes dos intelectuais que se apressaram a socorrer o sr. Matarazzo, inventando frases e teorias para iludir os incautos. As tiradas patrióticas e regionalistas de um Osvald de Andrade, sucederam as crônicas de Rubem Braga e Lins do Rego e, finalmente, as teses do crítico Mario Pedrosa que se fez toda uma reputação, repetindo notícias e noções encontráveis em qualquer manual de história da arte.

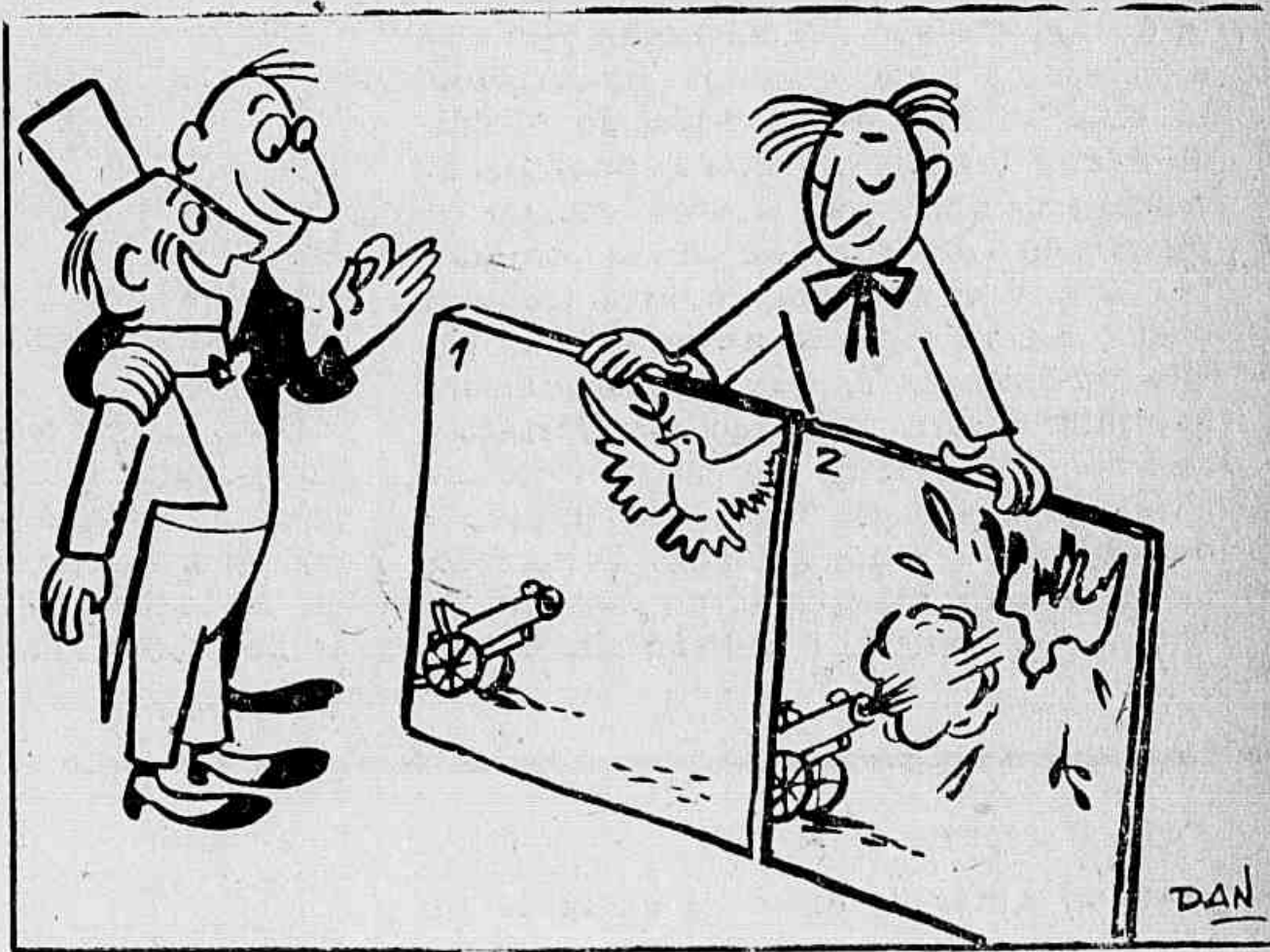
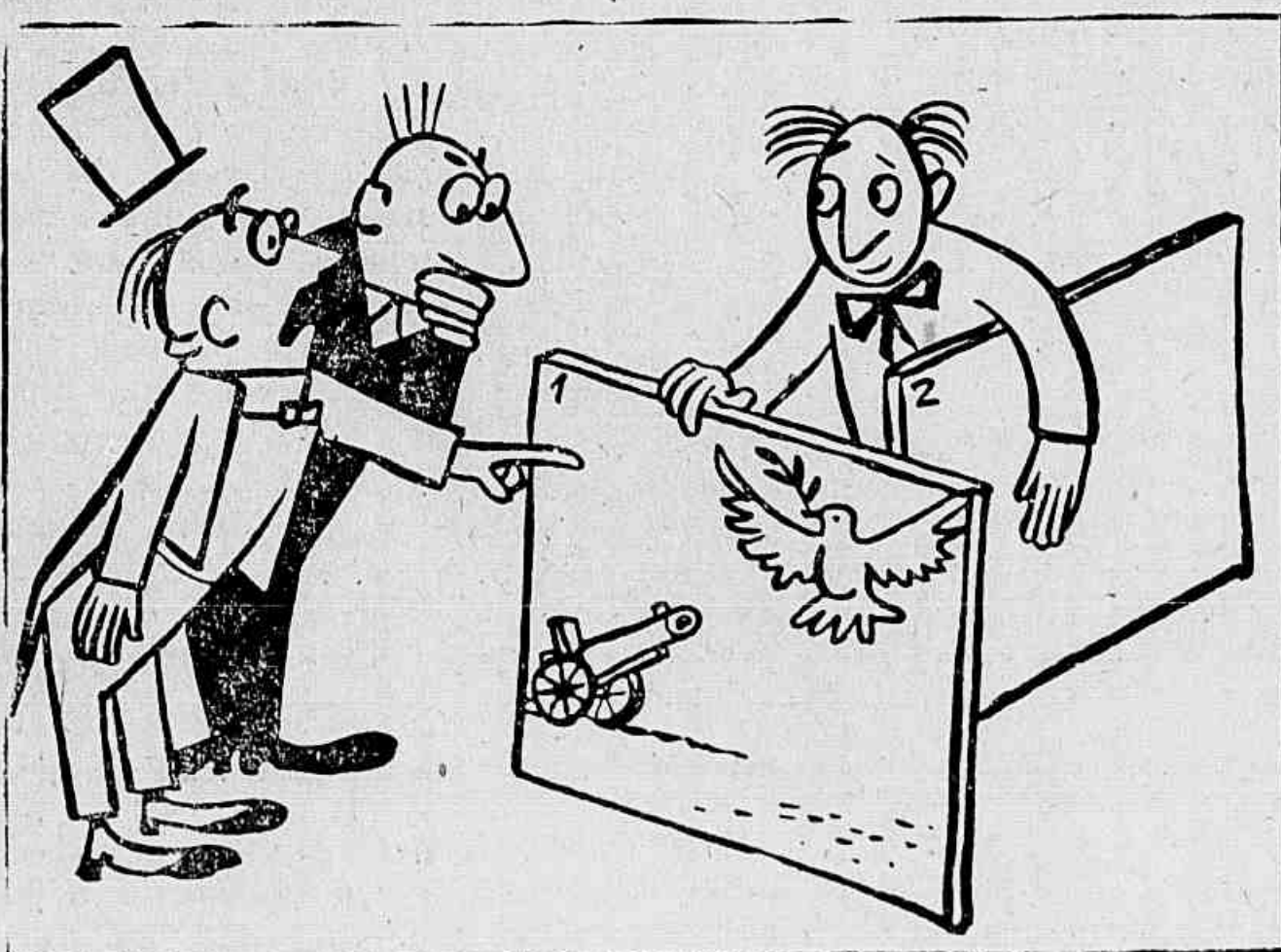
Este último, realmente, nas páginas da "Tribuna da Imprensa" do dia 9 p. p., depois de rever ainda uma vez os seus cansados manuais, produziu um artigo em que pretende provar as ligações entre a arte abstrata e a revolução soviética. Citando Kandinsky, Rodchenko e Mahlevitch, Mario Pedrosa faz funcionar o desmoralizado realejo trotskista para acusar os "stalinistas" que traem a um tempo a revolução de Lenin e a arte revolucionária... Na verdade, esta arte que o crítico Pedrosa ainda chama de revolucionária iludiu por algum tempo muita gente boa. Mas logo ela revelou seu caráter falso e estéril, sua absoluta falta de conteúdo. O que se exige agora é uma arte que, talvez (para desgosto dos que se preocupam com essas coisas) não tenha relação com a obra de Rodchenko e de outros artistas do tempo em que brilhavam as flamas de outubro, como diz Mario Pedrosa. Uma arte mais humana e generosa, voltada para os problemas do homem brasileiro, uma arte que ajude o povo a libertar-se da opressão e da exploração e contribua para o florescimento de uma cultura realmente brasileira. Eis porque combatemos o abstracionismo cosmopolita que nega o valor social e humano da arte, transformando-a num jogo frio e sem vida de formas e cores. E não mudaremos de opinião simplesmente porque Mahlevitch "criou o seu suprematismo sob o calor revolucionário da época", afirmação que, de resto, não passa de mais um sofisma pois, se fossem realmente grandes, Mahlevitch, Kandinsky e tutti quanti, teriam sabido adotar o caminho de Maiakovsky,

apesar da influência da arte decadente da França e da Alemanha. Pesquisando nos seus cansados manuais, o crítico Pedrosa pretende obter argumentos que prolonguem a confusão e salvem o seu moribundo abstracionismo. Inutilmente.

Quanto à Bienal, que Mario Pedrosa considera "a maior demonstração internacional de arte moderna já realizada na América" (mais uma frase) é desnecessário repetir que a combatemos baseados em motivos ainda mais profundos. Não se trata de saber apenas se a arte abstrata é degenerada ou não. Mas de condenar uma empresa de corrupção e envolvimento que visa ganhar para os inimigos de nosso país, ou pelo menos neutralizar, os nossos melhores artistas: aqueles que melhor contribuição podem dar ao esclarecimento do povo e à afirmação de uma consciência nacional naturalmente voltada para a defesa dos nossos valores intelectuais e materiais.

E' portanto uma questão de patriotismo. E esse é, precisamente, um sentimento que não podemos esperar dos que fazem do adesismo um credo, e principiam se escondendo atrás da própria covardia política para terminarem profissionais da traição. Para eles, como confessa o sr. Frederico Schmidt, a pátria é um "conceito hoje ultrapassado" que "deixou de ser expressão vigente e ativa". O que existe é um país que sentem como deles apenas porque o exploram e vendem no melhor mercado. Nada mais.

Dos artistas honestos, entretanto, modernos ou acadêmicos, participantes ou não da Bienal (porque mesmo entre os que concorrem somente um pequeno grupo reza pela cartilha do sr. Schmidt) dos jovens, especialmente, temos o direito de esperar uma reação mais digna. O exemplo de um Osvald de Andrade ou de um Manuel Bandeira, o poeta das "Boas Vindas", só pode inspirar desgosto e repulsa. E é o próprio Rubem Braga que nos confia espontaneamente: "quando flico sozinho... me sinto horrivelmente mal acompanhado." Pudera!



II CONGRESSO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES DA HUNGRIA

TRECHOS DA INTERVENÇÃO DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

JOSEF REVAI

Cultura e luta de classes nas democracias populares

O adversário, no terreno da cultura, não se emprega mais demasiado abertamente, em nossos dias. Se o faz, é antes em palavras. Ele se reserva para a propaganda ao pé do ouvido: assim, p. ex., por ocasião de certas conferências escolares, seus pontos de vista hostis entrecortam a exposição das matérias de ensino. De um modo geral, entretanto, o único inimigo declarado que se mantém em liça é a ideologia clerical. Mas, porque os representantes das ideologias contrárias se calaram, se esconderam e se contentam em espalhar rumores insidiosos, devemos concluir que não há mais ninguém a combater na frente da cultura, que o inimigo foi definitivamente vencido? Absolutamente. O que se deve concluir é que é preciso continuar a luta mesmo contra tendências hostis que se calam.

O adversário toma seguidamente a máscara da "lealdade" total, fazendo-se mais realista que o rei, exagerando e comprometendo por seus exageros a política cultural de nosso Partido. Quando dizemos: "nada queremos da cultura ocidental reacionária", o adversário se apressa em concordar e põe na lista negra Cervantes e Swift. Quando dizemos: "precisamos voltar-nos para a cultura soviética como para um modelo", aparecem os que desnaturam esta tese de maneira a que termine por aconselhar o desprezo da cultura húngara. Quando dizemos: "precisamos lutar contra o espírito de nacionalismo em nossa vida cultural", o adversário acena vivamente com a cabeça, retira das mãos de nossas crianças e mete no index Geza Gardonyi (1) Elek Benedek (2) e os contos populares húngaros. Quando dizemos: "é preciso incrementar a literatura que trata das questões novas colocadas pela época presente", encontramos quem traduz esta fórmula pela evicção do "Toldi" de Arany (3) das bibliotecas públicas. É necessário dizer que a estreiteza do espírito "de esquerda" de certos comunistas favorece diretamente este trabalho nocivo e consciente do adversário. É por isto, precisamente, que devemos entrar em luta contra todas as manifestações do espírito de seita em nossa vida cultural. Este espírito unilateral impede a constituição e a consolidação desta frente única cultural que é, no domínio da arte e da ciência, o reflexo da Frente

Popular, da união nacional dirigida pelo nosso Partido.

A missão de nossas associações artísticas é de se fazerem as organizadoras desta unidade cultural. As discussões teóricas públicas, uma livre crítica sobre os princípios e uma unidade cultural nacional — eis a missão tripla e entretanto uma, que devemos ter constantemente presente ao espírito no exercício de nossa vida cultural e, antes de tudo, artística.

A ajuda da elite intelectual é indispensável à edificação do socialismo, a feitura da revolução cultural. A nova elite intelectual da classe operária, do povo trabalhador, cresce e se desenvolve; mas o grosso da antiga elite também se juntou a nós e participa honestamente da obra de construção. Entretanto, a antiga elite de educação burguesa considerou por muito tempo com desconfiança a luta dos comunistas pelo poder, pela transformação socialista do país. E o que pôs fim a esta desconfiança na maior parte da antiga elite intelectual? Foi a demonstração que fizemos de que a classe operária e seu Partido são capazes de governar o país com mão firme. A política de dignidade e de poderio nacional, a política de reconstrução do país, a política de defesa da independência húngara, ganhou a maioria da antiga elite intelectual da Hungria para a nossa democracia popular, para a nossa República Popular.

Sabemos que encontramos ainda inimigos nas fileiras da antiga elite intelectual húngara. A luta de classes, a agravação da situação internacional, levantam contra o nosso povo, contra o nosso país, um punhado de antigos intelectuais burgueses, que mantêm desesperadamente suas ligações com as antigas classes dirigentes e os imperialistas ocidentais. Mas eles estão cada vez mais isolados, não somente do povo mas também da grande maioria da elite intelectual.

Uma parte bastante considerável da antiga elite intelectual burguesa serve o povo; trabalhando honestamente por ele, põe seus conhecimentos técnicos a serviço da edificação socialista sem, entretanto, ter-se juntado à classe operária

nem em suas convicções nem em suas concepções. Esta parte da elite intelectual burguesa, devemos estimá-la e ajudá-la, e ganhar, através de um paciente esforço de educação, não somente o seu trabalho mas também o seu espírito.

A massa da antiga elite intelectual veio para o nosso lado; ao mesmo tempo, a nova elite intelectual popular está em via de formação: as duas correntes se completam. Enveredamos pelo caminho da fusão da antiga elite intelectual, que traz sua ajuda à edificação do socialismo, e da nova elite intelectual popular; pelo caminho da colaboração estreita e fraternal da classe operária, do camponês trabalhador e da elite intelectual.

O exemplo magistral para nossa nova cultura é a cultura soviética. Não poderia ser de outro modo. Estamos construindo o socialismo: a nova cultura húngara será uma cultura socialista. E, portanto, em primeiro lugar e de maneira preponderante, na cultura do país no qual o socialismo está vitoriosamente edificado e que avança no caminho do comunismo, que encontraremos o que precisamos.

Para caluniar-nos, nos acusam de fechar as portas à chamada "cultura ocidental". Não! Nós não nos recusamos senão ao British Council. Recusamo-nos somente a ver utilizar a cultura ocidental como um bloco para os serviços de espionagem. Não cerramos as portas a Shakespeare e a Molière, a Dickens e a Balzac, a Mark Twain e a Bernard Shaw, a Verdi e a Rembrandt, muito ao contrário. Mas fazemos distinção entre a cultura francesa representada por Aragon e a puridade cultural da França marshalizada. Amamos a cultura americana de Dreiser e Howard Fast mas nada queremos saber da "cultura" americana construída sobre a histeria bencista, a bomba atômica e a lei do mais forte. Contra este tipo de cultura — certamente que sim! — nós protegeremos a cultura húngara.

Nossa nova cultura será uma cultura socialista, mas uma cultura húngara de caracteres nacionais indeleveis. Nosso cinema aprendeu muito e aprenderá mais ainda com o cinema sovié-

(1) Gardonyi (1863-1922) — Escritor realista. Autor de cerca de quarenta romances históricos e campestres.

(2) Benedek (1859-1929) — Redator de jornais infantis. Recolheu em cinco volumes, contos e lendas populares húngaras.

(3) "Toldi", epopeia popular de Arany (1817-1882) que foi, com Petöfi, o poeta mais marcante do século XIX na Hungria.

tico, mas Mme. Szabo e Catarina Kis, Mateus, o guardião de gansos e Josef Goz (4) são tipos húngaros da cabeça aos pés. Tomamos as lições da cultura soviética, apoiamo-nos nela, vemo-la como um exemplo, mas não a copiamos nem a imitamos.

Se podemos apoiar-nos na cultura soviética e aprender seus ensinamentos, é que a cultura soviética, assim como a nossa, é em seu conteúdo uma cultura socialista. Mais exatamente: a cultura soviética é já uma cultura socialista, enquanto que a cultura húngara encaminha-se para isso. E porque é assim, a cultura soviética não é apenas um exemplo para a nossa cultura, mas ainda e acima de tudo uma parte orgânica de nossa cultura. Os clássicos do marxismo-leninismo, as obras de Lenine e de Stalin, são elementos básicos da cultura política e científica húngara. E se, neste Congresso, já salientamos nossa gratidão profunda aos stakanovistas, aos engenheiros e técnicos soviéticos que trouxeram uma ajuda inestimável à edificação da Hungria socialista, pondo à nossa disposição as experiências progressistas soviéticas, as experiências mais perfeitas da técnica, da organização econômica e dos métodos de trabalho — seja-me permitido agradecer igualmente aos artistas soviéticos Tikhonov e Novikov, Moisseiev e Obraztsov, Pudovkin e Zakharov, que nos prestaram, no início da formação da nova cultura húngara, uma ajuda tão amigável e fraterna quanto Bardine à nossa metalurgia e Bykov ou Doubiaga aos stakanovistas húngaros.

A nova cultura húngara não se satisfaz de considerar a cultura soviética como um modelo: conservando e desenvolvendo seus caracteres nacionais, ela tende a unir-se à cultura soviética. Quando as culturas burguesas eram ainda progressistas, existia igualmente, em estado embrionário, esta tendência à influência recíproca e à fusão entre as culturas dos diversos países, nacionais em sua forma e democrático-burguesas em seu conteúdo. Dante e Shakespeare, Voltaire e Goethe não eram somente italianos, ingleses, franceses e alemães, mas também grandes representantes de uma só cultura burguesa. Foi sob o regime capitalista que a cultura burguesa progressista perdeu a capacidade de transformar-se em tesouro comum dos povos, e que o isolamento nacionalista voluntário e a luta das culturas nacionais contrariaram e fizeram fracassar a aproximação das culturas dos diferentes países. Não há, ao contrário, e não pode haver, luta entre culturas nacionais em sua forma e socialistas em seu conteúdo, mas somente aproximação, influência recíproca e fusão. Aí está o segredo da influência profunda da cultura soviética sobre o desenvolvimento de nossa cultura socialista. Aí está o segredo da acolhida e da assimilação pela cultura soviética das grandes obras da cultura progressista húngara. Não somos apenas nós, húngaros, que lemos com apaixonado interesse os romances de Polevoi e Adjáiev, de Kazakievitch e Babáievski; também os homens soviéticos, russos e ucranianos, georgianos e ar-

menios, sentem no nosso Alexandre Petofi um dos deles.

Nossa nova cultura socialista, repito, deve ter e terá caracteres nacionais indeleveis. Isto significa que uma de suas funções mais importantes deve ser e será inculcar o amor à pátria. Já foi dito, neste Congresso, que o patriotismo e o internacionalismo são para nós inseparáveis.

Ora, parte essencial da educação patriótica de nosso povo consiste em fazer reviver a nossa História, as grandes tradições progressistas da cultura húngara. Neste domínio, estamos muito longe de ter feito tudo o que devíamos fazer. Precisaremos preencher esta lacuna.

Mas não esqueçamos de que nossa educação patriótica tem qualquer coisa a tirar não somente do passado mas também do futuro. Não esqueçamos que não apenas nós vemos em Kolcsey e Petofi, nos heróis e pioneiros de 1948-



49, os nossos predecessores; eles mesmos pressentiam no povo libertado, em nós, os seus sucessores. Maurício Jokai, o grande sonhador romântico, escrevia num dos seus romances cujo assunto era a situação lamentável da cultura húngara no começo do século XIX: "E nós teremos um povo que se orgulhará de sua pátria, que trabalhará em honra de seu nome; teremos grandes homens que o mundo admirará; teremos heróis, espíritos gloriosos, nos quais renasceremos; teremos uma vida para a qual esta cidade será demasiado pequena, seremos uma nação como jamais o fomos, e o escritor da posteridade não fará mais obra de ficção mas se contentará de descrever a realidade para glorificar sua pátria".

Era conosco que sonhava Maurício Jokai. Houve uma época, na História húngara, que pode ser chamada a justo título a era da renascença nacional: foi a da Revolução de 1848 e a época das reformas que a preparavam. Mas a era da renascença de há mais de cem anos não se pode comparar nem em suas proporções nem em sua profundidade nem em sua influência, com a era de renascença social de que somos participantes ativos. O desejo de criar uma nova cultura nacional progressista não possuía então mais que algumas dezenas de milhares de homens; de nenhum modo tinha sabido ganhar as vastas camadas do povo trabalhador.

Este desejo possui hoje milhões de homens; a revelação cultural, em nossos dias indissolavelmente unida à construção do socialismo, é tarefa de todo o povo trabalhador. Etienne Szechenyi via na multiplicação das "cabeças cultivadas" o objetivo da era de reformas do século passado. Mas estas "cabeças cultivadas" não podiam se recrutar, na aquele tempo, senão nos grupos favorecidos da nação. Hoje, é nas camadas mais profundas do povo, na totalidade da classe operária e do campesinato, que se recrutam. Na sociedade de classes, todo esforço tendente a desenvolver a cultura nacional falha, em última análise, devido à cisão que existe entre o trabalho e a cultura. Hoje, a cultura e o trabalho se reencontraram: trabalhar e cultivar-se são uma só e mesma coisa. A revolução socialista não se diferencia de todas as transformações sobrevindas até agora, apenas porque dá aos trabalhadores a liberdade política e os liberta igualmente do ponto de vista econômico; ela se diferencia ainda da revolução burguesa porque traz também a libertação cultural, fazendo do povo trabalhador o portador da cultura. Não somente conseguimos fazer do trabalho, de obrigação feudal que era, uma questão de honra e de glória, como fizemos tornar-se uma razão de vergonha o não estudar, o não enriquecer os próprios conhecimentos técnicos e o conhecimento de si mesmo. Conseguimos criar um ambiente tal que todos os trabalhadores honestos consideram estudar e cultivar-se como um dever. Entre os húngaros não cessa de aumentar o número dos que compreendem que construir as metalúrgicas Dunapentele e construir a cultura nova são dois aspectos de uma mesma coisa.

Deixemo-nos guiar por estas palavras do grande Lenine:

"Outrora, o espírito humano, o gênio, não criava senão para oferecer a alguns todos os benefícios da técnica e da cultura, e para roubar a outros os bens mais indispensáveis, a cultura e o progresso. Mas hoje, todas as maravilhas da técnica, todas as conquistas da cultura são propriedade comum do povo e doravante o espírito humano e o gênio não poderão jamais se fazerem instrumento da violência e da exploração."

Inspiremo-nos nestas palavras. E, também entre nós, todas as conquistas da cultura serão propriedade comum do povo.

FUNDAMENTOS

Assinatura por

um ano

Cr\$ 50,00

(4) Heróis de filmes.



GRAVURA DE RENINA KATZ

A MUSICA NA

Trechos da Conferência pronunciada pelo maestro EDOARDO DE GUARANI

Mas, senhores, desejo ainda fazer outra consideração que me parece importante, pois ao ocupar esta tribuna quero fazê-lo de modo que as palavras signifiquem o que elas devem exprimir realmente e não o que frequentemente acontece, quando a palavra é usada para dizer exatamente o contrario do que se pensa. Quem vos fala é um homem que devotou sua vida á musica, um homem que se honra com sua profissão de artista exatamente porque ela lhe permite cultivar esse atributo e esse direito que é existir como um ser humano. A arte é assim, também, um protesto contra a desumanização, que ultimamente se vem revestindo sob a forma falsamente vantajosa para o artista de separá-lo do comum dos homens, das pessoas simples, fazendo da obra de arte — tanto dos que criam como

dos que a criam de novo ao executá-la para o público — uma especie de favor, uma incompreensível demonstração de superior generosidade para os profanos. Sou dos que não aceitam essa posição, esse divino isolamento, para formar entre os que reivindicam o direito de ser exatamente como os demais, um homem natural, normal, que pelo fato de se exprimir artisticamente não deixa de viver no mesmo mundo que os demais seres seus semelhantes, tem problemas comuns com eles, sofre com todas as angustias de seu tempo e comunga com as aspirações e esperanças de sua época.

Há pouco vos disse da tendência de desumanizar o artista, de arrancar o artista da corrente da vida. Uma consequência desse atentado é que não apenas o artista é lesado e agredido, humilhado e

ofendido. Esse ataque fere fundo nos mais altos interesses culturais de milhões de pessoas, em nosso caso, os interesses de quase 50 milhões de brasileiros. Assim, quando se fala do atraso de um povo a referência parece apenas ter valor quanto aos interesses materiais imediatos — comer, vestir, morar, nível de vida. Mas desse nível de vida se exclui a arte, privando o artista do ar que respira, da seiva que o alimenta, que é o público; e privando o publico da alegria incomparável, da satisfação superior, da elevação humana de usufruir a obra de arte. Dizem que o grau de civilização de um povo se mede pelo consumo de gasolina, ou pela ração média de trigo ou até pela média do emprego do ácido sulfúrico. Outro índice de civilização é atribuído ao consumo de vinho... com o que não es-

MOÇÃO PELA PAZ

Acreditamos que a nossa civilização não poderá sobreviver a uma terceira guerra mundial. Intelectuais, homens de letras, participantes do III Congresso Paulista de Escritores, sabemos o que significaria para as ciencias, as letras e as artes, o desencadeamento da violencia armada mais do que nunca incontovel. Podemos estar divididos em nossas concepções, nossas crenças ou opiniões. Mas uma certeza nos une: a paz é indispensavel ao desenvolvimento e à conservação das civilizações humanas, e é possível aos governos, desde que respeitem a vontade de seus povos, resolver entre si, através de negociações, todas as questões litigiosas.

Pensamos que um pacto de paz, aberto a todos, firmado pelas cinco grandes potencias (Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Inglaterra e França) não deve ser retardado por mais tempo. E' a garantia primeira de vontade pacifica que os governos destes países devem aos seus povos.

Há, entre os signatarios deste texto, homens e mulheres que deposi-

tam sua confiança nos governantes de um ou do outro lado. Mas não há entre eles, quem considere a guerra como um meio normal de decidir contendas entre Estados. E aceite fazer depender o futuro da cultura e da humanidade do assassinio em massa, da sujeição das nações a vontades que lhes são estranhas.

Convidamos os intelectuais de todo o Brasil a assinarem conosco esta declaração. Queremos apenas que cesse a corrida armamentista e que se criem condições favoráveis ao florescimento da cultura em todo o mundo.

a) Antonieta Dias de Moraes
Rossine Camargo Guarnieri.
João Accioli
Afonso Schmidt
Eduardo Sucupira Filho
Exedito Dantas
J. G. Toledo Machado
Ibiapaba Martins
Gracita de Miranda
Mauro de Alencar
Omar Catunda

Nabor Caires de Brito
José Menezes Campos
J. Vilanova Artigas
Samuel B. Pessoa
Humberto Filgueiras
José Benedito Galhardo
Ruá Barbosa Cardoso
João Belline Burza
Miguel Costa Filho
Gonçalves Machado
Decio Miranda
Walter Sampaio
Antonio Vieira
Clovis Moura
Basilio da Costa Daemon
Benedito Geraldo de Carvalho
João Freire de Oliveira
Rivadavia Mendonça
Cato Prado Jr.
Jorge Medauar
Abguar Bastos
Pontes de Moraes
Artur Neves
Carlos Burlamaqui Kopke
Jorge Rizzini
Alex Vianny

Esta moção, assinada pelos nomes acima, foi unanimemente aprovada pelo III Congresso de Escritores na reunião plenaria do dia 10 de setembro.

CONGRESSO DE PAZ EM CHICAGO

Foi por uma carta de Howard Fast ao seu amigo Renaud de Jouvenel, publicada em "Lettres Françaises" de 19-7-51, que tivemos conhecimento do que se passou na "Cruzada Americana pela Paz", reunida em Chicago em 29 de junho ultimo. Porque, como diz o autor, "a nossa imprensa apodrecida, a princípio a atacou, mas vendo que não a poderia impedir, nem por esses ataques nem pelas batidas matinais do FBI, cobriu-a com o manto de silencio habitual."

Fast dá conta do entusiasmo, da emoção, da intensidade do desejo de paz do povo americano ali reunido. Perto de cinco mil delegados, dos quais dois mil operários, vindo de todos os cantos do país, ali se reuniram; cerca de um quarto eram

peçoas de cor, e a primeira reunião principal contou com a assistência de 7 mil peçoas. Destacaram-se nesse trabalho as mulheres, e em particular as mulheres de cor; uma destas leu no recinto do Congresso um longo e bellissimo poema sobre a condição das mulheres e seus sofrimentos no mundo atual, o que arrancou mais de cinco minutos de aplausos entusiásticos da assistência, composta em sua maioria de operários e camponeses.

Aliás, Fast observa com justeza que é desses movimentos populares de libertação contra a guerra e a tirania que se pode esperar uma renovação ou renascimento da poesia americana, pois a poesia burguesa morreu, por inutil e impertinente

para a classe que ainda domina, e que prefere mesmo a evasão desse mundo real, tão pouco acolhedor para ela, lendo as histórias de quadrinhos cu as podridões da literatura de decadência.

Para esse congresso, seguiu de Nova York uma delegação em um trem especial de treze vagões, que os congressistas apelidaram o Cruzado da Paz.

Fatos como esse mostram como está longe, e cada vez mais longe, a ansiada unanimidade do povo americano na defesa dos trustes imperialistas, e como está conquistando terreno naquele país a esperança de dias melhores, de libertação e de paz, com a inevitável derrota das forças de guerra.

A POLONIA

GUARNIERI no Museu de Arte Moderna de São Paulo a 9 de julho passado

tou totalmente em desacordo, como não quero pôr em duvida os demais itens citados. Mas, como musico, vos digo que o grau de civilização de um povo não pode deixar de ser medido pelo seu "consumo" e "produção" de musica, de boa musica.

Podeis consumir todo o petroleo do mundo, podeis ter o monopólio mundial do enxofre e do acido sulfurico, podeis comandar o consumo de trigo em vastas áreas, podeis até ser os mais requintados apreciadores dos melhores e mais finos vinhos, mas se a musica não florecer em vossos corações, se não tiverdes ouvintes nem paixão pela musica, se vossos musicos não tiverem acustica em milhões, então estais na pre-história, ainda sois selvagens.

As varias realizações artisticas — teatro, opera, concerto — ainda são em gran-

de numero de casos simples medida da qualidade econômica e financeira dos auditórios. São um luxo que se paga caro. São um divisor de águas, no campo social. São um cortante instrumento de discriminação e de exclusão anti-democrática da maioria, dos beneficios e das alegrias da cultura. Por exemplo, temos atualmente um ciclo de concertos sinfônicos com a orquestra sinfônica da Prefeitura e regidos por grandes figuras internacionais. Não é este o momento nem o local indicado para analisar a programação e a orientação geral do ciclo. Mas temos nomes como Rodzinski, Nino Sanzogno do Teatro Scala de Milão, Clement Krauss, regente do Teatro de Estado de Viena, e outros. Os preços são elevados. A afluência é limitada. Mesmo assim, podemos considerar esses espetáculos co-

mo baratos, pois a Prefeitura entra com a orquestra, o teatro, etc., devendo o empresario apenas pagar o regente e a publicidade. Entretanto, já fizemos, por iniciativa do Departamento de Cultura da Prefeitura, concertos populares nos bairros — gratuitos ou semi-gratuitos, a dez cruzeiros a entrada. Levamos até a nona sinfonia de Beethoven no Brás. E foi um sucesso de afluência e de entusiasmo.

Vemos, agora, na velha e gloriosa Europa, uma aplicação do mesmo embuste do rei nã, em matéria de arte, em matéria de musica. Inventam que se trata de coisas muito altas, só para uma minoria, que o vulgo não entende. E assim fazem fortuna, procurando ao mesmo tempo afastar o povo dos concertos e exposições com o temor de que alguém denuncie sua nudez vergonhosa. Não faltam

tolos, é certo, que dizem ver alguma coisa, como na fabula que vos contei. Esse é o segredo da arte se dizente super-intelectualizada.

Sangrou-me o coração ao saber que, na Italia, fora proibida uma exposição promovida pelo Sindicato dos Pintores. Coisas assim só podem semear pessimismo, esterilidade, criar um beco-sem-saida. Mas, ao mesmo tempo, a proibida exposição de pintura, as mil e uma tenazes e corajosas iniciativas para levar a arte ao povo e manter a juventude e a potência criadora da arte fecundada por esse contáto indispensável e insubstituível, são uma garantia de que o povo italiano e o povo francês não serão derrotados. Esses povos e seus artistas reivindicam a arte como um "artigo de primeira necessidade".

Procurava eu embrenhar-me mais profundamente no teatro dessa luta, quando recebi um convite para reger um concerto em Varsovia.

Felizmente, o concerto obteve um grande êxito e tal fato proporcionou-me uma longa "tournee" de concertos, fato que me permitiu alcançar em boa parte o duplo objetivo que me tinha traçado ao aceitar o convite.

1.º — Divulgar a nossa musica, atento á reação do publico polonês. Procurei divulgar a musica contemporanea brasileira, escolhendo o que, a meu modo de ver, mais se liga e melhor exprime a nossa sensibilidade. Ao fazê-lo, prevenia-me contra uma dificuldade — tratava-se de musica de um país de costumes e historia muito diferentes e que devia ser executada por musicos poloneses.

A experiência confirmou minha opinião pessoal sobre a universalidade da linguagem musical e mais ainda sobre a universalidade do folclore, cujas mais altas expressões artisticas são completamente acessíveis e diretamente compreensíveis aos povos das mais diversas latitudes. Não precisa de interprete, de intermediário.

2.º — Verificar o que eles estão fazendo em musica. A reciproca é verdadeira. A musica que exprime a sensibilidade do povo polonês é perfeitamente compreensível para nós, nos emociona e empolga.

Isso não quer dizer que na Polonia só se faça boa musica. Ao contrario. Eles também tiveram e têm os seus formalistas, que se dividem em varias tendências, como os academistas, dodecafônicos, atonalistas, etc., cujo fundo comum é a falta de clareza, o desprezo pela melodia, que apenas mascara a incapacidade de fazer melodia, etc.

Os compositores, inclusive estes, são jovens, pela simples razão de que o nazismo exterminou a intelectualidade polonesa. Contam-se nos dedos os remanescentes, que são venerados.

Essa musica formalista considera uma vergonha, um atentado á musica pura o fato do povo aprender a musica, porque pretende se colocar acima das possibilidades atuais, negando dessa forma que o homem é o fundamental na vida, no mundo. Seu grande "argumento" é que a humanidade ainda não evoluiu a ponto de se colocar á altura da musica ou pelo menos da musica que fazem. Dessa forma, eles se colocam contra o progresso de seu país, pois negam não só o avanço cultural e artistico já adquirido, mas principalmente se recusam a admitir que o pre-

sente, o trabalho artistico e cultural que se realiza agora contem o germe do futuro, o alicerce do futuro. Assim, colocando-se pretensamente muito na frente, muito no "futuro", estão na realidade fazendo o triste velório do passado, do que está morrendo. Os formalistas são os mesmos na Polonia, no Brasil e em todas as partes do mundo.

O Comité dos Compositores adota uma posição de cordialidade, de compreensão, que é a sua melhor auto-defesa, apoiando-se no fato de que o artista — liberto do editor e do empresário — depende somente do publico. Dessa forma, não se trata de censurar. Trata-se de executar. O apoio ou a repulsa das plateias decidem em ultima instancia sobre o destino da criação musical.

Diante do fracasso inevitável, o Comité dos Compositores não os trata como vencidos, como cadáveres que é preciso sepultar. Reconhece que lhe é difícil, muito difícil, romper com sua posição. E procura ajudá-los a fazê-lo, pois lhes reconhece o direito de fazer musica, lhes reconhece o talento.

O processo utilizado é o de explorar a velha associação da musica com a palavra humana. Não se trata, é claro, de fazer a musica regredir áquele periodo distante em que ela era apenas uma arte auxiliar do discurso. Agora, ao contrario, a palavra pela sua ação mais direta, pelo seu carater profundamente nacional (utiliza-se a lingua materna) serve de veículo para aproximar e identificar o artista com as mais belas e puras fontes de inspiração. Assim, os melhores poetas e escritores dão seu braço fraterno ao musico, que se vale de seus motivos e temas — e, porque não dizê-los? também da musicalidade da linguagem humana — para re-encontrar o verdadeiro leito de uma arte nacional, de uma arte otimista, que encontra no presente os materiais para a construção do futuro. Posso dizer-vos que a experiência vale a pena porque os resultados são alentadores. Os musicos educam e são educados pelo povo. Por exemplo, um dos maiores compositores da nova geração polonesa é Panufnik, que até há pouco usava para sua criação a técnica dodecafônica. Sua musica, em geral, não era bem aceita. Hoje, a sua cantata "Pela Paz", que é a versão musical de um poema de um dos maiores poetas poloneses, lhe abriu o caminho para uma completa e gloriosa realização de sua personalidade artistica, marcando grande sucesso.

Mas isso é uma informação insuficiente. Na verdade, Chopin nunca foi tão cultuado, cultivado, aplaudido, executado na Polonia como nos dias de hoje. Mas não é só. Chopin foi ressuscitado.

O Chopin que conhecemos aqui é um Chopin, desfigurado, inventado á moda da decadencia. Os interpretes estrangeiros de Chopin, inclusive Brailovski, não são estranhos a ele por pertencerem a outra nacionalidade, mas porque fizeram dele uma caricatura de compositor, um triste e queixoso, um vencido com hemoptises, pessimista e roído pela tuberculose. Ele não combate, chora. Ele não canta, se lamenta. Ele não vive sua grande vida, depende de outros.

Que diferença do verdadeiro Chopin, do revolucionário e exilado politico, do participante de reuniões clandestinas, do lutador pela libertação nacional de sua pa-

tria que gemia sob o guante de czarismo. O Chopin que os poloneses de hoje executam é um artista que dá uma contribuição ao mundo porque é fiel ao seu povo, um combatente de sua patria. E' o "poeta do teclado", é o lirico, mas o é porque tem confiança no futuro e, por isso, é vigoroso, potente, viril, um homem que não está só, mas que avança ombro a ombro com milhões.

Para tornar bem claro o que se passa no campo musical polonês, para uma melhor e mais exata apreciação dos detalhes de meu contato com o publico polonês é preciso dizer duas palavras sobre o país, sobre o ambiente. Escolhi, como síntese de tudo o que observei, a capital, Varsovia, a cidade martir. E' indispensável conhecê-la para conhecer seus artistas. Imaginai uma cidade, antes da guerra, de 1.300.000 habitantes, com seus maravilhosos bairros residenciais e todas as características de uma grande metrópole. No fim da guerra, 95% de seus predios estavam reduzidos a pó e a população não passava de 60.000 habitantes. E' inimaginável, é incrível o que a bestialidade nazista foi capaz de inventar para o martirio dessa cidade e da sua população. Basta dizer que todos os judeus, logo nos primeiros dias das ocupação, foram recolhidos ao gheto, que mais tarde foi bombardeado e incendiado pelos mesmos nazistas, durante a famosa insurreição. O gheto está ainda hoje como ficou depois do morticínio em que pereceram mais de 200.000 judeus! A vista destas ruínas não permite que contemos as lagrimas e inspira um odio tremendo contra os barbaros e criminosos que, para sustentarem a mais criminosa das teorias, a da superioridade racial, queimaram, torturaram, asfixiaram com gases venenosos, jovens, mulheres, velhos e crianças. Infelizmente, é habito do homem esquecer os acontecimentos do passado. Porém é necessario que todo homem decente cultive no seu coração o amor por todos esses martires e lute com todas as suas forças para que esses crimes não se repitam, qualquer que seja o rótulo inventado pelos interessados em justificá-lo.

E' nesse quadro de trabalho, de otimismo, de alegria, de valorização do ser humano, que se desenvolve a atividade musical do povo polonês. Nessas casas de cultura, ensina-se musica, dança, pintura, escultura e literatura, formam-se conjuntos operarios corais e orquestrais. Existem comissões de tecnicos para apreciar, estudar e resolver os eventuais projetos para a melhoria da produção apresentada pelos operários. Além dessas três casas de cultura já mencionadas e que podem ser chamadas as casas matrizes, em outras cidades, em cada fabrica, nas fazendas coletivas, existem casas de cultura ligadas diretamente ás outras. Dessa forma, todo o povo polonês participa do desenvolvimento cultural do país.

No campo da musica, nunca teria podido imaginar que um país recém-saído de uma catastrophe como aquela de 1939 a 1945, tivesse a possibilidade de formar vinte orquestras sinfonicas oficializadas. Não tive oportunidade de regê-las, todas. Mas as cinco que me foi dado conduzir podem ser classificadas de ótimas. Cada Filarmonia possui não somente uma orquestra sinfonica, mas também uma massa coral formada exclusivamente por gente moça, que estuda com a máxima seriedade

e que se apresenta em concertos corais e sinfônicos corais. O interesse do povo pela música é enorme. Dizia-me o maestro Plerkowki, diretor geral da Filarmonia de Cracóvia, que, no primeiro ano de suas atividades, os concertos eram frequentados por uma pequena quantidade de público. Hoje é necessário que um programa de um concerto sinfônico seja repetido três vezes para poder dar vazão à afluência de público. Também o teatro lírico interessa enormemente o povo. Basta dizer que em Varsovia, Poznan, Catovitch e Biton existe o teatro lírico permanente, que dá ao povo 11 meses de ópera consecutivamente.

Entre as muitas realizações no campo da música, não posso deixar de citar o grupo coral e de danças folclóricas "Mazowzce". Este conjunto acaba de realizar uma longa "tourné" na União Soviética e já está com datas marcadas para outras na França e outros países da Europa ocidental.

A ideia de criar esse conjunto — algo completamente diversos de tudo o que vi e ouvi em outros países — deve-se ao maestro Thaddeus Sygetynski. Artista genial, estudioso entusiasta do folclore nacional, persuadido que a arte é do povo e para o povo, lançou a ideia de formar um conjunto coral e danças folclóricas no meio dos camponeses e preparou um concurso para reunir moços e moças camponesas dentre 14 e 18 anos de idade. Depois de um trabalho exaustivo para a seleção do grupo — pois milhares de pessoas se inscreveram no concurso — começou o período de preparação. Dificuldades enormes surgiram devido ao fato de serem os componentes do grupo analfabetos e sem nenhuma noção musical e rítmica. O governo deu-lhe todos os recursos para que o projeto se tornasse realidade. Em uma aldeia, perto de Varsóvia, foram preparadas as casas que deviam receber os futuros artistas e começou o intenso trabalho de preparação: escola humanística, escola de música, de ritmo, de canto, de dança, tudo sob a direção de professores especializados, que fizeram desse conjunto de camponeses algo de surpreendente. Assisti a um concerto desse grupo no salão de uma grande fábrica de confecções em Varsovia. Grande foi a minha emoção, vendo e ouvindo essa mocidade fisicamente bonita, moralmente cheia de saúde e artisticamente bem preparada. Os costumes nacionais, as músicas corais acompanhadas por orquestra típica, as danças, a qualidade da sonoridade, a graça juntamente com a força da interpretação rítmica chegaram a comover-me e especialmente firmar-me na convicção do quanto se pode realizar no campo artístico, dando a possibilidade ao povo de participar ativamente de suas manifestações, descobrindo e desenvolvendo no meio da massa os valores que devem formar o alicerce, a base de uma cultura, a força espiritual de uma nação.

E cada programa dos meus concertos inclui uma parte dedicada à música contemporânea brasileira. Foi para mim indizível satisfação ver com quanto calor e entusiasmo o público e a imprensa recebiam o fruto da criação artística nacional brasileira. Músicos até então completamente desconhecidos naquele país, como Radamés Gnattali, Camargo Guarnieri, Souza Lima, são hoje conhecidos naquele recanto da Europa.

Para demonstrar o interesse dos músicos para com as obras brasileiras, vos contarei o que me sucedeu em Poznam. Eu tinha incluído no programa a Suite de Radamés Gnattali e o Prologo e Fuga de Camargo Guarnieri, duas peças de grande responsabilidade artística. Mas, depois do ensaio de leitura, compreendi que, devido à falta de tempo, não seria possível uma boa execução das duas obras. Pedi, por isso, à direção da sinfônica que me permitisse tirar do programa a peça de Camargo Guarnieri, no que fui atendido. Logo depois, no hotel em que me hospedava, fui visitado por uma comissão da orquestra. Os músicos foram me interpelar, querendo saber o motivo da redução do programa. Percebia-se que julgavam a medida uma prova de falta de confiança nêles. A resposta foi que se tratava de falta de tempo, de evitar a necessidade de ensaios extraordinários para não pesar no orçamento. Mas eles insistiram, afirmando que não se conformavam, que faziam questão, de qualquer forma, de executar as duas peças. Ofereceram-me duas horas de ensaio suplementar por dia. E' claro que aceitei a proposta com entusiasmo, e, devido ao espírito de cooperação de toda a massa orquestral, foi-me possível levar ao público o Prologo e Fuga de Camargo Guarnieri, que teve, por sinal, um grande sucesso.



Em Katovich, a Suite Brasileira de Radamés Gnattali teve tal êxito que me obrigou a repetir dois números da peça e ainda me foi pedida a gravação da peça, o que prometi fazer quando se produzisse a oportunidade.

Particularmente interessante e agradável foi minha permanência nessa cidade, devido ao fato de que a Filarmonia de Katovich tem o hábito de repetir os programas dos concertos em dois centros industriais próximos da cidade: Biton, centro mineiro e Bielsko, centro da indústria de tecidos. A viagem é esplêndida, através de imensas florestas cobertas de neve, sobre estradas asfaltadas, viajando muito confortavelmente em ônibus moderníssimos. Para os componentes da orquestra essas viagens representam um divertimento. A atmosfera é de plena camaradagem, de alegria e satisfação por estarem realizando algo de muito importante. Eu me senti feliz também em viver esse momento e participar de sua alegria.

Em Biton, tudo estava preparado para receber a orquestra. O imenso salão decorado pelos operários, quente e acolhedor, estava completamente lotado de mineiros e suas famílias. O sucesso foi vibrante. Durante todo o programa, senti o interesse, o entusiasmo e a compreensão desta massa. No fim do programa, um grupo de moças, filhas dos mineiros, chegaram até o meu lugar, para oferecer-me um ramalhete de flores. Vinte graus abaixo de zero e ali estava um ramalhete de cravos! Depois do concerto, fui recebido por

uma comissão de mineiros que quis manifestar-me a sua gratidão pela minha presença e execução. Mas sinto que sou eu que lhes deve gratidão, por ter vivido com eles, sentido pulsar o seu coração generoso e participado de sua alegria.

Em Kracovia, o entusiasmo do público, depois da execução da Sinfonia do Novo Mundo de Dvorak, foi tão grande que me vi obrigado a repeti-la. Os poloneses não costumam gritar "bis". Eles batem palmas compassadamente e com tal vigor que não é possível a alguém recusar-se a atender o que deseja o público. Além disso, tive que prometer-lhes levar também músicas de compositores brasileiros, como Fernandes, Mignone, Santoro e satisfazer suas exigências de dirigir um concerto dedicado exclusivamente às obras de Villa-Lobos, o que farei com prazer se algum dia surgir a oportunidade.

Meus amigos: não me seria possível encerrar esta palestra sem relacionar as impressões colhidas e as experiências vividas na minha viagem à Europa com a situação do artista.

Se nos referirmos a artistas de verdade, com talento e honestidade, essa relação não pode deixar de ser de otimismo e confiança, porque vemos o que está ao nosso alcance fazer e construir e, ao mesmo tempo, de protesto e rebeldia contra os obstáculos, resistências e dificuldades, que entorpecem e visam mesmo impedir que o façamos.

Com efeito, a riqueza incalculável do folclore nacional, a musicalidade e sensibilidade artística da massa da população brasileira, tudo nos indica que nos sobram as condições para dar uma contribuição de primeira ordem para o enriquecimento do tesouro musical da humanidade. Nada mais honroso e capaz de entusiasmar um artista do que participar nesse trabalho.

Por isso mesmo, o artista não pode ser menos que um homem de luta e combate, quando ele tem tão grandiosas perspectivas, mas em lugar do público ardente e sensível que ele sabe existir na sua terra, ele encontra as exigências mercantis, quando sua arte tem que ser alugada em honra de uma marca de sabonete, quando em lugar de trabalhar com a profunda e rica inspiração de um riquíssimo folclore, as necessidades econômicas o obrigam a compor ou reger em subserviência ao alto patrocínio de um refrigerante estrangeiro, de uma pomada milagrosa ou do último tipo de colchão de molas, quando ele aspira encontrar a pura expressão da ressonância de sua arte no seio do povo e se defronta, em troca, com uma crítica e propaganda que o apregoam como mercadoria de mais oferta que procura, isto é, de preço oscilante.

O artista tem o direito e o dever de reivindicar o lugar que lhe compete na sociedade. Os novos tempos exigem uma nova estética, que seja capaz de fazer da música, como de toda a arte, uma nobre atividade, sentida, compreendida e vivida por milhões de seres humanos, hoje privados da alegria da arte.

Este é um objetivo capaz de elevar o artista, de salvá-lo da bancarrota da arte pela arte, de permitir que, de braço dado com o povo, ele marche para a frente.

Que este encontro convosco seja um passo para a frente é o que desejo de todo coração.

CONTO O ' ' R E C O - R E C O ' '

IBIAPABA MARTINS

Ibiapaba Martins nasceu em setembro de 1917 na cidade de Botucatu. Filho de funcionário publico e professora, ingressou aos 17 anos na imprensa diária desta capital. Em suas reportagens e entrevistas, sempre lutou ao lado do povo e dos trabalhadores. Poristo e por ter organizado e dirigido uma greve de jornalistas, foi demitido dos jornais de Assis Chateaubriand. Participou de diversos movimentos operários, tendo sido secretário da Comissão Pró-Liberdade Sindical que concorreu poderosamente para a abolição do "atestado de ideologia". Em 1949, integrou a direção da comissão de trabalhadores que compareceu a Cruzeiro a fim de levar o apoio moral e financeiro aos ferroviários da Rede Mineira de Viação que se encontravam em greve. Escritor e crítico de arte, escreveu "Falam os Muros da Cidade", muito discutido pela critica. No momento, escreve um novo romance, no qual fixará as lutas do proletariado e campesinato do país. Secretário-geral da "Aliança Autonomista Pela Paz e Contra a Carestia", candidato popular às eleições municipais de São Paulo, Ibiapaba pertence àquela corrente de artistas e intelectuais que não separam a arte da politica. O presente conto é o resumo de um dos capitulos do proximo livro de Ibiapaba Martins.

— E agora nós vamos abolir a assiduidade cem por cento, — diz um dos operarios.

Maria, a Espanhola ouve o sussurro dos três homens reunidos em sua casa e fica satisfeita por saber que a luta não parou. Está contente de ver o marido lutando ombro a ombro com os outros operarios, sente-se a mesma mocinha que, havia quinze anos, namorava o Zancané e ainda não tinha quatro filhos comilões. O responsável pela mudança nos sentimentos de Maria foi um rolo de material plastico, que espalhava tinta sobre o tricoline esticado entre duas pranchas. Tudo aconteceu quando no "cortiço" escuro e feio se reuniram pela primeira vez os três companheiros do marido. Era no fim de maio, quando o sol é quente e as sombras do "cortiço" são mais frias.

... era no fim de maio, quando o sol é quente mas as sombras do "cortiço" são mais frias. No interior da fabrica estava gelado, embora o sol batesse em cheio sobre os telhados lisos. Não era das maiores aquela empresa, pois a menos de duzentos metros ficavam as fabricas de três e quatro mil trabalhadores. Assim mesmo, era uma grande fabrica. Seu refeitório, pequeno e sujo, não agradava aos homens que almoçavam na calçada, o olhar passeando pela monotonia da paisagem urbana e pelos quadris das jovens operarias. Centenas de marmitas iguais enfileiravam-se sobre centenas de joelhos parecidos e foi por cima desses joelhos que passou aquela folha de papel impresso. De repente, diminuiu a velocidade, parou, virou nos dedos grossos de um operário e volteou no ar, caindo amarrotado sobre os paralelepípedos.

— Porcaria! — disse o operario. Poesia, noticias de festas, jogo de futebol. Sobre a vida da gente... nada. Dá a impressão de que não existimos e que na casa da gente não está faltando leite e pão.

— Jornal feito pela direção da empresa é isso, Zancané. Enquanto nós não fizermos o nosso proprio jornalzinho, será sempre assim.

— O que nós precisava, Roque, era quebrar o pau por cima dos patrões.

O outro sorriu. Havia mais de vinte cinco anos que perambulava de fabrica em fabrica. Sua primeira profissão tinha sido a de tecelão, quando não havia outra alternativa para o trabalhador da roça senão empregar-se como tecelão ou servente de pedreiro. "Logo de cara fui trabalhar num tear Jaquard", gostava de dizer aos companheiros de serviço. Também ao Zancané contara sua vida e o outro já sabia que ele havia tomado parte em greves memoráveis que tinham estourado naquele ultimo quarto de seculo.

— Não é difícil fazer um jornal destes, — continuou. Quando fui dirigente do sindicato já fiz muitos. Mas defendiam os interesses da classe operaria.

Nesse instante, soou o apito. Aos grupos, os operarios começaram a afiluir para os portões. Estes já se fechavam e os retardatarios ainda chegavam correndo, esbaforidos, temerosos porque um minuto de atraso significava a perda do descanso remunerado. Recomeçou o rumor dentro da fabrica; os teares soavam como enormes contas de rosario caindo umas sobre as

outras enquanto da fiação se escapava um rumor surdo e continuo, tal e qual o ronco de um gigante adormecido. Moviam-se as maquinas que promoviam os mil e um ruidos; fardos de algodão entravam pelos portões de aço, grandes caixotes de peças de fazenda saiam do edificio em caminhões que se espalhavam pelas ruas, conduzindo pano. Guardas vigiavam as entradas e, numa porta mais discreta, da qual partia um tapete estoiado, um vigilante acabava de dizer a outro:

— O dr. Cantinho está uma fera... Parece que a fabrica recebeu uma grande encomenda de pano para o Exército... Ouvi qualquer coisa assim.

No escritorio, Cantinho passeava de lá para cá, as mãos nas costas, o queixo saliente, pensando naqueles mil e seiscentos homens que, aparentemente, concordavam com tudo mas, na realidade, apenas se preparavam para apunhalá-lo. Esses homens eram os operarios da fabrica; o apunhalado seria ele, João Cantinho, gerente da Fabrica Rosendo. Conhecia bem essa gente e vira como o odio se estampava nas frases escritas na privada. Embora tivesse mandado apagar as letras chulas, continuavam lá. "Foi o Cantinho quem matou a Amelia", diziam as palavras de fogo que não saiam do muro apesar de riscadas a lapis. Aquela frase, tinha certeza, acendia o odio entre os operarios, lembrando-lhes a companheira grávida que, cinco meses antes, caiu sobre a maquina e morreu depois de uma semana de dolorosa agonia.

Inicialmente, surgiu aquela frase. Depois, inscrições pedindo aumento de salarios. Cem por cento, trinta, cinquenta por cento, diziam. Com o passar dos dias (e ninguém era capaz de descobrir os autores) passaram a escrever: Quarenta por cento. Isso demonstrava que todos se uniam num mesmo pensamento. — Mas eu conheço as manhas dessa gente; — pensou. Não foi por causa de meus belos olhos que me deram o lugar de professor numa universidade mantida por illustres sacerdotes e industriais. Sei o que representam essas caras mudas e essa atmosfera tensa.

Ultimamente, Zancané, o ex-colono da Fazenda Bela Cintra, vinha refletindo maduramente sobre essa questão do aumento de salarios. Realmente, na cidade não havia o problema do vale e do barracão mas, também, mil e duzentos cruzeiros nada representavam. Sua mulher, Maria, a Espanhola, abriu uns grandes olhos de satisfação quando, pela primeira vez, ele chegou do serviço com aquela notinha de mil cruzeiros mais a oitinda de duzentos. Mas foi quase chorando que, daí a quinze minutos, separou os seiscentos cruzeiros do aluguel, o dinheiro do vendeiro e do padeiro. Por isso Zancané não achou ruim quando Roque e Afonso Tarzi dele se acercaram falando sobre a possibilidade da turma conseguir aumento.

— Como? — perguntou.

— Lutando. Só a luta dá resultados, — respondeu Roque. A empresa está em condições de pagar, pois há pouco recebeu uma encomenda de pano para o Exército. Se nós nos organizarmos para conseguir o aumento, ninguém nos vence.

— Uma greve?

— Quem sabe... A turma já anda falando em greve, mas ninguém sabe quando nem como. É preciso quem dirija o movimento. Acho que você deve ver na sua secção como as coisas estão, falar com os companheiros e convencê-los de que a gente pode ganhar mais.

Zancané concordou. E não discordou quando um dos companheiros lhe sugeriu que poderiam reunir-se em sua casa para discutir o assunto. Falou com a mulher, Maria, a Espanhola, e a muito custo conseguiu que ela concordasse com a reunião. Não queria ceder a cozinha para os homens se reunirem.

— A gente já vive mal e ainda você vai se meter em encrencas...

Por isso, nessa primeira noite, não penetrou na cozinha quando os homens se reuniram com o marido. Poderiam perceber que ela estava com raiva da intromissão. Do quarto, enquanto embalava o filho menor, ouvia alguma coisa do que diziam: diziam:

— "... a greve é o maior argumento para os tubarões. A greve a gente prepara em surdina; constroi a maquina, azeita bem o aparelho e forma a comissão central apoiada nas sub-comissões existentes em cada sessão. Isso que é organização. É preciso ter muito cuidado com os cagoetas e evitar a infiltração dos puxa-sacos. Isso que é vigilância."

Prestando mais atenção ao sussurro que vinha da cozinha, começou a simpatizar com os homens. Um deles, de voz grossa,

falava justamente sobre as mulheres da fábrica:

— Precisamos colocar uma mulher na comissão central, já que a maioria dos trabalhadores da fábrica é constituída de mulheres. Quando a gente não tem o apoio das companheiras, nada feito. Amanhã nos reuniremos na União para formar a associação e deverá estar presente o maior número possível de operárias.

★

No domingo estavam cheias as salas da União. Homens louros, morenos, moços e velhos, jovens louras e moreninhas esperavam o início da reunião. Sabiam que haveria dois pontos na ordem do dia: a formação de uma associação e a questão do aumento de salários. Sim, porque é na associação que a gente discute, prepara os boletins, etc., etc., — andara dizendo o Roque naquele seu galitão de galo velho. Uma das mocinhas achava que deveriam alugar um salão para a realização de bailes mas um rapaz discordava, dizendo que a associação deveria cuidar apenas de futebol. Outra jovem, de cabelos compridos e louros, acrescentava:

— Nós precisamos não só de uma associação que promova bailes mas também que cuide de futebol e, principalmente, da união da turma a fim de lutarmos pelos nossos direitos, — dizia. Olhe que trabalho na Fábrica Rosendo há sete anos. Comecei como remetina, preparando os rolos que iam para o tear, quando ainda não tinha treze anos. Sei que o pessoal luta quando está preparado. Vocês não se lembram das greves de 1946?

E aquela mocinha de vinte anos, os cabelos compridos e louros, olhos azuis e decididos, parecia uma criança falando em guerra quando se referia à necessidade de lutar contra os capitalistas. E foi ela quem convenceu as colegas de que o essencial era lutar, depois jogar futebol ou dançar.

— De que adianta a gente querer jogar futebol ou dançar quando não ganha o suficiente para comer? — disse, — antecedendo a exposição que aquele operário negro iria fazer aos vinte e cinco textos que assinaram a ata de formação da Associação da Fábrica Rosendo.

O movimento que se incubava potente no bojo da fábrica ia ganhando corpo. Em diversas seções tinham surgido subcomissões. Agora já não se discutia sobre se o aumento deveria ser de trinta ou cinquenta por cento porque todos estavam dispostos a exigir os quarenta por cento. Inscrições continua-

vam a ser feitas no mictório. Certa madrugada, apareceu no paredão da fábrica uma inscrição da altura de um homem, que parecia gritar:

“Trabalhadores da Rosendo, Guerra não. Aumento de salário sim.”

Em outra manhã, na seção do Roque, o guarda apanhou um rapazinho com um lápis na mão.

— Ah... então é você quem anda riscando a parede? O dr. João...

— Eu o que, seu cagoeta? — reagiu o jovem.

Outros operários se aproximaram, Roque entre eles.

— Olhe companheiro. Aqui todos ganham pouco e sofrem as consequências dos salários de fome, inclusive você que é guarda. Não sei se foi ele quem riscou a parede mas o que nós não concordamos é que você comece a perseguir o rapaz.

— E não vá falar ao dr. João porque senão você pode amanhacer com a boca cheia de formiga, — insinuou outro operário.

Era a greve que se preparava, potente; a massa queria lutar, — dizia Roque aos companheiros reunidos na cozinha de Zancané. Enquanto falava, Maria, a Espanhola fervia o café e contemplava a dissemelhança física entre os presentes. Ali estava aquela mocinha de cabelos louros e compridos chamada Concelção; ali estava o marido com voz de taquara e rosto queimado; o Roque, a quem chamavam Galo Velho; o Targi, embaraçado e quieto. Era aquela a terceira ou quarta vez que se reuniam em sua casa para decidir sobre a greve. Até ela já estava aprendendo de tanto ouvir as discussões. Gostava de escutar os homens falarem sobre os planos de batalha. Agora, por exemplo, contavam como a comissão central, ampliada com mais de trinta pessoas, tinha entregue o memorial ao dr. Cantinho. O homem ficou furioso com o pedido de aumento de salários mas se controlou hipocritamente. Fez discurso, disse que ia estudar o assunto com carinho, falou que os operários e patrões concorriam ambos para o crescimento do parque industrial.

— Enfim, até agora tudo caminha bem, — disse o Roque. Quase todas as subcomissões estão organizadas; foram feitas diversas assembleias na União. Mas, temos que fazer o jornalzinho. O nosso jornalzinho. Eu trouxe os estensis.

Finalmente, a Espanhola iria ficar sabendo para que servia aquele aparelhinho chamado “reco”. Admirada, viu os operários se curvarem sobre uns papéis azuis a que chamavam es-



tensis — iguais àqueles que serviam para tirar cópias de bordado. Vagarosamente, lenta e dolorosamente, teve que ser riscado aquela folha. Houve falhas a princípio, agou-se o estensil. Perdeu-se dinheiro. Foi uma grande luta para que finalmente, toda uma página pudesse ser aproveitada. Laboriosamente, os cinco homens se revezaram em passar na folha, com um prego afiado, as palavras de ordem sobre a greve que se preparava. E agora, enfim, o papel branco recebia a tinta negra. O "reco-reco", como um aparelho mágico, produzia um jornal. O rolo corria sobre o tricoline, carregado de graxa e... quando se levantava a tampa do "reco", aparecia "O Fuso".

Chicão, membro de uma das sub-comissões, achava que a comissão central estava muito mole. Não adiantava Targi explicar-lhe que a greve só poderia estourar depois do pagamento, porque ele teimava:

— Qual. A comissão é frouxa. Já estive em muitas greves e acho que se formos esperar até depois do pagamento o pessoal de minha seção acaba desistindo. Você precisava, — prosseguia ele, abaixando a voz e dirigindo-se especialmente ao Targi — levar-me até o pessoal lá de cima...

— Lá de cima como?

— Eles lá; o partido, — sussurrava.

— Que partido que nada. Quem dirige o movimento é a comissão central e as assembleias.

Roque, quando percebeu os rumos que os acontecimentos tomavam, reconheceu que parte dos operários estava convencida com as palavras de Chicão e se dispunha a não entrar quando soasse o apito. Chamou alguns companheiros e expôs a situação:

— Recuar neste momento é ficar contra a parte mais combativa da massa. E' arriscar muito para conquistar os que ainda vacilam. Acha que Conceição deve ir para a frente do portão principal e convidar os operários a não entrarem depois do almoço. Diante do portão, protegida por quatro homens, Conceição gritou para os demais:

— Pessoal. Hoje ninguém entra.

E fechou os portões atrás de si, enquanto o guarda olhava espantado para a multidão. Não satisfeita com o apelo, Conceição passou a empurrar os mais próximos que se afastavam docéis. Num instante, o movimento ganhou corpo e até houve um operário que veio correndo para junto dela, dizendo:

— Mocinha. Tem gente entrando pelo portão de lado...

— Não deixe. Vá lá você mesmo. Não deixe furarem.

Não tinham transcorridos trinta minutos e uma "perua" cheia de investigadores policiais parou em frente à fábrica. Dirigiram-se os "tiras" para junto do guarda e passaram a confabular, desconfiados. De vez em quando o guarda apontava para Conceição e Targi.

— E' para vocês que eles estão apontando, — diziam os operários.

— Queremos os quarenta por cento, — gritava um jovem da fiação.

Nesse instante, chegaram mais dois carros da polícia e dele saltaram rápidos, numerosos soldados de arma embalada. Cautelosos, porém, não se afastaram dos veículos.

— Eu vou para casa, — murmuravam os mais tímidos e comedistas. Já que estamos em greve, o melhor é descansar.

— Fiquem aqui, não se dispersem, — dizia Roque.

Chicão, de seu lado, garganteava:

— No meu tempo, a gente recebia soldado e "tira" com cacetete. Mas hoje o pessoal é frouxo que nem mulher...

Roque se preparava para falar aos operários, de cima de um monte de paralelepípedos, quando Chicão lhe tomou a frente.

— Companheiros, berrou — Morra o João Cantinho. Morra a polícia. E assim falando atirou uma pedra na direção da fábrica, estilhaçando uma das vidraças do escritório.

Os soldados, que até então contemplavam os acontecimentos irresolutos, atiraram-se contra o grupo mais próximo, que se abriu com uma onda. De "casse-tête" em punho, caíram sobre Roque. Mas este lhes foi arrancado das mãos, enquanto um pé calcava o soldado mais afoito, atirando-o de bruços ao solo. Soaram os primeiros tiros. As primeiras pedras caíram sobre os soldados que, cobrindo a cabeça com as mãos e os revólveres, davam tiros para o ar. Num instante a rua ficou limpa. Apenas um pequeno vulto, estendido, repousava no centro da praça, como se repousasse ou estivesse embriagado. As esquinas estavam tomadas por uma multidão compacta. Enquanto um rumor confuso subia do meio da massa, o pânico se estabeleceu entre os policiais. Depois de confabularem durante alguns segundos, enfiaram-se nos carros e vararam a multidão businando. Assim mesmo, algumas pedras os apanharam antes de entrarem no veículo e tijolos quebraram um parabrisas. Tinha morrido um operário. Uma bala o apanhara em pleno peito e era ele quem se assemelhava a uma pessoa que dormisse no

centro da praça.

E quando a massa se aproximou, calada, chela de espanto e com um rancor surdo, houve uma voz feminina, de uma lourinha de cabelos compridos que exclamou pungente:

— E' o Targi. Mataram o Targi.

O odio no coração, Roque procurou Chicão com os olhos. Mas não o encontrou.

Nessa noite, apenas quatro pessoas se reuniram na casa de Maria, a Espanhola. No casebre de Afonso Targi, no entanto, era compacta a multidão. Nunca area daquele misero cortiço houve tanta gente em romaria para visitar o corpo de um operário morto: eram quase todos operários da Fabrica Rosendo, solidários com o companheiro assassinado. Chegavam junto da mulher do velho tecelão para consolá-la:

— O Targi sempre foi um grande lutador. Morreu defendendo o aumento de salários. Agora, a greve irá até o fim. Nem que seja para morrer de fome.

Ela quase não chora. Seus olhos estão apenas humidos. Os sofrimentos continuados obrigaram-na a economizar as lágrimas e é ela mesma quem consola, conformada, uma das crianças que chora sobre o cadáver quase sorridente do velho tecelão.

Maria, a Espanhola, leu os jornais. Mas não foi por intermédio deles que soube da verdade. Não; os operários não o haviam morto, conforme dissera o delegado de polícia. Soube da verdade ouvindo os planos que traçavam os três homens mais aquela mocinha de cabelos compridos e louros. Compreendeu que parte do dinheiro recolhido pelas listas de solidariedade iria para a família de Afonso Targi. Também ficou a par de que numerosas mocinhas haviam se oferecido para recolher dinheiro na porta de outras fabricas. Mas é com espanto que Maria, a Espanhola, ouve falarem da existencia de policiais entre os operários. Parece que lhe tiram um peso do coração quando Roque explica que não são operários mas "tiras" infiltrados na fabrica para fazer abortar o movimento.

— Por isso é que Chicão teimou em fazer a massa entrar em greve hoje. Ele é "tira". Queria fazer o movimento abortar por falta de preparo. Mas amanhã, "O FUSO" já estará desmascarando aquele cachorro.

— "O FUSO" teve o efeito de uma bomba; — disse Conceição aos dois colegas reunidos no dia seguinte na casa de Zancané. — Quando os companheiros o leram, foram chegando perto do "tira". Ele nem percebeu quando José Maria lhe entregou o papel na cara e gritou: "Então foi por isso que você quis precipitar o movimento?" O homem ficou branco como cera e começou a chorar, dizendo que era operário, que sempre foi amigo dos trabalhadores. Aí caíram em cima dele aos socos e pontapés. Ele gritava que não lhe batessem, dizendo que não tinha culpa, que não podia levar susto porque tinha a urina solta. E estava todo molhado. Mas era medo... Os operários revistaram ele e descobriram uma cadernetinha da polícia. O homem quase morreu de tanto apanhar. Ficou estendido no chão, até que os guardas da fabrica o apanharam. Mas é necessario ter cuidado, porque ele andou denunciando os que tomaram parte nas comissões. Ainda não procuraram o Zancané porque não sabem a parte dele nisto. Mas estiveram na casa do Roque. Dizem que vão em minha casa hoje...

Só nesse momento, Maria, a Espanhola resolveu intervir, embora não fizesse parte da reunião:

— A mocinha pode dormir aqui com a gente para se esconder da polícia — disse. E' casa de pobre mas é de boa vontade. Nós os pobres temos que auxiliar uns aos outros. Não existe casa de um trabalhador que não seja casa de outro trabalhador.

— Se não fosse pelo Targi, eu ia dizer que tudo caminhou bem até este momento, murmurou Roque, como se falasse consigo mesmo. — O movimento está em ascenso. Quatro fabricas das redondezas já aderiram graças aos boletins que mandamos imprimir, pedindo solidariedade. Há quase dez mil operários em greve. E a greve já adquiriu um conteúdo politico porque uma das reivindicações é a soltura dos trabalhadores presos. Mas ainda é preciso desmascarar mais energicamente a policia e os patrões como responsáveis pela morte de Afonso Targi.

As mãos na cabeça, exausto, abatido, o dr. João Cantinho revisa suas teorias sobre "Combate Social", a materia de que era professor. Lembrava-se do que lhe sucedera nesses dois ultimos dias e uma pontinha de desespero penetrava em sua alma. Primeiramente, tivera de ouvir as imprecações do conde Silvío, o diretor e proprietário da Fabrica Rosendo.

— Com o pessoal parado, nós vamos perder aquele contrato com o governo, — dizia o conde, indignado. — Vocês são todos uns estúpidos. O sr. deveria ter descoberto os cabeças do movimento logo no inicio. Para onde val o dinheiro que eu gasto com a policia?

Quis consolá-lo, afirmando que a Santa Maria, a Prado e

PERSPECTIVA SOBRE A FISICA NUCLEAR NA UNIÃO SOVIETICA

Professor ROMULO ARGENTIERI

Difícilmente os estudantes, professores e intelectuais (para não falar do povo), tomam conhecimento do que se está fazendo em materia de fisica nuclear, na União Sovietica. As noticias, geralmente, são publicadas pelos jornais, em seu conhecido laconismo. A dificuldade, na aquisição desse conhecimento, decorre principalmente do fato de que as publicações soviéticas especializadas, aqui não chegam. Por este motivo, mesmo os especialistas sentem-se em dificuldades para falar sobre a fisica nuclear soviética. As mais recentes investigações levadas a efeito naquele país, são conhecidas através de publicações americanas. Tentaremos, nesse ensaio, oferecer ao leitor um panorama da fisica nuclear, com vistas objetivas, claras e insofismáveis.

A PRESENÇA RUSSA NA CULTURA CIENTIFICA MUNDIAL

A Russia, como Nação de cultura europeia, deu e continua a dar ao mundo grandes homens de ciencia. Citemos, de inicio, três figuras lapidarias da Ciencia no tempo do tsarismo: Dmitri Mendeleeff, Sofia Kovalevsky e Nicolau Lobatschvskij. Como se sabe, Mendeleeff é o inovador e instituidor da moderna tabela periodica dos elementos quimicos. Foi o revolucionario e o profeta da quimica moderna. O que ele fez, ainda hoje se conserva. Sofia Kovalevsky, a grande matematica, para nos reportar às proprias palavras da Academia de Ciencias de Paris, ao lhe conceder o Premio Bordin "prestou extraordinario serviço à fisica matematica," descobrindo um novo caso, no qual as equações diferenciais de um corpo pesado, movel em torno de um ponto fixo, podiam ser integradas. Finalmente, a gloria da primeira publicação do sistema de uma geometria não-euclidiana, corresponde a Lobatschvskij. Esta geometria não-euclidiana serviria quase um seculo mais tarde, para Einstein desenvolver sua geometria de quatro dimensões, na teoria da Relatividade.

Fixemos, porem, nossa atenção para o desenvolvimento da nova fisica nuclear na União Sovietica.

DE JOFFE A KAPITZA

O fundador da moderna escola de fisica nuclear na União Sovietica é o veneravel e mundialmente conhecido cientista Abram Joffe. Não foi somente um notavel investigador de la-

boratorio, como o preparador de uma verdadeira geração de fisicos, uma "ninhada de leões". A maioria dos fisicos saiu de sua escola. Dentre estes, contam-se dois de excepcional importancia: Peter Kapitza e C. R. Wavilow. Dentre os trabalhos de Joffe citamos um (em colaboração com Dobrozansky) que estabeleceu engenhoso metodo experimental para estabelecer a natureza corpuscular da luz. Com suas experiencias sobre a luz, Joffe fundou a famosa escola soviética de luminescencia, que teve continuadores como A. Romanowsky. A este grupo de pesquisas tambem pertence outro famoso investigador, C. R. Wavilow, de importante atuação. P. A. Cherenkow, tambem da mesma escola, descobriu uma nova radiação ao observar a passagem de electrons rapidos em meios liquidos, solidos e transparentes. Os matematicos Frank e Tamm desenvolveram a teoria matematica da radiação e lhe deram o nome de "radiação de Cherenkow". Como se sabe, a luminescencia está ligada a todos os fenomenos produtores de luz, inclusive a televisão e o microscopio electronico. Daí a atenção com que os cientistas soviéticos se dedicaram a este grupo de pesquisas. Ainda sobre a atuação de Joffe, lembra uma revista americana que em 1938 pediu ao governo soviético um orçamento de milhões de rublos para fazer pesquisas no campo da fisica nuclear, na previsão de que esta ciencia teria um avanço espetacular (1). C. R. Wavilow é, hoje, presidente da Academia de Ciencias da URSS e Premio Stalin por suas pesquisas no campo da luminescencia electronica.

Um dos mais destacados alunos de Joffe foi Peter Kapitza, e tambem o mais conhecido no Ocidente. Filho do general Leonidas Kapitza, oficial superior do corpo de engenharia do exercito tsarista, Peter nasceu em 1894, em Kronstadt. Em 1919 graduou-se com distinção em ciencias matematicas pelo Instituto Politecnico de Leningrado. Iniciou seus estudos de fisica nuclear com Joffe. Em 1921, graças a cooperação de seu mestre e amigo, recebeu autorização do governo soviético para continuar seus estudos no Laboratorio Magnetico Cavendish, de Cambridge, como aluno e depois, como assistente de Lord Rutherford, um dos maiores fisicos dos tempos modernos. Casou-se com a filha de Otto Schmidt, o famoso explorador polar soviético, que então visitava a Inglaterra. Em 1923, atacou o estudo do atomo por outro angulo. Mandou

a Mariana tambem haviam entrado em greve, que a Fabrica de Seca ia pelo mesmo caminho.

— Ai é que nós estamos perdidos, — explodiu o conde. — Com o apoio dos outros operarios, essa gentinha pode aguentar mais tempo. O sr. é um estúpido que poderia ter evitado tudo isto. Trate de entrar em contacto com esses cães e veja o que poderemos fazer. Não podemos é perder o contrato com o governo e o lucro que isso representa. Já estamos parados há mais de uma semana.

Mas não foram essas palavras do conde Silvio que o amarguraram. O que o entristecia era verificar que a batalha estava sendo vencida por "eles". "Eles", os inimigos da patria e da familia. Com que odio e sentimento apesar de conservar o sorriso, ouviu aqueles homens reunidos em seu escritorio.

— Nós queremos aumento de quarenta por cento ou nada — berrava-lhe um mocinho recém-saído dos cueiros. Para esse ainda teve coragem de perguntar:

— O senhor tambem é da comissão?

— Todos aqui são da comissão, — retrucou o fedelho, apontando para os homens que enchiam o escritorio. Outro chegara ao atrevimento de argumentar com a situação do conde Silvio "que não sabia o que fosse ganhar a vida trabalhando..." Que atrevido! E debalde lhes falou da necessidade de voltarem ao serviço enquanto se estudava a questão do aumento, a fim de que a fabrica não perdesse o contrato. Apelou, inclusive, para seus sentimentos de patriotismo já que o país poderia entrar em guerra de um momento para outro. E foi então que um magricela, a voz de taquara rachada, queimado de sol como um

colono, gritou:

— O doutô pensa que os operario nascero só prá dá lucro pros patrão? Quem é que precisa se aprepará prá guerra? Nós não queremos guerra. Nós vai luta contra ela. Póde tá certo disso...

Infame operario de voz de taquara rachada. Ignorante, bronco que talvez nem soubesse ler. Mas ele, Cantinho, professor de "Combate Social", sabia quem era o culpado. O culpado era o veneno instilado pelos comunistas, que se tornava uma força material quando penetrava naquelas almas brancas e as fazia se atirarem contra as instituições e a propria patria, num momento em que esta precisava enfrentar os perigos de uma nova guerra. E mais do que nunca, convenceu-se de que a guerra era mesmo necessaria a fim de colocar em seus lugares tipos como aqueles.

Mas não é a mesma coisa que pensa Maria, a Espanhola. No seu quartinho humilde, enquanto na cozinha os homens falam que agora vai ser necessario lutar contra a assiduidade cem por cento.

— E agora nós conseguimos o aumento de salarios, vamos abolir a assiduidade cem por cento; — dizem.

Para ela, a vida renasce; novamente a confiança ganha seu peito de velha camponesa ao saber que todos os operarios da fabrica deram o aumento de salario à viuva de Afonso Targi. E tudo principiou quando chegou aquele aparelhinho chamado "reco", numa tarde em que estava quente o sol mas gelada a arca interna do "cortijo".

construir poderosos magnetos — os maiores do mundo, naquela ocasião — que conseguiram gerar campos instantâneos magnéticos de 350.000 gauss. Demonstrou que o magnetismo tinha uma influência interessante e primordial sobre o comportamento dos átomos. Logo depois, aplicou o magnetismo para estudo do zero absoluto. O que Kapitza fez nessa especialidade é, hoje, clássico. Para continuar suas pesquisas, a Real Sociedade deu-lhe um laboratório completo que, naquela época custou 60 mil dólares. Em 1934, Kapitza foi a Moscou, com seu amigo e colaborador Niels Bohr, assistir o Congresso Internacional de Física. Terminado o Congresso, o governo soviético, os antigos mestres e amigos apelaram para Kapitza a fim de que continuasse em sua pátria as pesquisas que vinha empreendendo. Kapitza aceitou e o governo soviético comprou todas as instalações de seu antigo laboratório de Cambridge, fazendo-as transportar para a URSS. O laboratório foi montado na Colina de Lenine, nas proximidades de Moscou. O primeiro trabalho de Kapitza foi satisfazer um pedido da indústria metalúrgica soviética que vinha lutando para descobrir um método de alta fusão do aço com pequeno gasto de combustível. Kapitza descobriu um processo para alimentar a fusão dos fornos de aço com oxigênio líquido (patente norte-americana n. 2.280.585), que se tornou, depois, mundialmente adotado. Às vezes, não existe a ombriedade de se citar a invenção do cientista soviético...

Ao terminar a guerra mundial, o governo mandou construir no cimo do Monte Algoez, extinto vulcão da Armênia, uma estação permanente para estudo de raios cósmicos. Em Eriuan, na capital da Armênia Soviética, foi construído outro laboratório para estudo de raios cósmicos e partículas subatômicas. À frente desses trabalhos o Comité de Pesquisas colocou Kapitza.

Kapitza conquistou, com seus trabalhos práticos e sobre física nuclear, grandes honrarias soviéticas e internacionais. Em 1939 e 1942 ganhou por duas vezes o Prêmio Stalin; em 1943, a Medalha Faraday da Real Sociedade de Londres e a Ordem de Lenine, do governo soviético; em 1944, a medalha do Instituto Benjamin Franklin, dos Estados Unidos, dada até agora a Zeeman, Marconi, Edison e Einstein; em 1946 ganhou a medalha da Universidade de Liège; foi eleito membro da Academia Real da Dinamarca e da Academia de Ciências dos Estados Unidos; foi recebido, ao terminar a guerra, na Academia da URSS, com o título de Herói do Trabalho Socialista.

Tal como seu antigo Mestre, Joffe, Kapitza fez escola na União Soviética, principalmente no campo dos raios cósmicos e das partículas subatômicas. O nome desses novos luminários e especialistas em raios cósmicos, já chegou até ao Ocidente. Podemos citar os seguintes cientistas: S. Nikitin, A. Alichinian, A. Alichanow, T. Asatiani, A. Migdal, V. Beretetski, A. Shalnikov, E. Zavoisky, O. Repkova, G. Spivak, V. M. Morozov, A. V. Khymyan, A. Vaisenberg, M. Daion, I. L. Rosenthal, A. Sokolov, N. C. Birger, L. N. Korabiev e muitas centenas de outros investigadores que possuem trabalhos originais e fecundos, nesse campo de especialidade.

Lembremos, agora, um detalhe interessante. Em 1948-49, os professores Powell e Occhialini, da Universidade de Bristol, na Inglaterra, comunicaram que haviam descoberto dois tipos de mésons, um leve e outro pesado, além do tipo já descoberto, em 1936, por Anderson e Neddermeyer, nos Estados Unidos. Os cientistas soviéticos A. I. Alichinian e A. I. Alichinow escreveram, então, à revista britânica "Nature" protestando contra a ignorância com que o mundo ocidental tratava suas descobertas no campo mesônico. Enviaram provas à revista de que haviam descoberto outros tipos de partículas mesônicas, além das mencionadas pelos ingleses. Conseguiram analisar mésons com as seguintes massas: 110, 140, 200, 250, 300, 350, 450, 550, 680, 850, 1.000, 1.300, 2.500, 3.800, 8.000 e, aproximadamente, 25.000 vezes a massa do electrão. Esclareceram os cientistas soviéticos que, suas observações, foram feitas em dezembro de 1946. Era apenas uma questão de nome: os ocidentais chamavam estas partículas de "mésons" e os soviéticos, de "varitrões", devido a forte variação de tempo observada em sua duração, algumas das quais têm uma vida de apenas milionésimos de segundo. O "Jornal de Física", publicação soviética que circula em todo o mundo, escrito em língua inglesa, publicou estes trabalhos, em 1947. Entretanto, o mundo ocidental pouca importância lhes deu. Justiça seja feita ao prof. Powell, da Universidade de Bristol, Prêmio Nobel de Física de 1950, que foi o único a compreender a grandeza e a profundidade das investigações soviéticas levadas a efeito nas montanhas da Armênia, Alichanow e Alichinian ganharam o Prêmio Stalin de Ciências por suas descobertas.

A FÍSICA DOS ELEMENTOS RADIOATIVOS

Que fizeram os russos no campo da física nuclear e da radioatividade? A radical transformação pela qual passou a União Soviética, depois de 1917, refletiu-se também, como não podia deixar de ser, no campo da pesquisa científica. Velhas Universidades, tais como a de Moscou, Leningrado, Karkov e Rostov, tiveram seus pequenos laboratórios transformados em Institutos de Física, para preparar pessoal competente. Dessas universidades saiu a maioria dos físicos russos. Em 1920, foi fundado o Instituto do Rádium que contribuiu com valiosos trabalhos para o desenvolvimento da física nuclear e suas aplicações no campo da medicina. Do Instituto do Rádium saíram também notáveis investigadores da física nuclear. Lembremos que as primeiras emulsões nucleares para registrar partículas alfa foram preparadas por Myssowsky, em 1927 e aplicadas por Baranov, em 1935, no estudo da distribuição das inclusões radioativas das rochas e, também, por Alexandrov, no estudo dos depósitos de urânio de Tyuya-Muyn. Em 1935, Zhdanov inventou a "emulsão EI," a chamada "emulsão de Zhdanov" para numeração fotográfica de partículas subatômicas. Estes trabalhos foram levados a efeito no Instituto do Rádium de Moscou. Muitos anos depois é que os cientistas ocidentais (Braun, Wambacher, Powell e Occhialini) introduziram estas emulsões nucleares no estudo dos raios cósmicos. (2)

Vernadsky, também do Instituto do Rádium, mostrou, em 1930, que o corpo humano, fazendo parte como um todo da crosta terrestre, contém pequeníssima quantidade de rádium. Baranov e Grachova, em 1937, estudaram a distribuição das emanações radioativas na atmosfera. Estes trabalhos indicavam a possibilidade de se explorar os depósitos de urânio, medindo-se o conteúdo de radon na atmosfera, de um ponto distante de observação. Foi esta importante observação que deu origem ao método de Prágel, adotado pelos norte-americanos, para descobrir jazidas de urânio, por meio de aviões. Assinalemos, ainda, em 1938, os importantes trabalhos de Filipov, Zhdanov e Gurevich sobre a formação de "estrelas" nas emulsões nucleares expostas aos raios cósmicos.

Lembremos que a descoberta capital da fissão do urânio-235 foi realizada pelos alemães Otto Hahn, Lise Meitner e Strassman, em fins de 1938. O núcleo de urânio-235, ao ser bombardeado por um neutrão, fende-se em duas ou quatro partes, liberando energia da ordem de 200 milhões de electrões-volts. Esta importante descoberta foi realizada quase que simultaneamente pelo grupo francês liderado por Joliot-Curie. No início de 1939, os investigadores soviéticos Chlopin, Chlopin-Passwick e Volkov, realizaram, pela primeira vez, na União Soviética, a liberação de energia atômica através da fissão do urânio-235. Nesse mesmo ano, foram realizadas as experiências de Perfilov, Polessitzky, Petrjak e Volkov sobre os produtos da fissão dos núcleos de urânio-235 e a formação de núcleos transurânicos. Lembremos a importância dessas experiências nas quais, os cientistas soviéticos aceitando a teoria de Fermi sobre a formação dos elementos transurânicos, isto é, elementos acima do urânio, abriram caminho, mais tarde, para a obtenção do plutônio e dos elementos, 94, 95, 96, hoje conhecidos.

Em 1940, estes trabalhos começaram a crescer de importância. Temos, por exemplo, as investigações de Chlopin sobre a natureza química dos produtos de fissão do urânio-235; os de Flerov e Petrzhak sobre a fissão espontânea do urânio (princípio aplicado na pilha atômica e em certos tipos de bombas atômicas); os de Frenkel sobre a espectroscopia dos núcleos pesados; os de Zhdanov e Missowski sobre a desintegração dos núcleos de urânio situados no interior de chapas fotográficas e bombardeados por neutrões; os de Leipunsk e Maslov sobre a captura dos neutrões lentos pelos núcleos de urânio (este trabalho é capital importância na construção e funcionamento de pilhas atômicas); os trabalhos de Perfilov que mostraram, pela primeira vez, a relação existente entre a equação de Einstein e a fissão do urânio-235; as investigações de Petrzhak sobre os neutrões rápidos, princípio este que culminou na sua aplicação na pilha de torio, transmutando-o em urânio-233; os de Polessitski sobre os fragmentos de fissão nuclear como indicadores radioativos (este trabalho é historicamente o primeiro sobre as aplicações dos isótopos radioativos como indicadores na pesquisa e na medicina, na URSS).

Em 1941, estes trabalhos prosseguiram com o mesmo ritmo. Temos, nesse ano, as comunicações de Beretetski e Migdal sobre o mecanismo da fissão dos núcleos pesados; os de Polesitski sobre a primeira aplicação de isótopos no estudo de química analítica; os de Polesitski, Nemerovski, Orbelli e

Baronchik sobre os produtos de fissão dos átomos de torio (de grande importância para se obter o urânio-233, também combustível atômico). Nos anos seguintes, foram publicados trabalhos de física nuclear, de Baranov, Belonsov, Brezhneva, Bulashevich, Drobkov, Zhdanov e outros, para não nos alongar.

Ainda em 1945, o "Journal of Physics" da Academia de Ciências da URSS, publicava a memória de grande importância, de autoria de V. Veksler sobre a invenção do sincrotron, um aparelho de bombardeio nuclear, que combinava a técnica do ciclotron com o betatron, porém, de maior alcance, eficiência e economia. A ideia original da construção desse aparelho remonta aos trabalhos teóricos de dois físicos russos, Iwanenko e Pomeranchuk, que o idealizaram em 1944 (3).

Sob o ponto de vista de aparelhamento, lembra o "World Dispatch" (4) que a União Soviética construiu seu primeiro ciclotron em 1934. Em 1940 (5) foi construído para o Instituto de Leningrado o maior ciclotron da Europa. Trata-se de uma máquina de bombardeio complexa que requer uma técnica aprimorada e mão de obra altamente especializada. As peças desse gigantesco ciclotron foram construídas nas fábricas "Bolchevista", "Diesel Russa", "Energia Elétrica" e "Viborger Vermelha". Em Moscou também foi construído um dos maiores ciclotrons do mundo. Em 1943, os ciclotrons russos já estavam provocando a fissão de átomos de urânio, em grande escala. Zhdanov, agora diretor do Instituto do Rádium, ganhou um prêmio especial do governo por ter descoberto um novo meio para provocar a fissão dos átomos de urânio-235, expondo-os aos raios cósmicos (6).

Lembra Raymond, que ao terminar a guerra, as experiências atômicas na União Soviética estavam sendo levadas a efeito sob a direção da Academia de Ciências da URSS. As experiências com a fissão de materiais radioativos estavam sendo levadas a efeito no Instituto Lebedev de Física de Moscou (sob a direção de Kaptiza). O Instituto de Tecnologia Física de Leningrado, o Comitê de Raios Cósmicos (com laboratórios experimentais no Cáucaso e Pamiro), o Instituto de Físico-Química, o Instituto de Radiação, a Comissão

de Isótopos e a Comissão para Unidades de Moléculas Pesadas (7).

Como se vê, ao explodir as bombas atômicas no Japão e ao serem revelados pelos norte-americanos suas pesquisas no campo da energia atômica, a física russa encontrava-se ao mesmo pé de igualdade de suas congêneres nos mais adiantados países do mundo. Os cientistas soviéticos foram dos primeiros a perceber a importância da descoberta da fissão do urânio-235. A 31 de dezembro de 1940, o "Izvestia" escrevia: "No próximo ano, a jovem física soviética estudará o problema do urânio como um dos mais fundamentais problemas. A separação do urânio-235 (urânio explosivo) do urânio comum (238) é o nosso objetivo. Trata-se somente de criar uma nova base de energia, um milhão de vezes maior do que as bases até agora conhecidas. Trata-se de encontrar um novo combustível capaz de substituir as exaustas reservas de carvão e óleo e de salvar a indústria da fome de combustíveis. É uma nova era da humanidade que agora começa. O homem estará apto a obter grande quantidade de energia e de aplicá-la para um fim" (8).

É uma magnífica previsão que hoje está se realizando.

A FÍSICA NUCLEAR APLICADA

Qual o segredo dos russos terem atingido, logo depois da guerra, um alto estágio na evolução da física nuclear aplicada? Como ensina o "Relatório Smyth", a energia atômica aplicada não depende tão somente de pesquisadores, mas principalmente de: a) matéria-prima — urânio e torio; b) indústria atômica especializada. Para concretizar este empreendimento foi levado a efeito um espécie de plano quinquenal para a energia atômica. O relatório Voznessenski, diz que através do Conselho Científico Soviético foram mobilizados todos os recursos científicos da União Soviética para extrair da energia atômica os máximos benefícios em prol do país. Para o ano de 1945-46, o plano previu a organização de 500 expedições geológicas, empregando 16 mil especialistas e técnicos, para prospectar e tomar os recursos em urânio e torio. Calcula-se que os soviéticos mobilizaram 100.000 cientistas (9), para localizar, estudar e industrializar a energia nuclear.



TRUMAN e ACHESON rearmam o exército japonês na Conferência de São Francisco
fundamentos

MATERIAL ATOMICO

Agora, chegamos a uma questão importante: tem a União Soviética minérios de urânio e tório com possibilidades de industrialização? A este respeito o prof. D. B. Shimkin, do centro de pesquisas da Universidade de Harvard, deu uma resposta muito bem documentada (10). As pesquisas de urânio da Rússia datam de 1900. Na Rússia asiática, precisamente no vale de Fergana, foram encontradas jazidas de tyuy-yamunita. Trata-se de um minério muito parecido a carnotita americana. Também em Khamar Daban e, sobretudo, em Shudyanska, não muito longe do lago Baical, foi encontrada a Mendelyeyta (titanato-columbato de urânio e cálcio, com 23,5 por cento de óxido de urânio). Em 1914, pouco antes da primeira guerra mundial, o governo tsarista havia elaborado um programa para extração e refinação de urânio e obtenção de rádio. Este programa somente foi posto em execução, em 1918, pelo governo soviético. Vários estudos e trabalhos de extração foram encetados pela Academia de Ciências e o Instituto do Rádium. Em Tyuya-Muyn foram encontradas jazidas de minérios de urânio, vanádio e cobre de grande interesse e não poucas notícias se tem sobre estas ocorrências. Em 1937, outras jazidas de minérios de urânio foram descobertas na Ásia Central, principalmente em Agayssa. No período 1940-41, minérios de urânio foram encontrados em Tyurin, na zona de Karatau. Muita importância dão os soviéticos aos depósitos da Ucrânia (magnetita-urânio-pegmatito), especialmente para a zona de Novograd Volynski. Mas, para o prof. Shimkin, as mais importantes jazidas de urânio encontram-se na área do Tashkent, na Ásia Central. Diz ele que essa importância deve ser relacionada com o fato de que nas proximidades existe uma gigantesca usina hidroelétrica que, somente em 1943, produziu cerca de 882.000.000 de kilowatt-horas. A lista, porém, não termina aqui. Há muitos minérios de urânio espalhados na Rússia. E, dentre esses, podemos citar alguns: a chlopinita, encontrada em Knnok, na Transbaicária; a eschinita, encontrada nos Montes Urais; a ferganita, que ocorre na província de Fergana, Turquestão Russo; a samarsquita, que ocorre nos Montes Urais; a aneroína, encontrada em Minsk; a betanita, em Studianska, Transbaicária. Sabe-se que existem outros depósitos de minerais radioativos em Tadzhik, nos Montes Altai; em Tannu Tuva, em Fergana; em Krasnokamsk; na Karelia; em Kirovski. Importantes jazidas de areias monazíticas e minérios de tório são localizados na Karelia, em Tannu Tuva e na região do Mar Negro. Raymond calcula que os soviéticos dispõem de 14 grandes jazidas de minérios radioativos. O número, contudo, parece muito pequeno.

A União Soviética está recebendo também urânio das repúblicas populares. A produção de urânio do eixo geológico Joachmishthal-Saxônia é muito importante. Como se sabe, a mais velha jazida de urânio do mundo é a de Joachmishthal, na Tchecoslováquia. Este eixo dá uma produção equivalente ao do Canadá. Compreende uma série de importantes minérios de urânio. A pedreira, principal minério de urânio, com até 80 por cento de óxidos de urânio, é explorada em Joachmishthal, em Erzgebirge, na Saxônia e em Schneeberg, na Silesia; a gunita, encontra-se em Joachmishthal, em Schneeberg, em Johann-Georgenstaut; a eschinita, em Konigsheim, na Silesia; a uranosierita, na Mina Weissner Hinch, em Erzgebirge; Johanna, encontrada em Joachmishthal e Johann-Georgenstaut; zippena, em Joachmishthal; uranipinta sobre a pedreira de Johann-Georgenstaut e Joachmishthal; torberita, na mina Tannembaum; autunita, em Schneeberg; cuproskiodowskita, em Joachmishthal; ranorana, em Kupierberg, na Silesia e em Joachmishthal. Sabe-se que, recentemente, os cientistas alemães da República Democrática Alemã, descobriram importantes reservas de urânio em Celznitz, na Saxônia, em Breitenbrunn e nas proximidades de Aue.

Os minérios de urânio e tório precisam passar por uma fase de tratamento apurado, necessitando para isso, de uma indústria química e metalúrgica de primeira ordem, para obtê-los na forma refinada e pronta para emprego. Pelo menos, até agora, sabe-se que os soviéticos instalaram grandes usinas de refinação de urânio e tório em Sverdlovski, nos Montes Altai e em Kirovski. As velhas e famosas usinas de refinação de urânio e rádio de Joachmishthal, na Tchecoslováquia, foram inteiramente modernizadas; um centro de concentração de minérios existe também em Celznitz, na Alemanha Oriental. Uma vez refinado o urânio e o tório são eles enviados para as indústrias atômicas.

Veiculamos, aqui, por mera ilustração, algumas notícias de origem norte-americana sobre a indústria atômica soviética (11). Existiriam, na União Soviética, três cidades atômi-

cas do tipo da americana Oak Ridge. Todas elas foram identificadas com o nome de Atomgrad (Cidade do Átomo). Seriam gigantescas usinas industriais empregando centenas de técnicos e operários, empenhados na produção de energia nuclear para todos os fins. A cidade de Atomgrad n.º 1 encontraria-se na bacia do Koznetsk, na Sibéria centro-meridional. Tratar-se-ia de uma cidade atômica inteiramente devotada à produção de bombas atômicas. A Atomgrad n.º 2 estaria a centenas de quilômetros a leste de Atomgrad n.º 1, próxima do lago Baical, talvez nas margens do rio Angara, excelente centro de produção de energia hidroelétrica. Ali se encontram muitas pilhas atômicas, cujo número é desconhecido. A Atomgrad n.º 3 encontraria-se na região de Tuvinian, República de Tannu Tuva, próxima a fronteira da Mongólia.

A ENERGIA ATOMICA PARA CONSTRUÇÃO

Finalmente, a 14 de julho de 1949, explodiu a primeira bomba atômica soviética. De acordo com notícias oficiais, a bomba atômica foi lançada contra uma montanha com a intenção de provocar seu desmoronamento e abrir um canal, atualmente em construção, na região de Turgai, entre os Urais e o Lago de Aral, para unir toda uma gigantesca bacia hidrográfica. Revela lembrar que a explosão da primeira bomba atômica soviética foi uma completa surpresa para os governos ocidentais, acostumados a enganar os seus povos, mas não os cientistas, com uma falsa propaganda. Ellsworth Raymond, professor da Universidade de Nova Iorque, antigo analista pesquisador (serviço de inteligência científica) da Embaixada Americana em Moscou, diz que todos esperavam que a União Soviética explodisse sua primeira bomba atômica em 1952 ou mais tarde (12). Isto quer dizer que o plano quinquenal sobre a energia atômica foi desenvolvido em três anos. Outras explosões atômicas já foram assinaladas em várias partes da União Soviética. Estas explosões, porém, não tiveram caráter militar, e sim, pacífico.

É isto o que se sabe de verdadeiro sobre a energia atômica na União Soviética.

(1) Richard E. Lauterbach — Russia's Kapitza — Science Illustrated — V. 3 — III — 1948.

(2) A. Zhdanov — J. phys. radium, 6, 223-241 — 1935 — Outras publicações, datam de 1937, 1939, 1944 (em colaboração com Perfilow e Delsenrod) e 1945.

(3) V. Veksler — A New Method of Acceleration of Relativistic particles — (Comunicação recebida em 1 de março de 1945) — J. of Physics — Ac. of Sc. of the USSR — Vol. IX, n.º 3 — Moscow, 1945.

(4) Race for Atomic Secrets Widens — World Dispatch — 24 — VI — 1947 — Washington.

(5) Ellsworth Raymond — How the Russians Got the Bomb? — U. N. World — XI — 1949 — New York.

(6) Ellsworth Raymond — Obr. cit.

(7) World Dispatch — 24-VI-1947.

(8) Ellsworth Raymond — Obr. cit.

(9) Ellsworth Raymond — Obr. cit.

(10) World Dispatch — 24-VI-1947.

(11) D. B. Shimkin — Soviet Uranium Deposits — Science — I — 1949.

(12) Science Digest — XII — 1949.

(13) Ellsworth Raymond — Obr. cit.

As citações de pesquisas soviéticas foram extraídas de:

"Guide to Russian Scientific Periodical Literature" —

Brookhaven National Laboratory, New York, 1949;

"Nucleonics" — I e III, 1949. New York;

Pierre Sue — Dix Ans d'Application de la radioactivité artificielle — S. E. S. Paris — 1948 (com suplemento).

A ARTE DOS LOUCOS

JOÃO BELLINE BURZA

Osorio Cesar publicou na "Gazeta", do dia 6 de setembro ultimo, um artigo intitulado "A Arte dos Loucos", escrito entre aspas. O ilustre psiquiatra pretendeu refutar as ideias contidas num outro artigo, com o mesmo nome, mas cujo autor e cuja fonte não menciona deliberadamente. Essa foi a primeira falha do critico. Ao pretender criticar um trabalho, ele tinha o dever de citar a fonte e o autor. E' que se trata, no caso em questão, de uma revista de cultura moderna e de combate: "FUNDAMENTOS" (n.º 20, de julho de 1951), e de um intelectual de vanguarda: o arquiteto VILANOVA ARTIGAS.

Osorio Cesar começa levantando, "a priori", a tese de que somente psiquiatras e psicanalistas podem entender e discutir o problema. Arremete-se logo contra "os neomitos e curiosos que se enveredam, aos trambolhões, por esse caminho e se metem a fazer as mais disparatadas análises...". Mas isso é uma tentativa de introduzir na critica o argumento da autoridade, isto é, de que uma "ente de iniciados", apenas um pequeno grupo de pessoas altamente esclarecidas sobre o assunto, possui o direito e a sabedoria para falar sobre a arte.

O argumento da autoridade é uma ideia reacionaria e anti-popular, estando muito longe de ser uma critica científica.

Qualquer individuo pode emitir seus pontos de vista a respeito de qualquer trabalho. A verdadeira critica julga a obra do artista como um ato da mesma natureza que outra pratica humana. O artista é um ser social e o renomeo artistico é um reflexo das cousas e fenomenos da natureza. A produção artistica é uma representação que o artista faz da realidade, exprimindo a sua experiencia e a sua ideologia. A análise de uma arte não se faz, portanto, sem o conhecimento exato das condições concretas de existencia material, das suas relações e das lutas de classe. Esse é o metodo realista de examinar o conteúdo de uma arte, que é dado pelo seu estilo, sua composição e sua forma estetica.

As relações entre a forma estetica e o conteúdo ideologico de uma produção artistica devem renunciar às influencias convencionais e formalistas e servir aos interesses coletivos. Por isso é que tanto o intelectual como o operario que lutam pela propria sobrevivencia, num regime de exploração, sabem dizer muitas vezes se o artista está verdadeiramente traduzindo a realidade, representando o mundo em seu desenvolvimento e falando uma linguagem que todos sen-

tem e compreendem e que é a mesma dos anseios populares.

Refere-se, a seguir, às "análises subconscientes" das produções gráficas e plasticas dos alienados, fazendo aí a exaltação do que ele chama de "verdadeiras obras de arte dos alienados". Esses conceitos têm um estranho sabor, justamente sob a pena de um autor que faz sua critica baseada na mitologia freudiana, cujas premissas se acham num terreno mal delimitado e que devem ser aceitas como dogma, impossivel de se demonstrar na pratica científica.

Para ele, o conteúdo latente e manifesto das ideias, dos sonhos e da produção artistica se edificam em realidades independentes, construídas num mundo à parte, não se interessando absolutamente pelo homem concreto. Ele acaba caindo num materialismo mecanista, que é no fundo o idealismo.

O simbolismo psicanalítico explicaria tudo e, desse modo, o reflexo do mundo exterior na consciencia humana desaparece e resvala-se assim em monstruosa abstração. O espirito humano trabalha sobretudo na elaboração de símbolos em função de seus "complexos". O psiquiatra cai de novo no idealismo e no irracionalismo. O irracional, o inconsciente, governa as leis da vida mental.

Com esta inversão das cousas, pretende-se enaltecer o irracional e dá-lo como a fonte primaria das criações artisticas, independentes do meio social, afogando-se outra vez no subjetivismo e no individualismo. Partindo dessa tese, quer-se generalizar o dogma para todos os campos, sendo os problemas do inconsciente as causas dos problemas sociais e humanos.

Porem, o conteúdo real dos processos mentais deve ser procurado nas condições de vida dos homens e derivar da natureza viva da realidade e não de uma logica estatica e subjetiva feita pelo homem. O artista não age isolado da realidade, sua obra não é uma criação esoterica.

Na evolução do universo, o inanimado precedeu ao vivo e a mente é uma propriedade da materia, numa etapa superior do seu desenvolvimento. A materia mesma pensa, quando se acha organizada num cerebro. O homem pensa com o seu cerebro e se o cerebro é a condição necessaria para a produção das ideias, esse fato não será em nenhum caso uma condição suficiente. E' a atividade nervosa superior, garantida pelos hemisferios cerebrais, a atividade que regula as relações complexas entre o organismo e o meio tomados como um todo indivisível, como uma unidade dialética.

Mas se no catalogo da exposição, falava-se no valor terapeutico dessa "arte dos alienados" e na sua importancia no estudo da doença mental e, depois, apontando o restrito valor medico da questão e que esta "arte" só é entendida pelos psiquiatras, pergunta-se então por que essa mostra publica aos "não iniciados"? Tudo faz crer que ela faz parte de uma campanha preconcebida de afastar os artistas dos verdadeiros problemas relacionados com a arte e de levá-los "pelo caminho que a arte dos loucos indica e ensina..."

O que mais interessante e apaixonante é para o artista que refletir no seu estilo proprio, os anseios e a sensibilidade do seu povo, buscando na objetividade da vida sua fonte de inspiração? Isto só é possivel para o artista que está unido ao seu povo, nas suas lutas e esperanças. E' por isso que se procura mascarar esta tomada de posição, colocando-o em face de "pesquisas" bisantinas, insinuando-lhe entrar nas "rodas da arte bruta" e sem fundamento util e real.

No fundo, pois, o marasmo da pintura não é culpa tanto dos artistas como de uma sociedade estagnada e de seus "criticos", que no seu sistema atual é incapaz, porque contrario aos seus interesses de classe, de chamar o artista para a realidade.

A pintura e o desenho, em ultima análise, toda produção material de um alienado serve como um material accessorio para o estudo do doente. Interpretar este material como expressão de uma criação artistica do alienado, e erigi-lo como uma arte verdadeira, é falsear e mistificar. E' fazer o jogo criminoso dos que fazem a apologia da loucura e da decadencia como fenomenos em si e espontaneos, para esconder que as principais causas da degradação e das psicoses estão nas condições sociais. Ao invés de explorarem o sofrimento humano, precisavam não mentir à verdade dos fatos, pois que o homem é produto das circunstancias e nós devemos transformar humanamente as circunstancias. Que ao menos ajudassem a mitigar as misérias do nosso povo e as condições infames em que se encontram os nossos doentes, especialmente os doentes mentais.

Aventurando-se enfim a comparar a "arte dos alienados" à arte primitiva, é como querer o psiquiatra apagar as fronteiras entre o homem normal e o alienado, quando a arte primitiva era o reflexo de uma realidade e de uma ideologia vigentes nessa epoca, porque toda manifestação de uma super-estrutura é condicionada ao tipo de existencia social em que ela se manifesta. E' profunda-

uma cientista soviética

OLGA LEPECHINSKAIA

A atitude da ciência burguesa, *ocidental e cristã* (às vezes autocrismada ciência pura), em relação ao formidável desenvolvimento dos estudos científicos soviéticos e sua paralela aplicação prática — é cada vez mais lamentável. Há, é certo, cientistas ocidentais imunes à propaganda dos capitalistas que, pelo seu poder econômico, direta ou indiretamente controlam o ensino e a pesquisa científica, mas são poucos; e agora, perseguidos de mil modos, dificilmente podem prosseguir no seu labor científico ou didático.

Mesmo aqui no Brasil, homens como Oscar Niemeyer e Mário Schenberg não têm meios de desenvolver plenamente suas aptidões excepcionais, nem sequer de transmitir a discípulos os conhecimentos que adquiriram, o método que os orienta e as suas idéias originais. A mediocridade, e a ignorância naturalmente rejeitam. Exemplo típico tivemos há pouco, com a manobra indecorosa que privou Niemeyer de uma cátedra na Escola de Arquitetura da nossa Universidade. E o mais grave é que o reitor, um certo Ernesto Leme, legista que devia ser quando muito lojista, magnificamente estúpido na sua ruidosa submediocridade, vem a público dizer que o notável arquiteto brasileiro não pode ensinar o que sabe — porque é um *perigoso chefe comunista*. Como sabe esse indivíduo que Niemeyer é um *chefe comunista*? E a sua periculosidade? Que movimentos *chefe*ou ele? Que *perigo* se verificou, para o Brasil, na sua atividade científica e artística — que tanto nos tem honrado no estrangeiro?

Na União Soviética, hoje, os ernestolesmas já não são possíveis. Todas as capacidades são chamadas a colaborar na construção da nova sociedade socialista. Cientistas que se formaram ainda no regime

autocrático dos czares, tiveram todas as facilidades para continuar e desenvolver seus trabalhos. É bem conhecido o caso de Pavlov. O exemplo de Olga Lepechinskaia — de que nos dão notícia as revistas "URSS" e "Études Soviétiques" — é ainda mais característico. Com efeito, só veio a desenvolver e aprimorar seus estudos e pesquisas — que levaram a notáveis descobertas e à celebridade — em pleno regime soviético, embora se tivesse formado em medicina e chegado à maturidade sob o czarismo.

É que desde mocinha ingressara no movimento revolucionário russo, conhecera Lênin, estudara o marxismo. Assimilou assim um método científico — o materialismo dialético que lhe infundiu confiança bastante para dizer, ao iniciar (aos 49 anos!) suas atividades no Instituto Histológico da Universidade de Moscou: "Sei que sou apenas uma principiante; dêem-me a possibilidade de progredir."

Olga Borissovna Protopopova nasceu em 1871 de uma família abastada, em Perm (hoje Mólotov), do lado de cá dos Urais. Boa aluna, estudiosa, esportiva, poderia ter levado uma vidinha burguesa, sem preocupações nem cuidados. Mas teve a revelação da miséria operária ao visitar, nos arredores de Perm, as minas pertencentes à sua própria família; rompeu então brutalmente com a existência passada: resolveu fazer-se enfermeira para servir o povo. Vai para S. Petersburgo (hoje Leningrado), onde segue cursos de enfermagem, tornando-se assistente médica. E estuda outras matérias, lê Darwin, lê Marx: "Li a primeira obra marxista... — diz ela — ...*"O Capital"* de Carlos Marx. Tinha completado 24 anos... Iniciei-me no marxismo, lendo e também escutando as conversas de V. Lênin, participando das

discussões entre marxistas e populistas, entre os marxistas legais (que pretendiam salvar a Rússia e a humanidade dentro da lei e da ordem) e os marxistas leninistas."

Na noite de 8 de dezembro de 1895 a policia de Nicolau II, o Czar Sangrento, prende um grupo de revolucionários, entre as quais se achavam Lênin e um certo Lepechinski. Os presos só podiam ser visitados por parentes ou noivas. São pois mobilizadas duas noivas, uma por Nadja Krupskaia. Aquela e a outra noiva, Olga Borissovna, acompanharam seus noivos até o degredo, até a Sibéria. Olga passou de noiva a desposada, e em 1900 regressou do remoto Ienissei com seu marido, Lepechinski, cujo nome iria ilustrar.

Olga Lepechinskaia já vai nos 29 anos e é apenas enfermeira, ou assistentemédica. Com o auxílio dos camaradas de luta vai para a Suíça, onde se achavam numerosos refugiados russos, entre os quais Lênin e Pierranov. Seu marido é prêso de novo, degredado, exilado; encontram-se por fim novamente em Genebra. E ela recomeça os estudos e o esporte; num só dia percorre de bicicleta 180 quilômetros. Volta à Rússia. Acuada, ela e o professor seu marido abrem um restaurante de estudantes — para viver. O trabalho material não impede que Olga estude, principalmente histologia; forma-se afinal em medicina, já em 1915, aos 44 anos.

A antiga noiva revolucionária, a enfermeira, a médica, não podia parar. Mas sobrevém a guerra, e a militante marxista é afastada das posições científicas a que teria direito; vai trabalhar anônima-mente num hospital. Depois, a Revolução. E a doutora Lepechinskaia é eleita membro de um comitê revolucionário. O trabalho excessivo, dia e noite, faz com que volte a se manifestar uma antiga tuberculose. Olga vai cuidar da saúde, no Cáucaso — trabalhando como médica num sanatório.

De volta a Moscou, trabalha, trabalha sempre: no Commissariado da Instrução Pública, depois numa escola perto de Moguilév, juntamente com a filha, também professora. Por um triz escapa aos assassinos Kulaks e volta a Moscou com seus alunos. É enviada para Tachkent, onde organiza uma universidade e um instituto médico.

Outra vez Moscou, e definitivamente, em 1920. A Universidade, isto é, o Instituto Histológico a recebe a contragosto. Há professores presunçosos (os ernestoleimas residuais, então ainda possíveis), que rosnam: "*autonomia... independência... ciência pura.*" Olga Lepechinskaia diz sómente, com serena confiança, como já vimos: "Sou apenas uma principiante..." O que faz afirmar a um representante científico das classes conservadoras da época (vulgo classes produtoras): "Ela própria me confessou que nada entende de cousa alguma." Mas Lepechinskaia tem o apoio de professores como Timirinzec e a simpatia dos estudantes.

Começa a trabalhar com o sangue e as células — aplicando o seu método, o materialismo dialético. Seguem-se treze anos

mente falsa, pois, a tese de que a "arte louca" é análoga à arte primitiva, alegando que no alienado se dá um processo de regressão e deixando assim explícito que o homem primitivo, em suas expressões, é idêntico a um insano mental.

O homem primitivo, ao contrario, representa um produto da estrutura econômica e social de seu tempo. Ele não formulava ainda teorias científicas e seu conhecimento se edificava numa variedade de observações concretas e de regras práticas da vida. Estas normas se achavam reunidas num conjunto de representações mitológicas cheias de imagens, porém carentes de deduções lógicas e precisas. As relações dos fenômenos naturais com sua própria prática primitiva eram explicadas por lendas e mitos. Somente após certa etapa da evolução, o conhecimento humano chega a elevar-se até a formar um panorama lógico do mundo objetivo. Para esta aquisição, foi necessário um grau de desenvolvimento das condições materiais de existência, quando se pôde separar

o trabalho mental do trabalho físico. Desde então, as conquistas do homem tomaram uma característica especial da ação social, começando o homem a teorizar e construir um quadro do mundo objetivo com ideias lógicas.

O homem é sobretudo um "homo faber" e agindo sobre a natureza, para manter a sua própria subsistência, ele modificou gradativamente sua natureza mesma. Os primeiros seres humanos viviam num meio social dado e traduziam já um conhecimento social e foi a sua existência material concreta que permitiu o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da consciência.

Todas as concepções do autor, naquele artigo, fazem parte de um raciocínio silogístico, onde as conclusões tiradas dependem de uma premissa aceita como base e daí ele parte para toda uma série de ideias espiritualistas, que tanto podem explicar os processos da vida mental como encostados no cérebro humano, ou conservados numa lata ou numa gaveta.

de trabalhos, de experiências, de aparelhos inventados por ela mesma. Nas grandes generalizações, o reexame das teorias de Haeckel e Wirchow. E em 1933 Olga Lepechinskaia faz uma descoberta decisiva: há uma série de estágios intermediários entre as células do snague e as esférulas vitelinas (1). Isto era, *contrário* à teoria clássica da célula, com suas divisões, clássicas e eternas, de células preexistentes. Com efeito, Wirchow e seus continuadores, por mais que puxassem pelas orelhas a sua teoria idealista, nunca foram além da barreira da célula. Para além da célula — nada. Assim foi com o átomo — antes da física atômica.

Olga Lepechinskaia teve que lutar, debater, discutir. Sim, amigos! A discussão democrática — isto é, livre e em benefício da maioria — é norma escrita e costume cada vez mais generalizado na União Soviética. E tudo recomeçou, ou melhor, continuou. A controvérsia entre Pasteur e Pouchet — que parecia definitivamente encerrada em favor do primeiro — referveu de novo. Lepechinskaia, que conhecia Engels, já se aproximava mais ainda da verdade científica, que Haeckel e Pouchet tinham entrevisto, cada qual à sua maneira. Engels: "A vida é a forma de existência dos corpos albuminóides, cujo caráter essencial é a troca de substâncias com o meio exterior; cessa ao mesmo tempo que cessa esta troca de substâncias, e assim acarreta a decomposição da albumina." E ainda: "...a vida é um processo espontâneo, inerente e natural no seu portador, a albumina."

Olga Lepechinskaia empreende portanto um estudo sistemático onde supõe a existência da "substância viva", isto é, a substância não organizada em células, mas contendo albuminóides e susceptível de troca de substâncias e de evolução. Tal estudo compreende necessariamente os ovos (no sentido de gemas de que nasce um organismo) que se desenvolvem fora do organismo animal. Observando, mediante técnica cuidadosa, o que se passa num ovo de galinha, verificou que a gema não é apenas o alimento de um germe microscópico; participa diretamente na formação doutras células (bem como a clara, ao que parece.).

Investigando a origem da vida, Haeckel imaginou formas intermediárias entre a matéria inerte e a vida, a que chamou *monerás*. Ora, Olga Lepechinskaia observou células que nascem, não de uma divisão de células preexistentes — mas diretamente da substância viva. Os mesmos fatos se verificaram fora do ovo, no meio nutritivo. Está pois em xeque a teoria clássica, a teoria tabu, segundo a qual as células se reproduzem por divisão, mecanicamente, e tudo o que é vivo provém da célula. Há uma volta provisória ao estágio précelular; o organismo não é uma soma de células, mas um sistema complexo, composto de células e de matéria viva não celular; é um todo único, cujas partes são interdependentes, em per-

pétuo movimento e transformação, e dependem todas em conjunto, do meio exterior.

Olga Lepechinskaia devia, pois, prosseguir no estudo da albumina viva, dessa matéria viva que os homens ainda não criaram. Vai buscar protoplasma vivo nas células de um organismo primitivo, do tamanho de uma cabeça de alfinete, a hidra parda de água doce. Esmaga essas hidras num almofariz, filtra-as através de sêda, dilui em água o mingau assim obtido e o centrifugo em máquina que gira a 3.000 voltas por minuto. Recolhe material da camada líquida superior e faz nova centrifugação. A gôta líquida assim obtida é, no microscópio, absolutamente transparente. Ao cabo de uma hora, aparecem pontos brilhantes, do tamanho de pontas de alfinetes, que aumentam e se tornam pequenos grânulos esféricos sem estrutura interna ("conservats"). Ajuntando-se a esses extratos vivos de hidra uma solução nutritiva contendo extrato de *ciclopes*, (2) acelera-se a transformação e os grânulos se tornam células normais, dotadas de núcleo, e começam a se dividir. Na ausência de meio nutritivo, pelo contrário, desaparecem os grânulos.

Experiência de grande alcance prático, esta reconstituição das hidras esmagadas; para o caso, por exemplo, dos ferimentos em homens e animais. Ao se dar o ferimento, algumas células são completamen-



te destruídas; a substância do núcleo, misturada a fragmentos de protoplasma, constitui uma massa homogênea não celular. Como se efetua a cicatrização? Uma série de microfotografias de feridas mostra-nos bordos destas, uma acumulação de grânulos, que, pouco a pouco se tornam esférulas, adquirem um núcleo e se transformam em células de tecido conjuntivo ou de pele. Tudo vem dos grânulos de substância viva que provêm das células e dos tecidos dilacerados.

Quanto ao alimento dessa substância viva, é constituído pelo sangue que impregnou a ferida, ali ficou e participa diretamente na formação do tecido conjuntivo e dos glóbulos brancos.

Eis o que explica fecharem-se mais rapidamente do que as pequenas, as grandes feridas, em igualdade de condições. Donde a proposta de *pensos de sangue* (ou hemocurativos) feita em 1940 por Olga Lepechinskaia, os quais, largamente aplicados durante a última guerra, salvaram milhares de vidas.

Como se vê, num resumo imperfeitíssimo, a cientista soviética muito contribuiu

para solucionar o que certos cientistas ocidentais e cristãos chamam gravemente — o *mistério da vida*. A vida da mulher e da cidadã não é menos interessante, e vem mais uma vez demonstrar que o amor ao trabalho e ao estudo, o talento e a pertinácia — "não movidos de prêmio vil", sem o famoso estímulo do dinheiro — podem realizar grandes cousas.

Já vimos, embora muito perfunctorialmente o que foi a sua mocidade e a sua maturidade. Em 1936, com 65 anos, vence as dezesseis provas do diploma esportivo "Pronta para o trabalho e a defesa", e recebe a insígnia de "Atirador Vorochilov" (atirador de classe.) Quatro anos depois, entra num hospital com uma fratura do fêmur, para sair curada, ao cabo de três meses, com espanto dos médicos.

Depois a guerra, a evacuação, o Ural do Sul, onde ela, impossibilitada de prosseguir nos seus trabalhos habituais — pinta janelas e portas. Em 1943, regresso a Moscou, reorganização do seu laboratório e reinício do labor científico. Chamam-na um dia ao telefone: uma voz calma, ponderada, lhe dirige breves palavras de estímulo e agradecimento do homem que tinha sobre os ombros as maiores responsabilidades políticas e militares que a história ainda conheceu — José Stálin. Ao completar 75 anos recebe Olga Lepechinskaia a condecoração da Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho — a mais bela, a mais nobre recompensa já concedida pelos homens.

A sua monografia sobre a origem das células e a matéria viva, publicada em 1945 com prefácio de Lissenko, abre brecha na "teoria cromossômica" da hereditariedade, a teoria do "fundamento hereditário", que se transmite de geração em geração, com as modificações devidas ao acaso de mutações imprevisíveis, sem relação com o meio. Para ela, como para Lissenko, o homem pode modificar e mesmo criar formas vivas. Entretanto, três anos depois, esse trabalho é condenado por treze *sumidades* científicas, seguidoras servis dos princípios *eternos* de Mendel e Morgan... Mas, passado apenas um mês e meio, tal ciência eterna, clássica, imutável — é refutada com enorme repercussão na Academia Lênin de Ciências Agrícolas.

A contribuição pessoal de Olga Lepechinskaia consiste em ter demonstrado experimentalmente que *as células não se constituem somente a partir de outras células, por via de divisão, mais que todas as células se desenvolvem a partir da substância viva que não tem estrutura celular*. O imenso valor dos seus trabalhos científicos foi altamente reconhecido. A 21 de setembro de 1950, obteve a título excepcional um prêmio Stálin de 1.ª classe e foi recentemente eleita deputada ao Soviete Supremo da R.S.F.S. da Rússia.

Na sua vida particular sofreu o desgosto de perder seu marido, amigo e correligionário, após 49 anos de vida comum e feliz. Perdeu também o filho adotivo, Rubens, filho de Dolores Ibarruri, La Passionária, que tombou combatendo valorosamente em Stalingrado. Vive com sua filha Olga e outra filha adotiva, Bibissara, uma tãrtarazinha que adotou em 1921. Essa mulher admirável tem hoje 79 anos e ainda trabalha; dirige o laboratório de citologia do Instituto de Biologia Experimental anexo à Academia de Ciências Médicas da União Soviética.

(1) Dá-se o nome de *vitellus* à massa granulosa do ovo dos animais, isto é, à *célula mater*, que também compreende, como toda célula, membrana e núcleo; nos pássaros, o *vitellus* é constituído por toda a massa da gema. As *esférulas vi-*

telinas são granulações do *vitellus*, com um diâmetro de 26 a 100 microns (1 micron = 1/1000 de milímetro.).

(2) Animalzinho de água doce, muito apreciados pelas hidras.

Livros e Revistas

"La jeune fille de Kachine, journal intime et lettres d'Ina Komsantinnova" (A jovem de Kachine, diário íntimo e cartas de Ina Komsantinnova), traduzidos do russo e apresentados por Elsa Triolet.

O que mais impressiona neste bellissimo livro, que não é um romance, mas um documento humano, humanissimo, é a pureza de sentimentos que se espalha em todas as suas páginas. A heroína — e este termo é aqui usado no seu verdadeiro sentido — nascida em 1924, na cidadezinha de Kachine, perto de Moscou, já aos 16 anos escrevia o seu diário, nele depositando o que havia de mais íntimo em seu ser, as suas simpatias e antipatias, seus namoros, seus entusiasmos, e toda a alegria e vivacidade de sua juventude. Em 1941, sua vida foi atingida, com tudo que a cercava, pela avalanche da guerra. Mudanças, transtornos, as notícias cada vez mais trágicas do avanço alemão, o ódio contra os invasores, a ausência do pai, que vai combater com os guerrilheiros, e aquele desejo de ser útil ao seu país, desejo que cresce com o desenvolvimento da consciência, tudo isso termina levando-a a abandonar a família e seguir para trás das linhas alemãs, a fim de lutar também como guerrilheira; ali trabalha, ajuda, combate com determinação e segurança, de 1942 a 44, até ser morta em ação, quando, sozinha, com sua arma automática, defende a retirada de seus companheiros.

Não se trata aqui de uma Joana D'Arc que, levada pelas palavras dos santos que, levada pelas palavras dos santos sózinha o animo de seu povo, arrastando-o para a expulsão do inimigo invasor. É agora uma dentre muitas, dentre os milhares de jovens que nesta ultima guerra exprimiram o protesto de sua patria invadida, formando nas retaguardas do inimigo, uma das forças decisivas para a derrota do nazismo.

E na vida de Ina não há nada que a distinga como pessoa excepcional, de espécie diferente dos seus colegas e companheiros. Apenas uma exuberância que a faz amar com intensidade, desde os primeiros namoros dos 16 anos, quando ela chega a escrever no seu diário: "Agora, o principal: eu dancei com ele. Meu sonho numero um realizou-se. Como é maravilhoso!"

Ela adora a poesia e frequentemente transcreve trechos de Maiakovski e outros, em que se exalta a vida e a juventude. Escreveu também alguns versos, aliás de pouco valor. Para ela, em uma bela noite de luar, "tem-se o desejo de sonhar com o que é belo, com o que é impossível"... "Uma vez, em uma noite dessas, eu fui até bem dentro da floresta. E isto será o principio de um conto de fadas..."

Nessa idade, Ina vive a maior parte do tempo na escola; seus mais importantes assuntos são os colegas, as suas notas boas ou más, as dificuldades em matemática, as punições pelos desleixos em estudo ou mau comportamento, tudo como a grande maioria dos jovens de 16 anos. Mas essa parte do livro tem também o valor documental sobre a vida na Rússia, em particular a vida escolar. No livro estão transcritas composições de

Ina sobre aspectos da literatura russa, como o caráter de um tal personagem de Gogol, as mulheres nos romances de Turgueniev, observações sobre Tolstoi, etc., que revelam um estágio de cultura que difficilmente podemos conceber entre os jovens dessa idade no Brasil.

A guerra vem alterar todo esse sistema de vida. A principio, Ina sofre como todos os outros; Kachine está irreconhecível, as tropas invasoras se aproximam e ela tem que se refugiar com sua família em outra cidade, onde também não poderá parar. E é nessa época que ela tem noticia da morte do seu ultimo e maior amor, Mishka. As paginas do diário dedicadas aos sentimentos de Ina, de desespero, saudade e resignação, revelam quão profundo já era o amor dessa menina. Mas a mocidade supera a dor, e alguns meses após, na primavera de 42, ela já escrevia: "A vida! minha querida vida, eu te agradeço pelos meus dezessete anos, pela minha alegria, pelas cores com que te adornas. Como é bom viver! como é bom!"

E é esse sentimento que Ina leva consigo para as guerrilhas. Alegria, camaradagem, delicadeza, mas ao lado disso, um patriotismo que mantém aceso o ódio ao invasor e faz com que ela resista a interrogatorios, aos espancamentos, às torturas, nas duas vezes em que foi presa. Ela que, um ano antes esvaia-se em lagrimas no consultorio de um dentista, suporta impavida a brutalidade do oficial alemão que lhe queima o pulso com o charuto aceso.

Outro traço de sua exuberância, aliada à melguice, está nas expressões de ternura que usa nas cartas para a família: "Meus queridos, meus bem amados, perdoem-me! Bem sei que com vocês eu não agi direito, mas foi melhor assim. Eu não poderia suportar as lagrimas de mamãe..." é como ela comunica a sua ida para as guerrilhas. Para sua mãe, não há limites de ternura: "Minha querida, minha gentil adorada, não tenha pena, não chore mais... eu a beijo sem fim, meu solzinho".

E nas guerrilhas, durante o periodo em que luta ao lado do pai, no intervalo entre dois tiroteios com grupos de alemães, devaneando, sonhando com a vida pacifica de após guerra, ela dizia: "Nós iremos passear no tanque, de bote, como no mar Negro. E mamãe estará sentada num banco, lá em baixo, e nos gritará de longe: "Cuidado, não se afoquem!" Como é gentil, nossa Mamãe! que fará ela neste momento?..."

Esse documento humano, essa vida breve de que acompanhamos com lagrimas nos olhos os quatro ultimos anos, pulveriza todas as imagens tenebrosas que os Koestlers e Cia. venderam a bom preço, por encomenda dos fabricantes de guerra, e que formam a cortina de fumaça que impede a grande maioria dos nossos intelectuais de ver com clareza o que se passa no mundo. Não há logoi ou Comissário que se mantenha de pé, como documento de um suposto regime de opressão, diante da naturalidade e intensidade de sentimentos e a beleza da vida dessa simples jovem de Kachine — um exemplo entre muitos do que é a vida na União Sovietica.

C I N E M A

NELSON DOS SANTOS

Apesar de truncada, desmembrada e, por vezes, incompreensível, a história de "Angela" merece um estudo pormenorizado pelo importante fato que caracteriza, isto é, o sentido antinacional e cosmopolita que está tomando a industria de cinema no Brasil. Basta um rapido balanço nas produções da Vera Cruz e da Maristela para se chegar a esta conclusão. Os temas que nelas encontramos são farrapos dos temas surradissimos do cinema internacional e, especialmente, do cinema de Hollywood. Tem havido da parte das duas maiores produtoras do país um desprezo absoluto pela realidade em que vive o povo de nossa terra.

Em "Angela", porem, é que podemos avaliar a profundidade desse fato. Se em "Caçara" e em "Terra, Sempre Terra" havia ainda aparências brasileiras no ambiente e nos personagens, em "Angela" tudo é descaradamente estranho às nossas coisas e nossa gente. Foi filmada no Rio Grande do Sul e teve por base "um conto de Hoffmann." Mas, tanto Hoffmann como os pampas e o gaúcho nada têm a ver com esse aleijão de argumento cinematografico que a propaganda quis impingir com o rotulo de "a primeira história de amor filmada no Brasil."

Tarefa bem difficil, entretanto, é a de se encontrar uma história de amor com nexos naquele amontoado de situações banais, em que aparecem jogatimas desenfreadas, jogadores irremediáveis, homens

e mulheres sem objetivo. O que se tem à vista, isto sim, são os elementos característicos do cosmopolitismo, de que estamos acostumados a ver em fitas americanas.

A começar pelo tema central, para o que foi elegida uma situação anormal dentro da sociedade: o vício do jogo. E, da mesma maneira que Hollywood faz para com os tarados, alcoolatras e degenerados, este vício é focalizado em "Angela" não no sentido de combate, de prevenção ou de repudio mas, como se fosse meio de vida. E como o heroi é um jogador, a tendencia natural do publico é a de emprestar-lhe simpatia.

O segundo elemento dissolvente consiste na exaltação da bruxaria. Nada pode o homem contra sua sorte; tem que sofrer, sucumbir, porque as cartas assim o disseram. Seguindo a previsão da cartomante, Dinarte, cujo sucesso no jogo era espantoso, nunca mais consegue ganhar. Esta reverencia à macumba, ao sobrenatural, ao sortilegio, misturada com personagens corruptas, dá ao filme um clima sufocante de desespero e pessimismo.

No tocante aos tipos, então, a falsidade é generalizada. Nenhum deles tem fundamento no povo brasileiro. E' verdade que existem jogadores no Brasil, como existem esquizofrenicos ou bebedos mas, formam à parte da sociedade, na minoria dos anormais. Mesmo assim, Dinarte não é um simples homem viciado. E', antes

fundamentos

de tudo, uma espécie de aventureiro internacional, desses desligados de família, de pátria, de vida progressiva inexplicável, que poderia aparecer no Rio Grande do Sul como num cassino flutuante no rio Hudson.

A figura de Angela, que resume a mulher sem vontade, inerte, sofredora e desesperada, é contraditória. Odeia o jogo; teve o exemplo da existência de sua mãe e, no entanto, casa-se com um jogador. Nasceu naquela cidade; era amiga de Jungo desde a infância e, no entanto, na fazenda deste, porta-se como uma estrangeira ao perguntar o que significava uma festa tradicional de gauchos. A velha avó, que nos diálogos se mostra decidida e brava, na prática é igual à Angela. Aceita a casa do jogador para morar, quando, na sua condição de mulher antiga, chela de princípios mornis, preferiria passar fome a se sujeitar a semelhante humilhação.

O dono do cassino, então, representa o máximo de imitação a que poderia atingir o autor do argumento. Ele e sua casa de jogo parece que foram contrapostos de um filme americano do gênero, de tão inverossímeis e inaceitáveis que são dentro do ambiente de uma cidade de Interior.

Pode ser que na "alta sociedade" esses tipos sejam encontrados; que o jogo e o sortilégio constituam a ocupação e a filosofia dos homens; e o desespero e o suicídio a única saída. Mas, não podemos aceitar tais personagens como reflexo da vida do nosso povo, como não podemos aceitar como brasileiros os homens das classes que vivem num alto nível material à custa da exploração da esmagadora maioria da população do país.

Para mistificar esse conteúdo avesso nos sentimentos nacionais foram empregadas as velhas formulas cinematográficas de Hollywood que, como diz John Howard Lawson (um dos "dez"), têm o fim específico de esconder as deficiências da contextura dramática ou de, simplesmente, enganar o público com seus efeitos visuais. Mas, os diretores de "Angela", que não são mestres no assunto e sim péssimos alunos, só souberam dela tirar proveito em alguns momentos. Tanto assim, que a fita subsiste em função desses momentos. Fora disso, não tem vitalidade, tropeçando de sequência para sequência, sem lógica nem ritmo. Sem os efeitos de laboratório, que resta de "Angela"? Apenas erros grosseiros de cinema que não podem justificar de maneira alguma a opinião de que "Angela" é um filme formalmente bem feito. As sobre-impressões e as fusões têm o fito de provar que o cinema brasileiro saiu do infantilismo da fase anterior. Se aprofundarmos a crítica, porém, encontraremos nessa fita as mesmas incongruências, as levandades de tratamento, a interpretação maçante, a continuidade descuidada e uma ausência completa de montagem criativa, que caracterizavam o cinema nacional de anos atrás.

Enfim, "Angela" é um monstinho criado no Brasil à imagem dos peludos espécimes americanos: no fundo e na forma, é intencionalmente cosmopolita. E, considerando a força do cinema, estaremos medindo o poder dessas armas que se encontram nas mãos dos inimigos da nossa cultura. Não podíamos esperar, é fato, que uma empresa como a Vera

Cruz, totalmente comprometida com o truste anglo-americano Universal International, produzisse obras que não cosmopolitas. É da própria condição de burguesia nacional o cosmopolitismo. Sua presença no cinema é o efeito de toda a política servil das classes dominantes em relação aos interesses imperialistas norte-americanos.

Jamais montariam uma indústria que espalhasse filmes de conteúdo essencialmente brasileiro, pois o sentimento nacional e a independência cultural e artística impedem a realização dos planos de colonização do Brasil, impedem que a nação se torne presa fácil para os monopolios americanos arrastar em suas aventuras guerreiras. São, ademais, sérios obstáculos à burguesia feudal e industrial conservar o poder sob a proteção dos imperialistas, em troca da subserviência no plano internacional. Para ela não há pátria, e isto temos visto com clínico consentimento dos nossos governantes ante a crescente penetração do imperialismo americano no Brasil, em nome de tratados e acordos supranacionais. Nessa diplomacia, o governo brasileiro contrata não em proveito do Brasil e dos interesses do nosso povo mas, em nome do pan-americanismo, em nome

das Americas, o que quer dizer, em proveito dos monopolios de Wall Str

É o cosmopolitismo demonstrado pelas classes dominantes no terreno político-econômico que determina o influxo de ideias antinacionais na cultura e artes. E estas, por sua vez, com a diminuição do pessimismo, do fatalismo, da dúvida e da angústia, preparam o clima psicológico propício à política imperialista de dominação e de guerra.

Eis até onde nos conduz o fenômeno novo da manifestação em massa do cosmopolitismo no cinema brasileiro. Se literatura, na pintura, os intelectuais nestos, aqueles que amam sinceramente o progresso do nosso povo, têm luta incansavelmente em defesa da cultura nacional, dentro do cinema essa batalha assume proporções gigantescas, pois gigantesco são os males causados pelo mau cinema.

Os cineastas brasileiros, jovens na maioria, e todos aqueles que esperam nascimento do verdadeiro cinema nacional têm, portanto, o dever de tomar posição decisiva nessa luta, em prol da realização de assuntos que reflitam a realidade, os sentimentos e a vida do povo de nossa terra.

GALEÃO COUTINHO

A Redação de Fundamentos registra, com profundo pesar, o desaparecimento, em trágico desastre de aviação, do escritor e jornalista Galeão Coutinho.

Relembramos com gratidão as muitas gentilezas que lhe deviamos, as críticas construtivas que oferecia ao nosso trabalho, a sua sempre renovada disposição em cooperar conosco, como ainda recentemente aconteceu, por ocasião do julgamento do grande concurso de contos instituído por esta revista, a sua apreciada colaboração em nossos colunas. Relembramos, com saudade, a visita rápida e alegre que nos fazia por vezes; a verve e a malícia com que tudo, e todos, comentava; riso franco, a gargalhada impar.

Galeão Coutinho foi um escritor de real valor, além de jornalista de largos recursos. Seu estilo era simples e elegante, calcado na melhor tradição, da língua. Sua análise era clara e direta. Sua inspiração, democrática, e muitas vezes, revolucionária. Sua contribuição à cultura brasileira merece destaque especial, pois além de seus livros e escritos, Galeão Coutinho deixou obra considerável como editor e tradutor. Sua orientação, nas iniciativas culturais que tomava era sempre democrática, de elevado sentido progressista. O sempre democrático, de elevado sentido progressista. O

mesmo se dirá de suas atitudes públicas. Galeão Coutinho era um democrata. Nos últimos tempos, foi grande a sua atividade em todos os movimentos que assinalam a ascen-



ção democrática no país; destacando-se sua assinalada contribuição para as grandes campanhas de defesa da paz, e, sua denodada atuação como presidente da ABDE, seção de São Paulo. Poucos dias antes de sua morte podia constatar Galeão o apreço em que o tinham os escritores progressistas de São Paulo, nas repetidas homenagens que recebeu durante o III Congresso Paulista de Escritores. Por todos esses títulos, e em nome ainda da amizade pessoal que ligava muitos dos nossos redatores a Galeão Coutinho, deixamos consignado aqui o voto de profundo pesar com o que FUNDAMENTOS registra o prematuro desaparecimento do grande escritor.

RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO VALE DO PARAIBA



CATULLO BRANCO

Ao percorrer a região do Vale do Paraíba, por ocasião dos estudos topográficos para projeto da usina de Caraguatatuba, impressionou-me o aspecto de pobreza em tão rico território. Lembrei-me dos contos de Monteiro Lobato, descrevendo, com realidade artística tão acentuada, a vida naquela região. Deparei frequentemente com os grandes casarões, testemunhas vivas do luxo e da riqueza de outros tempos, e rodeados atualmente por terras em erosão, onde o que se vê é capim barba-de-bode, percebendo-se ainda, nas encostas dos morros, o risco de antigos cafezais, sustentáculo primordial da economia do segundo império. As terras empobreceram; o povo, em sua maioria, empobreceu. O rio tornou-se torrencial, com grandes cheias cíclicas destruidoras das culturas das margens e que já atingem e danificam cidades como Guaratinguetá. Fotografias tiradas de avião nos mostram que, nos últimos tempos, este rio já mudou três vezes de leito em certos trechos.

Ao estudarmos as possibilidades econômicas dessa região situada entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros do país, ficamos verdadeiramente surpreendidos, com o contraste apresentado pelo fato de este quadro de pobreza e atraso verificar exatamente em um local de enormes riquezas potenciais e ao qual está reservado um futuro de grande desenvolvimento industrial. Não, só no próprio Vale, como também não muito afastado dele, existem notáveis depósitos de minérios essenciais à indústria. Além do que, seu clima é excelente; são fáceis os meios de transporte; há água em abundância para o uso das indústrias e também para a irrigação dos campos; o rio poderá ser transformado em ótima via de navegação e, sobretudo, dispõe de enormes mananciais de energia elétrica. A recuperação do Vale ocasionará tais alterações no país que, segundo um grande urbanista, até mesmo os graves problemas de urbanismo de São Paulo e Rio virão a ser resolvidos com o desenvolvimento do Vale. Com bastante razão o Vale do Paraíba tem sido cognominado por "futuro Rhur Brasileiro".

A situação aqui descrita tem trazido as mais sérias preocupações às empresas imperialistas que operam em nosso país. Entre elas, tem se destacado a Light, que há mais de anos vem quebrando lanças para se apossar destas enormes possibilidades hidroelétricas, no afã de conservar as vantagens de suas concessões. Assim foi que, em 1930, pretendeu fazer uma permuta em que desistia da concessão de um riacho e receberia, como compensação, todo o Vale do Paraíba acima de Guararema. Mais tarde, conforme denuncia o Gen. Juarez Tavora, manobrou dentro da administração pública e impediu a construção da usina do Salto, no rio Paraíba. Ultimamente, em 1945, obteve autorização para executar obras nesse rio, em Barra do Piraí, Estado do Rio, condicionadas à exigência de que não fosse permitido o desvio do Paraíba rumo a Caraguatatuba, impedindo, assim, a realização de uma usina que nos beneficiaria com um 1.000.000 de c. v. A estas manobras, à ação do capital colonizador, é que se devem o atraso e a pobreza em que se acha o Vale do Paraíba.

Mas aqui cabe uma pergunta: De que forma será reerguido o Vale do Paraíba? Será por forma técnica diferente da que foi posta em prática no Vale do Tennessee nos Estados Unidos, ou no Vale do Rhodano na França, ou no Vale do Dnieper ou Volga na URSS? Não; não poderá a solução ser aqui diferente. O reerguimento se processou sempre pela mesma forma: aproveitamento dos rios promovendo triplíce benefício — produção de energia elétrica, navegação em boas condições econômicas e regularização da vazão do rio.

No caso do rio Paraíba a solução é evidente: as águas das cheias dos seus formadores — Paraitinga e Paraíba —, represadas, serão lançadas serra abaixo para a usina de Caraguatatuba, em um empreendimento semelhante ao já realizado no Cubatão com o represamento das cabeceiras do Tietê.

Da confluência destes dois rios, onde a vazão mínima é de 25 m³/seg., vai o rio Paraíba engrossando, passando a sua vazão mínima a 100 m³/seg. em Barra do Piraí, já a meio caminho, e a cerca de 200 m³/seg. nas imediações de sua foz. Da confluência do Paraitinga — Paraíba, até a foz, o desnível total é de 620 metros. A regularização da vazão, neste trecho, será grandemente facilitada pelo desvio das cheias das

cabeceiras rumo a Caraguatatuba; mas, só poderá ser completada pela execução, ao longo do rio, de talvez trinta usinas de represamento que transformarão a superfície líquida em uma série de degraus de escada. As águas se tornando, então, mansas, profundas, adequadas a uma navegação econômica e o fenômeno das cheias será amortecido nessa série de represamentos.

No Vale do Tennessee foram executadas assim 19 barragens e foram montadas nelas outras tantas usinas hidroelétricas. No Vale do Rhodano estão já projetadas e em grande parte em execução, mais de 12 barragens deste tipo; o rio Dordogne já foi regularizado com seis barragens construídas ao longo de seu percurso.

Entre nós, tem sido a opinião pública cuidadosamente desorientada de uma justa solução no Vale do Paraíba. Mas, nem sempre conseguem os trustes manterem esta questão arquivada; ora têm que vir a público lutando por concessões, como em 1930 (na questão do lançamento das águas do Paraíba no Tietê), ou em 1945 (na questão do desvio de Barra do Piraí), ou mesmo quando impediram a construção da usina do Salto em 1938. No emaranhado desta luta, o desenvolvimento econômico e social e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos fizeram com que o povo, desejoso de bem-estar e progresso, fosse pouco a pouco se esclarecendo e compreendendo a justa solução.

Acontece, porém, que os trustes se aproveitam também do sentimento generalizado de desejo de progresso e de desenvolvimento industrial dos povos que lutam contra a situação de colonialismo. E como os trustes imperialistas se aproveitam destes sentimentos para a sua propaganda? De que falam então? Do "ponto quatro" do auxílio aos países subdesenvolvidos. O dinheiro e o auxílio virão daqueles mesmos centros para onde se canalizam os lucros da Light, Bond and Share, Bung e Born, etc., etc. Organizam comissões técnico-econômicas americanas que já estão funcionando no Brasil. Como complemento constituem uma "Empresa de Financiamento" sob a orientação do "Chase Bank", dirigido por David Rockefeller. Vão logo pedindo empréstimos ao Banco do Brasil, pretendendo recorrer a outros fundos públicos tais como o das Caixas Econômicas, pretendendo também vender ações em nosso meio social, enfim, pretendendo repetir entre nós as mesmas cousas que Samuel Insull realizou nos Estados Unidos e que terminaram em processo escandaloso.

Por outro lado servem-se de jornais como o "Estado de São Paulo" para propaganda das ideias que convêm aos trustes. Assim é que deparamos um artigo publicado neste jornal, no dia 4-9-51, intitulado "A Recuperação Econômica do Vale do Rio Paraíba", em que, sob aspecto muito sério e em bom português, defende a ideia de "retificação do rio Paraíba". Um simples curioso deste assunto sabe que, em nenhum país do mundo, este problema é resolvido pela retificação e, sim, exatamente pelo contrário — pelo represamento. Com a retificação, as preciosas águas do rio Paraíba adquiririam maior velocidade e com maior velocidade seriam lançadas ao mar. O enriquecimento da terra exige a irrigação e a irrigação exige o represamento.

No tempo em que os problemas do Vale do Paraíba eram mantidos arquivados para vantagem da Light, então artigos, como o acima citado, poderiam ter aceitação. Felizmente para nós, o número dos que acompanham e estudam o desenvolvimento econômico do país aumentou de muito. E, também, a nossa experiência nos tem mostrado que o caminho fácil, com o qual nos estão acenando os interessados nos grandes trustes, não nos conduzirá sendo a futuras desventuras. O caminho do nosso progresso só poderá ser o do nosso próprio labor, o do nosso próprio esforço. Quanto à solução do problema do Vale do Paraíba, o que vemos é que ela é simples, mas, para pô-la em prática, uma coisa é de necessidade imprescindível — o afastamento dos trustes que operam nesta indústria em nosso país.